



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ECONOMIA
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

NELSIVAN GONÇALVES BISPO

**UMA ANÁLISE ESTRUTURAL E REGIONAL DE CULTURAS AGRÍCOLAS POR
MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA ENTRE 2001 E 2010 COM BASE NO
MODELO *SHIFT AND SHARE***

SALVADOR
2012

NELSIVAN GONÇALVES BISPO

**UMA ANÁLISE ESTRUTURAL E REGIONAL DE CULTURAS AGRÍCOLAS POR
MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA ENTRE 2001 E 2010 COM BASE NO
MODELO *SHIFT AND SHARE***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Economia da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Área de Concentração: Economia Regional e Meio Ambiente

Orientador: Lívio Andrade Wanderley

**SALVADOR
2012**

Ficha catalográfica elaborada por Valdineia Veloso CRB 5-1092

Bispo, Nelsivan Gonçalves.

B621 Uma análise estrutural e regional de culturas agrícolas por mesorregiões do Estado da Bahia entre 2001 e 2010 com base no modelo *shift and share* / Nelsivan Gonçalves Bispo. – Salvador: 2012.

183 f. graf. tab.

Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia da UFBA, 2012.

Área de concentração: Economia regional e meio Ambiente
Orientador: Prof. Dr. Lívio Andrade Wanderley

1. Economia agrícola – Bahia 2. Produtividade agrícola. I. Bispo, Nelsivan Gonçalves. II. Wanderley, Lívio Andrade. III. Título

CDD 338.17361898142



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ECONOMIA
FUNDADA EM 07.02.1905



CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA



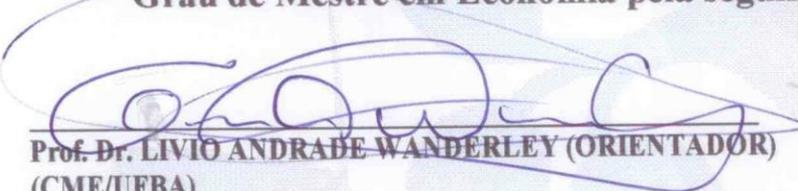
TERMO DE APROVAÇÃO

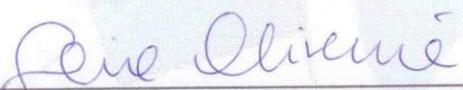
NELSIVAN GONÇALVES BISPO

**“UMA ANÁLISE ESTRUTURAL E REGIONAL DE CULTURAS
AGRÍCOLAS POR MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA ENTRE
2001 E 2010 COM BASE NO MODELO *SHIFT AND SHARE*”**

Aprovada em 14 de novembro de 2012.

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Economia pela seguinte Banca Examinadora:


Prof. Dr. LIVIO ANDRADE WANDERLEY (ORIENTADOR)
(CME/UFBA)


Prof.ª Dr.ª GILCA GARCIA DE OLIVEIRA
(CME/UFBA)


Prof.ª Dr.ª MÂRCIA DA SILVA PEDREIRA
(DEPTO. CIÊNC. SOC. APLIC./UEFS)

Dedico este trabalho aos meus pais, Nilson Salvador (*in memoriam*) e Maria da Glória, por tudo que me ensinaram e por todo o incentivo; às minhas irmãs, Nanny e Selma, por todo apoio; e, à minha querida sobrinha, Isabella.

AGRADECIMENTOS

Palavras não são suficientes para demonstrar minha imensa gratidão por todos que me apoiaram e estiveram ao meu lado durante esse período que se conclui com essa dissertação. Para todos estes meu eterno reconhecimento.

Agradeço então a Deus por ter permitido que este meu objetivo fosse alcançado, me guiando, me dando força e sabedoria para enfrentar as dificuldades, não me deixando desistir deste grande sonho.

Aos meus familiares, principalmente à minha mãe Maria da Glória (Lia), pelos seus ensinamentos, incentivos, amor e por todos os esforços para que fosse concretizado mais um ciclo de minha vida. Às minhas irmãs, Nanny e Selma, que sempre confiaram em mim e me apoiaram em tudo com seus conselhos e carinhos, e, à minha sobrinha Isabella que me serviu de inspiração.

Agradeço também a minha tia Zizi, aos outros tios e tias, e a todos os primos e primas que sempre torceram por mim.

Ao meu orientador Lívio Wanderley, por acreditar em mim, repassando conhecimentos que foram de grande importância para meu amadurecimento acadêmico. Agradeço também pela paciência que teve durante todo esse período, e pelas dicas de pesquisas em economia regional, que foram sempre úteis e bem vindas para a constituição deste trabalho.

Ao curso de mestrado em Economia. À Secretaria, Ruy e Max, que sempre estiveram dispostos a nos ajudar com seus trabalhos. A todos os professores que contribuíram dividindo seus conhecimentos.

As professoras Gilca Oliveira e Márcia Pedreira, pela participação na banca examinadora com importantes contribuições.

Agradeço também a FAPESB pela concessão da bolsa de estudo que foi de fundamental importância para uma dedicação exclusiva ao mestrado durante todo o período de cumprimento das disciplinas estudadas.

A todos que ingressaram comigo no mestrado de Economia turma 2010, que com união e cumplicidade houve a ajuda coletiva para superar cada etapa do curso.

Aos amigos João Batista, Kallenya, Daniela Lima e Érica Imbirussú, que estiveram sempre ao meu lado nas discussões e nos debates acadêmicos, e também nos momentos de descontração, se tornando pessoas que sempre farão parte da minha vida e que carregarei para sempre em meu coração.

Aos meus amigos da graduação, que também foram pessoas que contribuíram para o meu crescimento na formação acadêmica, Marcela, Mirella, Nara e Felipe.

A minha “prima-amiga-irmã” Nelma Freitas e ao meu grande amigo Pedro Paulo, duas pessoas que sempre torceram e acreditaram em mim, me dando força e me estimulando a vencer estando disponíveis para mim sempre que precisei. Meu agradecimento especial.

As pessoas que se dedicaram e emprestaram um pouco de seus tempos para contribuírem com este trabalho através das correções, Manoel, Cacildo e Cristina.

“O degrau de uma escada não serve simplesmente para que alguém permaneça em cima dele, destina-se a sustentar o pé de um homem pelo tempo suficiente para que ele coloque o outro pé um pouco mais alto.”

Thomas Huxley

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo primeiro elaborar um diagnóstico sobre as atuais configurações das mesorregiões do estado da Bahia e dos seus principais municípios através da observação da evolução do Valor da Produção Agrícola de cada cultura desenvolvida nessas mesorregiões entre os anos de 2001 e 2010. Para isto, aplicou-se o modelo *shift-share*, formulado por Stilwell (1969), usando a variável “valor da produção agrícola” das principais culturas de cada uma das sete mesorregiões e seus correspondentes municípios, visando, dessa forma, averiguar o desempenho das componentes de crescimento contidas no modelo – global, estrutural modificada e regional residual. Neste contexto, a investigação delimita-se a encontrar sinais de dinamismo das culturas agrícolas observados no período, identificando indícios causadores do aumento do valor da produção nos municípios. Os dados utilizados foram da Produção Agrícola Municipal (PAM-IBGE) dos anos 2001 e 2010. Foi feita uma correção para os valores do ano de 2001, empregando como referência o Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI). Os resultados indicaram a relevância da taxa de crescimento de cada mesorregião como fator impulsionador do desenvolvimento das culturas de cada município, ao mesmo tempo em que se notou a contribuição das mudanças estruturais e de influências endógenas locais no período como determinantes do crescimento em alguns municípios.

Palavras-chave: Valor da Produção Agrícola. Modelo *Shift-Share*. Municípios. Mesorregiões. Bahia.

ABSTRACT

This thesis aims to develop a first diagnosis of the current settings of mesoregions state of Bahia and its major cities by observing the evolution of the Value of Agricultural Production of each culture developed these mesoregions between the years 2001 and 2010. For this, we applied the *shift-share* model, formulated by Stilwell (1969), using the variable "value of agricultural production" main crops of each of the seven mesoregions and their corresponding municipalities, seeking thus to ascertain the performance growth of the components contained in the template – global, structural modified and regional residual. In this context, research delimits to find signs of dynamism of agricultural crops in the period observed, identifying evidence causing the increase in the value of agricultural production in the municipalities. The data used were the Municipal Agricultural Production (PAM-IBGE) the years 2001 and 2010. It was made a correction to the values of 2001, using as reference the General Price Index-Internal Availability (IGP-DI). The results indicated the importance of the growth rate of each driving factor as mesoregion development of cultures of each municipality, while noted the contribution of structural changes and influences endogenous sites in the period as determinants of growth in some municipalities.

Keywords: Value of Agricultural Production. *Shift-Share* Model. Municipalities. Mesoregions. Bahia

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Figura 1 - As três realidades territoriais do estado da Bahia.....	39
Figura 2 - Principais Polos Agropecuários do estado da Bahia.....	44
Gráfico 1 - Valor da Produção Agrícola – Bahia, 2001-2010.....	46
Gráfico 2 - Composição das lavouras no Valor da Produção Agrícola do estado da Bahia, 2010.....	47
Figura 3 - Mapa do estado da Bahia com destaque para as mesorregiões geográficas.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Extremo Oeste Baiano.....	75
Quadro 2 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Centro Sul Baiano.....	87
Quadro 3 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Nordeste Baiano.....	96
Quadro 4 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Centro Norte Baiano.....	104
Quadro 5 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Vale do São Francisco da Bahia.....	114
Quadro 6 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião Sul Baiano.....	123
Quadro 7 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião Metropolitana de Salvador.....	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Evolução da quantidade produzida na agricultura baiana - produtos selecionados - 2001/2010, em toneladas.....	42
Tabela 2 - Evolução do Valor da Produção na agricultura baiana - produtos selecionados - 2001/2010, em mil reais.....	45
Tabela 3 - Análise da evolução do valor da produção total do estado da Bahia por mesorregiões entre os anos 2001-2010, em mil reais.....	49
Tabela 4 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião do Extremo Oeste baiano.....	50
Tabela 5 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião do Centro Sul Baiano.....	53
Tabela 6 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Nordeste Baiano.....	54
Tabela 7 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Centro Norte Baiano.....	55
Tabela 8 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Vale do São Francisco da Bahia.....	57
Tabela 9 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Sul Baiano.....	59
Tabela 10 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Metropolitana de Salvador.....	60

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGF	Aquisição do Governo Federal
CAI	Complexo Agroindustrial
CCEM	Componente de Crescimento Estrutural Modificada
CCG	Componente de Crescimento Global
CCRR	Componente de Crescimento Regional Residual
CCT	Componente de Crescimento Total
CEASA	Centro Estadual de Abastecimento
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CIA	Centro Industrial de Aratu
CNA	Confederação Nacional da Agricultura
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios
IGP-DI	Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna
PAM	Produção Agrícola Municipal
PGPM	Programa de Garantia de Preços Mínimos
PIB	Produto Interno Bruto
PNB	Produto Nacional Bruto
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
RMS	Região Metropolitana de Salvador
SEAGRI	Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária
SEI	Superintendência de Estudos Socioeconômicos do Estado da Bahia
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
USP	Universidade de São Paulo
VP	Valor da Produção

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ALOCAÇÃO REGIONAL DA ECONOMIA BAIANA E O SETOR AGRÍCOLA	18
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL DA ECONOMIA BAIANA	18
2.2	MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL E NA BAHIA	23
2.2.1	Leituras do desenvolvimento agrícola e o seu papel no desenvolvimento econômico	29
2.2.2	O setor agrícola baiano e suas transformações	37
2.2.3	Agricultura nas mesorregiões geográficas da Bahia	47
3	MODELO <i>SHIFT AND SHARE ANALYSIS</i>	61
3.1	UM ESBOÇO TEÓRICO	62
3.2	DESCRIÇÃO DO MODELO <i>SHIFT-SHARE</i>	66
3.3	O MODELO DE STILWELL	69
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	73
4.1	ANÁLISES DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS CULTURAS NAS MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA	74
4.1.1	Mesorregião 1 - Extremo Oeste Baiano	74
4.1.2	Mesorregião 2 - Centro Sul Baiano	86
4.1.3	Mesorregião 3 - Nordeste Baiano	95
4.1.4	Mesorregião 4 - Centro Norte Baiano	103
4.1.5	Mesorregião 5 - Vale do São Francisco da Bahia	113
4.1.6	Mesorregião 6 - Sul Baiano	122
4.1.7	Mesorregião 7 - Metropolitana de Salvador	133
5	CONCLUSÕES	145
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICES	156

1 INTRODUÇÃO

A relevância da agricultura para o crescimento de um país sempre foi conceituada como tópico de grande importância na teoria econômica, visto que, desde os economistas clássicos, alguns autores já se preocupavam com os diversos papéis a serem desempenhados pela agricultura no desenvolvimento de uma nação.

Como foi ressaltado por Figueiredo (2003), Moura et al (1999), por meio de seus estudos, o setor agrícola, ao sofrer um estímulo, pode gerar um efeito impulsionador para o restante da economia. Além disso, eles enfatizaram que, ao priorizar as atividades desenvolvidas por este setor como fatores propulsores do crescimento econômico, um país estará fazendo uma escolha por um nível mais alto de eficiência na alocação de seus recursos, principalmente nos casos de países que ainda não contam com altos padrões de desenvolvimento.

No caso do Brasil, um país que vive esse processo, a importância do setor agropecuário é muito significativa. Prova disso é que, em 2010, o PIB do setor agropecuário brasileiro foi de R\$ 879.116 milhões, representando 21,80% do PIB total brasileiro, segundo dados da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária, em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CNA/CEPEA/USP, 2012). Ainda nesse estudo, verificou-se que o PIB da agricultura no Brasil, em 2010, foi de R\$ 617.056 milhões, ou seja, 70,19% do PIB do agronegócio nesse mesmo ano.

Seguindo esta questão, foi verificado que, no estado da Bahia - amplitude espacial deste trabalho -, o PIB da agropecuária, no ano de 2010, foi de R\$ 10.669 milhões, representando, assim, 7,8% do Produto Interno Bruto do Estado, de acordo com dados da Superintendência de Estudos Socioeconômicos (SEI).

Dada a importância da atividade agrícola na economia baiana, bem como os perfis regionais do estado da Bahia, esta dissertação tem a finalidade de fazer um levantamento, a título de diagnóstico, sobre esse setor no contexto de municípios pertencentes às sete mesorregiões baianas. O período escolhido para o estudo foi a década 2001-2010, quando a agricultura baiana começa a se configurar de forma mais acentuada e em que se consolidam determinadas atividades, como é o caso das frutas no Vale do São Francisco e dos grãos em geral – soja, algodão, milho e feijão – na região Extremo Oeste do Estado, principalmente. Esta mesorregião também teve como contribuição a emancipação do município Luís Eduardo

Magalhães no ano 2000, cuja representatividade na agricultura é grande não só na região, mas no Estado como um todo.

Para atingir este propósito, delimita-se o alcance da investigação no sentido de encontrar sinais de dinamismo das culturas agrícolas, segundo os municípios das sete mesorregiões. A obtenção deste objetivo envolve a aplicação de um modelo de análise regional, conhecido na literatura internacional como “*Shift and Share Analysis*”, o qual tem o papel de identificar indícios causadores do crescimento do Valor da Produção (VP) por culturas e municípios do Estado da Bahia.

Neste sentido, verifica-se que esta dissertação revela a contribuição para uma discussão sobre o comportamento da agricultura baiana – ou, mais precisamente, do valor da produção das culturas agrícolas nas sete mesorregiões do estado da Bahia – ao explorar o modelo *shift-share* de decomposição da taxa de crescimento do valor da produção agrícola, utilizando a versão apresentada por Stilwell (1969). Para tanto, aplica-se o modelo, o qual se presta à realização das análises, para identificar as fontes de crescimento do VP nas sete mesorregiões baianas.

Este modelo evidencia a contribuição de cada um dos efeitos – global, estrutural e regional – no crescimento do valor da produção em cada uma das culturas, municípios e mesorregiões. Dada a relevância analítica do Valor da Produção, bem como sua correlação com as variáveis área plantada e quantidade produzida, pode-se obter a variação da produtividade como subsídio da análise dos resultados do modelo *shift-share*. Neste contexto, serão utilizados os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM - IBGE) nos anos de 2001 e 2010, nos quais foram colhidos os elementos das variáveis, valor da produção, área plantada e quantidade produzida.

Outro ponto relevante desta dissertação é posicioná-la como um estudo de “economia regional”, tendo em vista que ela tem como foco a busca de indicativos para diagnosticar os fatores de crescimento de cada região (município) no âmbito de uma amplitude espacial (mesorregiões), fazendo-se uso de uma variável *proxy* denominada Valor da Produção. Desta forma, trata-se de um estudo de economia regional, tendo como objeto o setor agrícola do estado da Bahia.

Considerando que a dissertação abrange o estudo das sete mesorregiões baianas, enfatiza-se que as mais importantes culturas e municípios de cada uma delas são: Extremo Oeste da

Bahia (soja – Formosa do Rio Preto); Centro Sul Baiano (café – Barra do Choça); Nordeste Baiano (milho – Adustina¹ e Euclides da Cunha); Centro Norte (sisal e mandioca – Campo Formoso); Vale do São Francisco da Bahia (uva – Juazeiro); Sul Baiano (mamão – Porto Seguro²; cacau – Ilhéus); e Metropolitana de Salvador (laranja – Cruz das Almas).

Diante dessa configuração das atividades setoriais da agricultura, levantam-se os seguintes questionamentos quanto ao desempenho no crescimento do VP no contexto das mesorregiões: 1) foi relevante, no período, a influência da taxa de crescimento das mesorregiões em seus correspondentes municípios? 2) na década pesquisada, os fatores estruturais predominaram nos municípios, influenciando o crescimento de cada uma das mesorregiões? 3) as influências endógenas do município sobre a atividade agrícola foram determinantes no crescimento do Valor da Produção?

Para maior aprofundamento desta pesquisa, além do capítulo destinado aos esclarecimentos da metodologia, onde foram reveladas as explicações para os indicativos³, estão explicitados o arcabouço teórico, a evolução do setor agrícola, a origem dos dados e procedimentos adotados, a análise dos resultados e as conclusões desta dissertação, agrupando cinco capítulos a partir desta introdução.

No segundo capítulo relatou-se a modernização da agricultura, enfatizando o processo evolutivo a partir da década de 1960, quando se intensificou o uso de máquinas, adubos e defensivos químicos. Para tal, foram consultados diversos autores que trataram do tema, contribuindo para um acervo bibliográfico muito importante. Nessas fontes foram averiguadas a contribuição do setor agrícola para o desenvolvimento de uma região, as transformações ocorridas na agricultura baiana no período estudado, bem como a atual configuração do setor agrícola nas sete mesorregiões do Estado.

Dispondo dos propósitos da metodologia utilizada, o terceiro capítulo – além de apresentar a formulação teórica do modelo “*Shift and Share Analysis*”, revelando a contribuição de vários autores e suas respectivas formulações, principalmente a de Stilwell – faz uma descrição das componentes que o envolvem, fundamentando as finalidades desta dissertação.

Concedendo as concepções sobre o VP como uma variável *proxy* dentro do referencial utilizado, bem como os motivos que possibilitaram a adoção desta variável para a elaboração

¹ Município fora da análise do modelo por conter valor de produção zero em uma das culturas analisadas.

² Município fora da análise do modelo por conter valor de produção zero em uma das culturas analisadas.

³ Apresentados no apêndice deste trabalho, utilizando-se as siglas CCG, CCEM e CCRR.

dos cálculos dos indicativos, o quarto capítulo direciona-se aos resultados encontrados na aplicação do modelo *shift-share* para as sete mesorregiões do estado. Assim, cada seção será conduzida para uma mesorregião com seus mais importantes municípios e suas principais culturas agrícolas, relatando a contribuição das componentes de crescimento e indicando os possíveis fatores que determinaram o dinamismo – ou não dinamismo – em cada setor e município pesquisado.

Por último, no quinto capítulo serão abordadas as conclusões desta dissertação de mestrado, fazendo-se uma breve consideração sobre os procedimentos seguidos neste estudo, além dos devidos comentários das três questões levantadas nesta introdução à luz dos resultados da aplicação do modelo *Shift and Share Analysis*.

2 ALOCAÇÃO REGIONAL DA ECONOMIA BAIANA E O SETOR AGRÍCOLA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ECONOMIA BAIANA

A economia baiana teve o pau-brasil como o seu primeiro produto de exportação, porém a partir do momento em que Portugal decidiu invadir o espaço brasileiro, começou a desenvolver no século XVI a lavoura da cana-de-açúcar no estado. Logo em seguida, foi introduzido também o plantio do algodão, da mandioca e do fumo. Este último assumiu grande importância a partir do século XVII e tinha como o principal objetivo atender ao mercado africano devido ao comércio de escravos.

Relata-se que durante o império a economia baiana se diversificou, porém continuou se especializando em produtos voltados para o mercado externo. A Bahia exportava açúcar, fumo, café, algodão, diamante, couro e madeiras. No entanto, em 1873, após várias crises na economia baiana, houve a crise mais grave de todas: a crise da produção de açúcar e de preços baixos de 1873. O que ficou evidente foi que esta crise nada mais era que o resultado de métodos inadequados de produção, trabalho escravo, estreita dependência da economia ao mercado externo e falta de recursos financeiros.

Já no início do século XX, mais precisamente no decurso da primeira guerra Mundial (1914-1918), o café e o fumo sofreram prejuízos devido às restrições ao comércio com a Alemanha, além dos efeitos da crise de 1929⁴, que também afetou o comércio baiano. Entre os anos de 1930 a 1950, a Bahia ainda dependia fortemente do seu principal produto de exportação, o cacau, dependência que continuou até a década de 1980, apesar do processo de industrialização que se iniciou na década de 1950.

Até a década de 1960, a economia baiana era basicamente de caráter primária, ou seja, de base predominantemente agrícola, principalmente no desenvolvimento das culturas do cacau, sisal, fumo, dentre outros, voltados para a exportação.

A partir da década de 1970, com a implantação da política de substituição de importações implantada pelo governo federal, o estado da Bahia foi beneficiado com vários projetos

⁴ Crise de superprodução, que afetou a produção industrial e paralisou o comércio resultando na queda das ações da bolsa de valores.

industriais que tinham como meta a produção de bens intermediários (intensivos em capital e tecnologicamente modernos) complementar à matriz de produção já desenvolvida na região Sudeste do país.

Este processo introdutório de uma indústria de bens intermediários iniciou-se na Bahia com a implantação, na década de 1950, da Refinaria de Mataripe⁵, aproveitando-se da disponibilidade de petróleo existente no estado, formando um complexo mínero-metalúrgico no município de Candeias na década de 1960, a implantação do CIA - Centro Industrial de Aratu, do Complexo Petroquímico de Camaçari e da metalurgia de cobre no início da década de 80.

Faz-se importante observar que todos esses empreendimentos importantes para o estado se concentrou na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Essas transformações na composição econômica do estado da Bahia através da industrialização, fez com que a agricultura perdesse peso na economia estadual e gerou um aumento significativo da participação do setor secundário no PIB baiano, principalmente nos setores químico, petroquímico e extrativo mineral, levando a Bahia a se tornar um dos principais fornecedores nacionais de matéria-prima e bens intermediários.

No período entre 1950 e 1970, o estado da Bahia passou por um processo sistemático de planejamento, como ressalta Spínola (2001), onde se destaca inicialmente o Plano de Desenvolvimento da Bahia – PLANDEB, que projetou um setor industrial objetivando um equilíbrio entre a produção de bens de consumo e de capital. Este plano objetivavam projetos que deveriam integrar de forma sistêmica os setores agrícolas, industrial e comercial, objetivando o desenvolvimento equilibrado do Estado da Bahia, visto que ele seria responsável pela estratégia de desconcentração concentrada.

Esta estratégia seria contemplada com a atração de grandes empresas produtoras de bens intermediários que atuariam como polos de desenvolvimento industrial juntamente com as empresas produtoras de bens finais que se instalariam nos centros e distritos industriais criados para abrigá-las, tanto na RMS quanto nos municípios do interior.

⁵ A refinaria de Mataripe começou a ser construída em 1949 e está diretamente ligada à descoberta dos primeiros poços de petróleo do país.

Entre os anos de 1970 e 1980, houve uma onda de isenção de impostos e incentivos fiscais com aporte de recursos públicos com o intuito de implantar os distritos industriais do interior e da RMS (Centro Industrial de Aratu e Complexo Petroquímico de Camaçari), montando dessa forma, um parque produtor de bens intermediários concentrados nos seguimentos da química/petroquímica e dos minerais não metálicos.

Na verdade, após a maturação do Complexo Petroquímico de Camaçari, há uma inflexão na trajetória ascendente da participação do PIB baiano no PIB nacional e no PIB da região Nordeste. Isso ocorreu principalmente por decorrência da redução da taxa de investimento consequência da crise fiscal e financeira que se alastrou sobre o país.

Spínola (2001) relata que a política de industrialização contribuiu para a concentração de atividades industriais da RMS e que houve um artificialismo na política de localização industrial com a criação de distritos industriais devido à ausência de empresários locais com vocação industrial e a fragilidade de mercado consumidor na região.

O fato é que:

a Bahia cresceu economicamente no período 1967/1999, mas não se desenvolveu. Isto porque, a despeito do aparente progresso material e dos avanços tecnológicos, o conjunto dos benefícios por eles gerados não está disponível para milhões de excluídos que constituem, preponderantemente, a população estadual (...) a Bahia viu agravada a sua dependência externa, tanto no plano nacional quanto no internacional, como decorrência de uma política desenvolvimentista equivocadamente traçada pela tecnoburocracia regional com a cumplicidade das elites agromercantis locais (SPINOLA, 2001, p.35–6).

Os anos 2000 iniciam na Bahia com grande euforia, com a atração da Ford Company e seus sistemas de produção, após vários anos tentando complementar as cadeias produtivas da indústria baiana, que por séculos eram dependentes das produções de petróleo e seus derivados.

A partir desse momento, chega ao estado a indústria de bens finais, a que seria capaz de promover os efeitos encadeadores para frente e para trás (efeito linkage⁶), como eram preconizados por Hirshman e outros teóricos do desenvolvimento regional.

No ano de 2002 foi lançado pelo governo do estado o Programa de Desenvolvimento Industrial e de Integração Econômico do Estado da Bahia (DESENVOLVE). Este programa visava, em linhas gerais, a diversificação da matriz industrial do estado, contemplando igualmente o setor agroindustrial. Ademais, tinha a meta de promover a desconcentração regional dos investimentos industriais, como já era visto em programas anteriores do governo, buscando direcioná-los para regiões com menor desenvolvimento socioeconômico.

Em vários segmentos da economia baiana foram realizados investimentos deste programa, traduzindo o objetivo de buscar a diversificação do parque industrial baiano. Essa política de estímulo à formação de polos industriais e diversificação das atividades produtivas em diversos municípios baianos tendo reflexos positivos, tais como geração de empregos pelas indústrias que foram implantadas.

Os dois principais fatores causadores das mudanças na estrutura produtiva do estado da Bahia observadas a partir do ano 2000 foram a austera política macroeconômica colocada em prática pelo governo federal e à política de atração de indústrias, que viabilizou a instalação de uma montadora de veículos e seus sistemistas, grande geradora de valor agregado.

Para compensar o atraso econômico e social do Estado da Bahia, e também devido a distância dos mercados consumidores e da precária infraestrutura de transporte o governo iniciou sua operacionalização através de incentivos fiscais com o objetivo de impulsionar aspectos pré-existentes que, até o momento, não tinham o interesse pela economia baiana.

⁶ Hirschman discorre sobre dois mecanismos de indução do investimento que operam ao longo do próprio setor produtivo (DPA), quais sejam os backward linkage effects, relacionados à compra de inputs de outras atividades, e os forward linkage effects, relacionados ao fornecimento de inputs para outras atividades. Através destes efeitos, a implantação de uma indústria (mestre) pode induzir o surgimento de várias outras, chamadas indústrias satélites, cujas principais características são: i) forte vantagem locacional devido à proximidade da indústria mestre; ii) seu principal input é um output da indústria mestre ou seu principal output é um input da indústria mestre; e iii) sua escala mínima de produção é menor do que a escala da indústria mestre. Para maximizar os linkage effects é preciso avaliar o grau de interdependência entre setores e construir um ranking setorial destes efeitos que será útil para o planejamento econômico, inclusive nos países subdesenvolvidos.

Neste sentido, a Bahia aderiu uma estratégia já adotada por regiões periféricas. Essa estratégica trata-se da utilização de um clássico preceito da economia internacional, baseado na teoria das vantagens comparativas de David Ricardo (1982)⁷, que tinha a intenção de inserir o estado em um contexto de maior participação econômica, tornando-o mais competitivo aos anseios da nova lógica global do capitalismo. Para isso seria necessário compensar seu relativo atraso econômico em relação aos possíveis destinos de investimentos do país.

Todos os planos setoriais do governo tinham o objetivo de atrair investimentos industriais capazes de desenvolver uma nova organização na economia do estado, endogeneizando o desenvolvimento e buscando criar cadeias produtivas que gerassem efeitos multiplicadores para toda a economia. Nesse sentido, o ponto de partida para articular uma vantagem comparativa da Bahia em relação aos demais centros econômicos do Brasil iniciou-se com o menor custo de produção para as empresas que escolhessem a Bahia para suas instalações.

No campo da agricultura, a modernização se deu principalmente na região do oeste⁸ num momento em que este setor encontrava-se frágil, com pouco dinamismo e com dificuldades para se integrar interna e externamente. Este processo de implantação de uma dinâmica agrícola moderna constituiu-se num importante fato para o Estado que vinha apresentando pouca transformação econômica nos espaços fora da Região Metropolitana de Salvador (RMS).

As transformações ocorridas na região interiorana do Estado, principalmente do Oeste baiano foram intensas, criaram sustentabilidade do setor agrícola regional e possibilitaram a sua integração à dinâmica industrial de produção nacional, através da constituição de complexos agroindustriais.

⁷ Trata-se da Teoria das Vantagens Comparativas, onde David Ricardo afirma que a especialização da produção em bens cujos custos de oportunidade fossem menores, ou seja, que tivessem menor custo de produção geraria aumento da assimetria entre centro e periferia.

⁸ A região denominada Oeste do Estado da Bahia é hoje formada por 23 municípios: Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Coribe, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Côcos, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, Santana, Serra Dourada, São Desidério, São Félix do Coribe, Tabocas do Brejo Velho, Wanderley.

Não obstante, fica claro que a partir do ano 2000 iniciou-se uma nova vertente tanto no ramo industrial quanto na agricultura do Estado da Bahia. No setor industrial, a busca por novas indústrias, principalmente através de isenções fiscais cedidas pelo governo colaborou para a diversificação da matriz industrial do estado, visto que por essas razões fiscais, ou por questões locacionais, várias industriais de diversos segmentos vieram para a Bahia, garantindo a manutenção do crescimento econômico.

No setor agrícola, ficou mais evidente o fortalecimento da região oeste, com a criação do município de Luís Eduardo Magalhães, frente às demais regiões do estado. Sua produção agrícola em larga escala e com alta tecnologia, tornou essa região uma das principais regiões produtoras de grãos do Brasil. No entanto, a implantação de uma nova dinâmica agrícola, foi acompanhada de uma redefinição territorial, devido à construção de novos espaços produtivos e a criação de novas funcionalidades. Nessas fronteiras ficaram nítidos os graves efeitos de uma modernização agrícola conservadora, geradora de desigualdades econômicas e sociais presentes no conjunto da região e em seus lugares. Com isso, ficam evidentes as contradições da modernização agrícola no estado, uma vez que ao tempo em que contribui para a dinâmica agrícola através do aumento da produção e da economia como um todo, se mostra excludente.

2.2 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL E NA BAHIA

A agricultura brasileira nasceu junto com o próprio país, antes mesmo de sua independência, com a implantação do sistema de capitanias hereditárias, que já vigorava em outras colônias portuguesas. A partir daí, o Brasil observou o dinamismo agrícola evoluindo e moldando o país de forma a se tornar uma grande fonte de recursos naturais para suprir a coroa portuguesa. Nesse contexto, verifica-se que a agricultura no Brasil passou por vários ciclos produtivos, desde a extração do pau Brasil e do ciclo da mineração, bem como das culturas do algodão, da cana-de-açúcar, da borracha, do cacau, do café, dentre outros.

Porém, a grande transformação da agricultura brasileira se deu com o processo de modernização nos anos 60 e 70 do século XX, caracterizando-se como excludente e parcial, por gerar um modelo dual de produção, visto que a modernização, através de novas técnicas aprofundadas em novas tecnologias, não é acessível a todas as regiões e/ou produtores, gerando uma desigualdade na forma de produzir entre esses agentes regionais, situação vista

na atualidade do mundo rural e com expectativa de agravamento diante do processo de globalização.

O crescimento da produção agrícola no Brasil se dava, basicamente, até a década de 1950, por conta da expansão da área cultivada. A partir da década de 1960, o uso de máquinas, adubos e defensivos químicos, passaram a ter, também, importância no aumento da produção agrícola. De acordo com os parâmetros da “Revolução Verde”⁹, incorporou-se um pacote tecnológico à agricultura, tendo a mudança da base técnica resultante, passado a ser conhecida como modernização da agricultura brasileira (SANTOS, 1986).

Para Delgado (1999), o marco histórico do processo de modernização se deu no final dos anos de 1960, quando foram evidenciados os aspectos a seguir: a) o crescimento rápido das exportações e da urbanização, gerando um impulso da demanda por produtos agrícolas; b) a constituição dos diversos ramos do Complexo Agroindustrial – CAI (representando a integração técnica entre a indústria que produz para a agricultura, a agricultura e a agroindústria.); e, c) a organização do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR). Com esses três novos aspectos configura-se um novo padrão de desenvolvimento rural que, para Delgado, denomina-se “modernização conservadora”¹⁰. Muitos autores utilizam essa expressão para caracterizar que apesar de no período ter-se verificado um aumento na produção e na produtividade, ainda existem questões estruturais a se resolver, como por exemplo, a concentração fundiária e a concentração de renda.

A partir dos anos de 1970, o processo de modernização começou a intensificar-se, quando houve, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) um aumento de mais de 1.000%, no número de tratores utilizados, quando comparado com a década de 1950, chegando este incremento a 6.512% na década de 1980. Da mesma forma, o uso de arados a tração animal e de colheitadeiras aumentou 254% e 165%, respectivamente, nos anos de 1980, também com relação à década de 1950. Ademais, a utilização de adubos

⁹ A Revolução Verde trata-se de um conjunto de estratégias tecnológicas que tem como objetivo uma maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas químicas e biológicas, como é o caso de pesquisa de sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo. A expressão “Revolução Verde” foi criada em 1966, em uma conferência em Washington, por William Gown.

¹⁰ Expressão designada para relatar que a pobreza se intensificou devido à distribuição desigual da terra e de outros bens, com a manutenção e reforço da estrutura agrária concentrada e com o favorecimento às propriedades patronais. Mostrando um modelo agrícola brasileiro, capitalista, dependente, concentrador, dominador, exportador e excludente.

químicos também se intensificou no Brasil, quando houve um incremento de 1.380% entre 1965 e 1980, o mesmo ocorrendo com o uso de defensivos que aumentou 377% neste mesmo período.

Para Martine (1990), o processo de modernização da agricultura brasileira está intimamente ligado à fase conclusiva da política de substituição de importações¹¹, com a entrada no país de multinacionais produtoras de tratores, fertilizantes, herbicidas, e etc. A partir daí, a dinâmica industrial passou a comandar definitivamente, o desenvolvimento da agricultura, convertendo-se em um ramo industrial, que compra insumos e vende matérias primas para outros ramos industriais.

Em Almeida e Navarro (1997) nota-se que o conteúdo ideológico da modernização da agricultura incorpora quatro elementos ou noções,

[...](a) a noção de crescimento (ou de fim da estagnação e do atraso), ou seja, a ideia de desenvolvimento econômico e político; (b) a noção de abertura (ou do fim da autonomia) técnica, econômica e cultural, com o conseqüente aumento da heteronomia; (c) a noção de especialização (ou do fim da polivalência), associada ao triplo movimento de especialização da produção, da dependência à montante e à jusante da produção agrícola e a inter-relação com a sociedade global; e (d) o aparecimento de um tipo de agricultor, individualista, competitivo e questionando a concepção orgânica de vida social da mentalidade tradicional. (ALMEIDA; NAVARRO, 1997, p.39)

É notório, então, que todo esse processo de modernização juntamente com a constituição do complexo agroindustrial, modernizando a base técnica de produção, alterou as formas de produção agrícola e gerou efeitos sobre o meio ambiente. As transformações ocorreram de forma heterogênea, posto que as políticas de desenvolvimento rural, inspiradas nesta modernização, são recheadas de desigualdades e privilégios.

Esse conglomerado de transformações em busca de aumento de produtividade trouxe consigo o pensamento sobre as reações ocorridas no meio ambiente, visto que o uso inadequado do solo para cultivos acelera o processo de degradação da capacidade produtiva do solo, alterando, conseqüentemente, o meio ambiente. A conservação, o manejo e a recuperação dos recursos naturais são problemas que provocam a preocupação do mundo inteiro. Os danos

¹¹Internalização de indústrias produtoras de bens de capital e de insumos modernos constante no II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) proposto na década de 1970.

causados à natureza e a crescente ruína do meio ambiente mostram a necessidade de sua preservação e recuperação através de formas menos degradantes de produção.

De acordo com Rampasso (1997), a exploração ambiental está diretamente ligada ao avanço do complexo desenvolvimento tecnológico, científico e econômico que tem alterado de modo irreversível o cenário do planeta e levado a processos degenerativos profundos da natureza. Dentre esses processos, Ehlers (1999) destaca a erosão e a perda de fertilidade do solo, a destruição florestal, a dilapidação do patrimônio genético e da biodiversidade, a contaminação dos solos, da água, dos animais silvestres, do homem do campo e dos alimentos.

Nesse âmbito, entende-se que ao se pensar em desenvolvimento tecnológico para a modernização da agricultura, não se podem deixar de fora questões como a sustentabilidade agrícola, e os pequenos agricultores que são privados de determinadas técnicas modernas de produção, ficando assim à mercê de uma política em que apenas os que detêm o capital têm direito aos benefícios para aumentar sua produtividade. É esta categoria, que vive cada vez mais próxima do limite de sobrevivência, que atualmente tem merecido maior preocupação por parte das políticas governamentais, tendo em vista o desenvolvimento sustentável no ambiente de um “novo mundo rural”.

E todo esse processo de modernização agrícola sofreu discussões diversas a respeito do padrão de desenvolvimento rural a ser adotado. As preocupações centravam-se nos motivos pelos quais a agricultura brasileira não havia ainda se modernizado e sobre quais políticas deveriam ser adotadas para iniciar seu processo de modernização. Nesse sentido, alguns autores explicavam o atraso da agricultura brasileira pela sua estrutura fundiária altamente concentrada, e outros que, mesmo reconhecendo que existiam obstáculos ao crescimento da agricultura, consideravam não haver necessidade de reformas estruturais para se alcançar taxas mais elevada de produtividade. .

Os que defendiam uma reforma agrária procuravam mostrar que isso iria aumentar a produção, melhorando a eficiência da estrutura agrícola, enquanto que as políticas de preços, subsídios e insumos modernos levariam ao aumento da produção sem, contudo, conseguirem a equidade da distribuição de renda.

Os que não acreditavam que a estrutura fundiária era um entrave ao desenvolvimento agrícola inspiravam-se nas teses do economista Theodor W. Schultz. Eles pensavam que a agricultura respondia a preços, atribuindo a falta de investimento na agricultura à baixa taxa de retorno dos investimentos e setores tradicionais (terra e mão de obra), e em geral, os camponeses combinavam de forma racional os fatores de produção: “há comparativamente poucas ineficiências significativas na distribuição dos fatores de produção na agricultura tradicional (SCHULTZ; 1965, p.47).”

Nesse sentido, a única forma de aumentar a eficiência na agricultura seria, através do aporte de fatores externos, uma maneira de substituir os insumos chamados de tradicionais por novos tipos deles mais modernos, com baixo custo de aquisição para o agricultor por meio de créditos subsidiados, fiscalizados por uma assistência técnica:

(...) objetivando transformar esse tipo de agricultura, terá que ser oferecido um conjunto de fatores mais proveitosos. Desenvolver e oferecer tais fatores e aprender como usá-los eficientemente é uma questão de investimento, tanto em capital humano como material (SCHULTZ, 1965, p.12).

Schuh (1971) destacou a importância do fortalecimento das indústrias de bens agrícolas, da melhoria dos níveis educacionais e do fortalecimento da infraestrutura de pesquisa agrícola no processo de modernização da agricultura. Revela também que a modernização implicará maior liberação de mão de obra do setor agrícola para o não agrícola, mas medidas devem ser adotadas nesse setor para maior absorção da mão de obra liberada. Ele se mostra descrente quanto à eficácia de políticas de reforma agrária, defendendo políticas que utilize insumos industriais na agricultura.

Isso foi claramente expresso por Alves e Pastore (1980), os quais indicam que a política agrícola está baseada nos seguintes pontos:

- 1) a promoção da produção é o objetivo central;
- 2) o incremento na produção, na escala necessária, não se pode fazer apenas em função da área agricultável. É preciso engendrar um processo autossustentado de aumento da produtividade agrícola;

- 3) a modernização da agricultura, conjugada com o aperfeiçoamento dos mercados de trabalho e de capital, ensejará o melhoramento do padrão de vida da população rural, não sendo necessária a realização de reformas profundas;
- 4) o aumento da produtividade pode ser alcançado através de instrumentos como preços mínimos, crédito rural e programas intensos de assistência técnica e de pesquisa;
- 5) nas regiões em que a estrutura agrária é impeditiva à modernização, serão implantadas reformas agrárias de caráter limitado, cujo objetivo central será o aumento da produtividade e não da distribuição de justiça social.

Portanto, a partir dessa apresentação, o que se viu no Brasil foi um molde do processo de modernização da estrutura agrária existente, buscando a utilização de técnicas modernas na agricultura via fortes subsídios beneficiando, preferencialmente, grandes e médios produtores rurais. Estes foram beneficiados pelos instrumentos de políticas agrícolas utilizados: crédito rural, preços mínimos e extensão rural.

Nesta direção, se o processo de modernização da agricultura brasileira se deu com a utilização de subsídios ao crédito rural para incentivar o uso de insumos modernos, chegando até mesmo a taxas de juros desses financiamentos para aquisição de fertilizantes iguais à zero, não é possível defender que o desenvolvimento da agricultura brasileira se ajuste ao modelo induzido¹² de Hayami e Ruttan (1971). O próprio direcionamento do processo de modernização para os grandes e médios agricultores tem em sua essência vieses que direcionam o tipo de tecnologia a ser utilizado.

Mesmo não podendo se afirmar que o direcionamento do processo de modernização da agricultura brasileira estimulasse o uso de tecnologias poupadoras da terra, no Brasil este processo se deu em uma época em que a tecnologia agrícola se direcionava com grande força para o uso de insumos industriais poupadores de terras. Foi a época em que ficou conhecida como a “revolução verde”, onde novas cultivares desenvolvida nos EUA e no México, estavam sendo transferidas e cultivadas com sucesso em países tropicais. E foi a

¹² A teoria da mudança técnica induzida representa uma tentativa de esclarecer o impacto que tem a disponibilidade relativa de recursos sobre a intensidade e a direção da mudança técnica. Posto que tal teoria surge como resposta à escassez relativa de recursos, sua importância residiria justamente no fato de permitir a substituição de recursos por conhecimentos; ou de recursos mais dispendiosos por outros de menor custo e mais abundantes (Ruttan, 1985).

disponibilidade de novas tecnologias que influenciou as culturas que passaram a ser disseminadas nas grandes e médias propriedades, como foi o caso da soja, do milho, do trigo, do café e da cana-de-açúcar. Sendo até utilizadas técnicas poupadoras da terra, técnicas essas que foram fortemente influenciadas pelos subsídios do governo.

Porém, fica claro que o direcionamento dado seguiu uma linha da utilização massiva de insumos modernos, atrelado ao subsídio fornecido pelo Estado, sem alterar a estrutura agrária e de renda existentes. Dessa forma, o saldo foi o aumento das disparidades regionais em termos sociais e econômicos.

Indubitavelmente, a evolução da modernização da agricultura brasileira é incentivada, em condições precisamente específicas. E essas especificidades têm que ser consideradas na interpretação desses processos de avanço, o que torna utópico dizer que tenham se repetido no Brasil as etapas ocorridas em alguns países mais desenvolvidos.

2.2.1 Leituras do desenvolvimento agrícola e o seu papel no desenvolvimento econômico

Diversos autores contribuíram para o entendimento da importância da agricultura no desenvolvimento econômico do país, desde os economistas clássicos até os mais contemporâneos.

Nicholls (1972), já relatava em seus escritos que o papel da agricultura no desenvolvimento econômico depende substancialmente do estágio da história econômica em que se encontra o país, especialmente quando o progresso econômico passa a ser uma importante aspiração social.

No Brasil, o objetivo traçado para alcançar o desenvolvimento econômico (especialmente industrial) em meados do século XX, antecedeu a ocupação de suas fronteiras agrícolas, visto que era necessário expandir a área agricultável para atender às demandas surgidas pelo próprio processo de desenvolvimento. Nesta direção, verificou-se que a modernização da agricultura brasileira, por ter sido progressiva e pontual, possibilitou alterações na estrutura do espaço rural, principalmente quando se trata do processo de produção. Na verdade, os

produtos mais valorizados permitiram um processo de modernização do país e seu crescimento mais rápido ocorreu principalmente nos grandes centros agrícolas.

Neste contexto, como argumenta Gerardi (1980), o conceito de modernização é relativo e que adquire expressão espacial e temporal. Espacial, no sentido que distingue agricultores em graus variados de modernização, em um mesmo lapso de tempo, porque a agricultura pode evoluir de tradicional à moderna no decorrer do tempo.

A partir dessa proposição, Balsan (2006) diz que o novo padrão de desenvolvimento econômico tem causado a exclusão do homem do campo da geração de emprego, diminuição da renda, entre outros, ocasionando desordem no espaço rural decorrente da competitividade e do capitalismo. Isso ocorre porque a modernização técnica não está igualmente difundida, mas sim concentrada tanto setorial quanto espacialmente, como afirma Graziano da Silva (1981), “[...] não há um futuro promissor para aquelas unidades de produção que até agora não conseguiram se modernizar e que se concentram (por si mesmo), nas regiões periféricas do país”, o que nos permite concluir que o processo de modernização afeta diferentes áreas, em um espaço natural e social e em épocas históricas diversas.

A partir dessa modernização, Kuznets (1961) catalogou o papel da agricultura em três tipos de contribuição: produto, mercado e fatores. A primeira forma de contribuição representa o crescimento do produto dentro do próprio setor que colabora para o crescimento do produto nacional. A participação em mercado retrata o fato de poder contribuir para o crescimento de outros setores ou para da economia como um todo na relação de mercado internacional, onde inclui troca de bens (inclusive insumos) com outros setores domésticos ou externos. Quanto maior for o impacto nos setores em que o comércio é realizado, mais expressiva será essa contribuição. Por fim, a contribuição em fatores refere-se à transferência ou empréstimo de recursos (capital e trabalho) a outros setores da economia.

Ao analisar alguns modelos teóricos de crescimento econômico, sobre a relação da agricultura e o sistema econômico, Silva, (1982), citado por Figueiredo (2003), relata o fato da maioria das abordagens terem caráter unidirecional, ou seja, é atribuída pouca importância aos objetivos do próprio setor agrícola, falhando em considerar as complementariedades entres setores.

Para os pensadores da corrente clássica, Johnston e Mellor (1961), o setor agrícola tem diversas contribuições a desempenhar no curso do processo de desenvolvimento econômico de um país. Eles destacam os cinco papéis principais para esse desenvolvimento.

- 1) fornecer alimentos para a população total;
- 2) fornecer capital para a economia, especialmente para a expansão do setor não agrícola;
- 3) fornecer mão de obra para o crescimento e diversificação de atividades na economia;
- 4) fornecer ganhos cambiais com os quais os insumos críticos para o processo de desenvolvimento poderão ser adquiridos no exterior; e,
- 5) proporcionar um amplo mercado para os produtos do setor não agrícola.

Segundo a visão de Araújo e Schuh (1991), dois pontos são passíveis de destaque quando se trata do papel da agricultura no desenvolvimento econômico. O primeiro ponto retrata a importância da agricultura na maioria dos países de baixa renda, onde cerca de 60 a 70% da força de trabalho estão envolvidos no setor agrícola, e, pelo menos 50% do Produto Nacional Bruto (PNB) provém deste setor, revelando o papel primordial da agricultura como ponto de partida para o desenvolvimento e, ainda, acredita-se que a agricultura é uma importante fonte de recurso para a expansão dos setores não agrícolas da economia.

O segundo ponto refere-se à perda, em termos relativos, de participação da agricultura no PNB ao passo que a economia vai se desenvolvendo, visto que neste momento uma porção cada vez menor provém deste setor. Conseqüentemente a isso, um contingente cada vez menor da força de trabalho depende diretamente das atividades agrícolas, porém isso não significa que uma redução da importância do setor, no entanto, possa levar à mudança de ênfase quanto aos papéis da agricultura no desenvolvimento econômico.

No entanto, o desenvolvimento da agricultura como fonte do desenvolvimento econômico de uma nação remonta ao surgimento da Europa ocidental a partir do século XVIII. Vários historiadores econômicos têm documentado o papel crítico da agricultura no desenvolvimento de quase todos os países de primeiro mundo no século XXI. Nesta direção, Lewis (1954) enfatiza a relação entre o crescimento econômico dos países e o seu desenvolvimento

agrícola: “revoluções industriais e agrícolas sempre andam juntas,” e (...), “economias em que a agricultura está estagnada não mostram o desenvolvimento industrial.” (Lewis 1954, p. 433).

Para Alves (2000) a percepção do papel da agricultura no desenvolvimento econômico sofreu uma significativa evolução ao longo dos anos, mostrando que, de uma perspectiva de agricultura como um setor passivo, chegou-se a uma visão, segundo a qual as relações e interações entre a agricultura e os demais setores devem ser necessariamente colocadas como lago de profunda importância. Para este autor, é também importante levar em consideração o papel da agricultura nos estágios mais avançados do desenvolvimento econômico, posto que, mesmo este setor perdendo em participação relativa, a agricultura continua sendo de fato algo essencial, pois sua contribuição não se limita apenas à geração de emprego e renda.

Outra questão que determina o papel da agricultura no desenvolvimento é o grau de abertura da economia e, para explicar isso, autores como Little (1982) e Nicholls (1964), descreveram que, embora o crescimento da produtividade agrícola seja essencial para o crescimento econômico tanto nas economias fechadas quanto nas abertas, sendo que nestas últimas a contribuição para tal crescimento é menor que nas primeiras. Nicholls (1964) concretiza que para um país que detém uma economia fechada, aumentos na produtividade da agricultura permitem que o setor libere mão de obra, tenha mais renda, aumentando assim a compra de produtos não agrícolas, e forneça alimentos a preços que permitam as indústrias obterem maior lucratividade.

Em se tratando da economia brasileira, nota-se que, ao longo do século XX, a agricultura deixou de ser o principal setor em termos de participação na renda e no emprego, uma vez que a transição para uma economia eminentemente urbana se deu em um espaço de tempo muito curto. Porém, o setor não deixou de crescer e cumprir o seu papel no desenvolvimento do país, até porque, nos últimos anos a agricultura brasileira foi marcada por intensas modificações no que tange ao seu padrão tecnológico, passando a ser caracterizada pelo uso de máquinas agrícolas, fertilizantes, defensivos e sementes melhoradas.

Para Nicholls (1972), a agricultura brasileira não teve papel semelhante em sua contribuição para o desempenho da sua economia, como visto em outros países, devido a razões de

natureza geográficas, político-históricas, sociais e culturais, isso pelo menos até o café tornar-se a base do vigoroso crescimento e desenvolvimento generalizado em torno de São Paulo. Ainda de acordo com este autor, os *booms* anteriores (mais identificados pelos brasileiros por ciclos, devido à ausência de tendência secular ascendente) haviam propiciado uma significativa prosperidade transitória, mas que logo desapareceram subitamente, sem deixar benefícios econômicos significativos.

Neste sentido, Nicholls ainda ressalta que até mesmo os *booms* do açúcar no Nordeste e o ciclo do ouro não contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento econômico do país. No primeiro caso, o ímpeto originado no Recife e em Salvador para a ocupação do sertão, como fonte de abastecimento de alimento, gado e combustível para as regiões açucareiras perdeu-se com o seu declínio econômico, voltando o sertão à posição anterior de economia basicamente de subsistência. Para a corrida do ouro no século XVIII, ele relata que esta atividade contribuiu para o crescimento econômico em longo prazo, além da transferência do centro político e econômico do Brasil em direção do Sul e do estímulo à considerável corrente imigratória. No entanto, com a queda da produção/exploração do ouro em Minas Gerais, interrompeu-se o surto agrícola na região Sul.

Ainda pode ser adicionado que a expansão da cultura do cacau na Bahia e da borracha na Amazônia, no fim do século XIX e início do século XX, não tiveram efeitos muito animadores em longo prazo, quando a ocorrência de que estrangeiros, mais eficientes e racionais, superou a liderança brasileira no mercado internacional.

Já mais tarde, no final da década de 70 e início da de 80, a economia brasileira passava por um momento de profunda instabilidade macroeconômica, que era visível pelas altas taxas de inflação, pelo aumento do déficit público, e que foi agravado pelo segundo choque do petróleo em 1979.

Neste contexto, Lucena (2000) retrata o fato de que, mesmo com um cenário econômico desfavorável, a agricultura apresentou crescimento positivo, porque o governo priorizou este setor. Havia dessa forma, um reconhecimento por parte do governo da importância do setor agrícola para o desenvolvimento econômico e, ainda mais importante, sua relevância para o ajustamento macroeconômico da economia brasileira diante a crise do início da década de 80.

Em Melo (1990) encontra-se uma síntese do comportamento agrícola entre os anos de 1980 e 1989, mostrando que a economia agrícola expandiu-se 3,65% ao ano, correspondendo a um crescimento anual *per capita* de 1,5%, relativo a dezessete culturas: algodão, amendoim, arroz, batata, cacau, café, cana, cebola, feijão, laranja, mamona, mandioca, milho, soja, tomate e trigo. Entre essas culturas, a produção dos produtos domésticos (arroz, batata, cebola, feijão, mandioca, milho e tomate), cresceu 2,05% ao ano, mantendo-se constante a produção *per capita*. A produção das culturas de exportação por sua vez, (algodão, amendoim, cacau, café, cana, fumo, laranja, mamona e soja), expandiu a uma taxa de 4,51% ao ano. O programa de álcool foi o responsável pelo rápido crescimento da lavoura canavieira.

Com o intuito de impulsionar a produção agrícola, utilizou-se, na década de 80, o crédito rural como instrumento de incentivo. O Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) foi implantado em 29 de novembro de 1965, pela lei n. 4829, podendo ser usado para custeio (despesas para compras de insumos), investimentos (aquisição de máquinas agrícolas, bovinos, reflorestamento, etc.) e comercialização (descontos de notas promissoras, duplicatas rurais e transporte de produtos). Dessa forma, houve uma ampliação da agricultura contribuindo para:

- a) manutenção de taxas de expansão do PIB;
- b) garantir o abastecimento interno;
- c) aumento do fluxo de entrada de divisas no País, através das exportações;
- d) redução do déficit da balança comercial.

De acordo com Araújo e Almeida (1996), neste período havia predominância do crédito subsidiado, na verdade com taxas de juros reais negativas, chegando a atingir, em muitos casos, 40% ao ano, desencadeando uma excessiva demanda por crédito que, juntamente com a oferta abundante de dinheiro, fizeram com que o valor total de empréstimos alcançasse valor próximo do valor do produto bruto da agricultura.

Essa política do crédito rural tinha como um dos objetivos fomentar o desenvolvimento da agricultura brasileira para compensar o efeito negativo de algumas políticas macroeconômicas

sobre o setor e estimular a demanda por insumos modernos produzidos pela indústria que acabara de chegar ao Brasil. Entretanto, não foi verificado junto ao crescimento nas vendas desses insumos ganhos expressivo de eficiência produtiva.

Diante deste cenário, já no início dos anos 80, era preciso uma mudança de direção de rota da política econômica adotada, a qual teria como resultado uma redução de volumes de recursos fornecidos à agricultura, como consequência da crise fiscal e financeira do governo federal, que foi limitando gradualmente sua capacidade de transferência de renda.

Sendo assim, Barros (1999) ressalta os ganhos de produtividade ocorridos no setor como um todo na década de 80 e 90, e o padrão de evolução da área cultivada. Outro aspecto que ele menciona é que o desempenho superior da agricultura frente à indústria no Brasil nos anos 80 se deu em um ambiente de maior exposição do setor agrícola ao mercado internacional, ocasionando um incremento na proporção entre o final dos anos 70 até meados dos anos 80.

Na década de 1980, verificou-se que a agricultura brasileira necessitava de uma modernização de sua estrutura produtiva e esta veio através da incorporação de novas tecnologias. Entretanto as políticas de financiamento sofreram com as altas taxas de inflação, em particular, com o déficit público. O crédito rural - tido como uma solução de impulso para desenvolvimento da agricultura - foi contraído pela crise fiscal, que também contribuiu para a redução dos gastos públicos com pesquisa e extensão.

O Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) foi adotado pelo governo com a intenção de reduzir o déficit público. E, mesmo com um quadro econômico desfavorável, o governo federal elevou seus dispêndios com aquisições (Aquisição do Governo Federal - AGF) e financiamentos do governo federal (Empréstimo do Governo Federal - EGF), o que contribuiu para tornar a agricultura um dos setores mais dinâmicos da década de 1980.

Nos anos de 1986/87, o PGPM foi prejudicado pelo Plano Cruzado¹³ e pelo Plano Bresser¹⁴, que contribuíram para derrubar os preços mínimos das safras de 1987/88. Com o Plano

¹³ O Plano Cruzado foi um plano econômico lançado em 1986 durante o governo de José Sarney, e tinha como principal objetivo a redução e controle da inflação, que era muita elevada na época.

¹⁴ O Plano Bresser foi lançado em 1987 pelo ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser Pereira, e tinha como objetivo deter a aceleração inflacionária, promovendo a redução do déficit público através do

Bresser, houve o retorno da indexação plena e novas regras de comercialização foram adotadas, tendo vigência até a safra agrícola de 1988. O objetivo principal dessas novas regras de comercialização era disciplinar as vendas de estoques do governo, com a intenção de reduzir o risco de estocagem de produtos agrícolas, como era o caso do arroz, feijão e o milho.

A década de 80 apresentou desempenho produtivo para o setor agrícola, apesar do cenário macroeconômico desfavorável, e da queda das exportações agrícolas. Segundo Lucena e Souza (2001), a expressiva melhoria da produção e da produtividade agrícola foram resultado de diferentes aspectos, como o da política cambial incentivadora das exportações, da formulação e implementação de políticas agrícolas mais adequadas.

Na década seguinte, a situação econômica ainda não era favorável, com perdas da capacidade de investimento, competitividade, liquidez, desemprego, queda de renda e aumento de importação. No entanto, a agricultura aumentou índices elevados de aumento de produção e produtividade.

A introdução do Sistema de Equivalência-Produto¹⁵ no crédito rural beneficiou os produtores que necessitavam de empréstimo. Foi um sistema que se restringiu ao custeio agrícola de apenas alguns produtos: algodão, arroz, feijão, mandioca, milho e trigo. Limitando-se também, aos investimentos destinados ao melhoramento integrado das mini e pequenas propriedades rurais.

Nesse momento, houve a utilização dos mercados futuros como um sistema alternativo para acompanhar a equivalência-produto. Esses mercados futuros, na verdade, são negociações de produtos agrícolas na bolsa, na qual o produtor tem condições de se proteger de riscos de perdas financeiras causadas por variações de preços de seus produtos.

congelamento de preços e salários por 90 dias. Além disso, adotaria uma política monetária de juros altos e a adoção de desvalorização do câmbio real por pouco tempo.

¹⁵ Este sistema beneficiou o produtor rural, visto que antes dele, ao tomar um financiamento, o produtor rural não tinha como saber o impacto que os encargos financeiros causariam no seu saldo devedor. No entanto, com a equivalência-produto, essa situação mudou, pois a partir desta, o agricultor passou a acompanhar e prever a evolução do seu saldo devedor, em função do produto incluído no contrato.

Para Lucena e Souza (2001), esse sistema concedeu melhores condições de rentabilidade dos produtos rurais, visto que através dele são veiculadas importantes informações acerca do preço esperado no mercado físico (à vista), que influenciam nas decisões de produzir, colher, estocar e processar determinada *commodity* agrícola. No mercado futuro, as posições de contrato são classificadas como sendo mantidas por hedges, que são expedientes adotados por compradores e vendedores para se resguardarem de flutuações futuras de preços.

A abertura comercial iniciada no governo Collor, como resultado da política de reduções tarifárias e desvalorizações reais da moeda, contribuíram para o crescimento das importações agrícolas no país. Com o advento do Plano Real¹⁶ aumentou ainda mais a valorização cambial, barateando as importações e encarecendo as exportações, causando grandes déficits na balança comercial.

Verifica-se, dessa forma, que a agricultura moderna está voltada para segmentos mais competitivos da economia, tornando-se mais eficiente e produtiva com a adoção de inovações tecnológicas e mão de obra mais qualificada. Essas mudanças têm contribuído para melhorar o seu desempenho na direção de abastecer os mercados externos e suprir a demanda interna, colaborando com o desenvolvimento econômico em um mercado cada vez mais globalizado. No entanto, observa-se ainda a necessidade de melhoria de infraestrutura (rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, energia, etc.), novas pesquisas que possam melhorar a produção e a produtividade (novas variedades, métodos novos de cultivo e produtos mais resistentes às pragas), e estímulo à irrigação.

2.2.2 O setor agrícola baiano e suas transformações

O estado da Bahia possui uma extensão territorial de 564.830,859 km², dados do IBGE 2010, estando entre os maiores estados do país. Seu espaço rural é formado por cerca de 30 milhões de hectares, área somada por 761.528 estabelecimentos agropecuários (Censo Agropecuário-IBGE, 2006)¹⁷. O estado possui uma população de 14.016.906 habitantes sendo que, destes, 72,07% residem na zona urbana, enquanto 27,93% estão na zona rural (Censo Demográfico IBGE 2010).

¹⁶ O Plano Real foi lançado no governo de Itamar Franco, em 1994, e tinha como principal objetivo o controle da inflação.

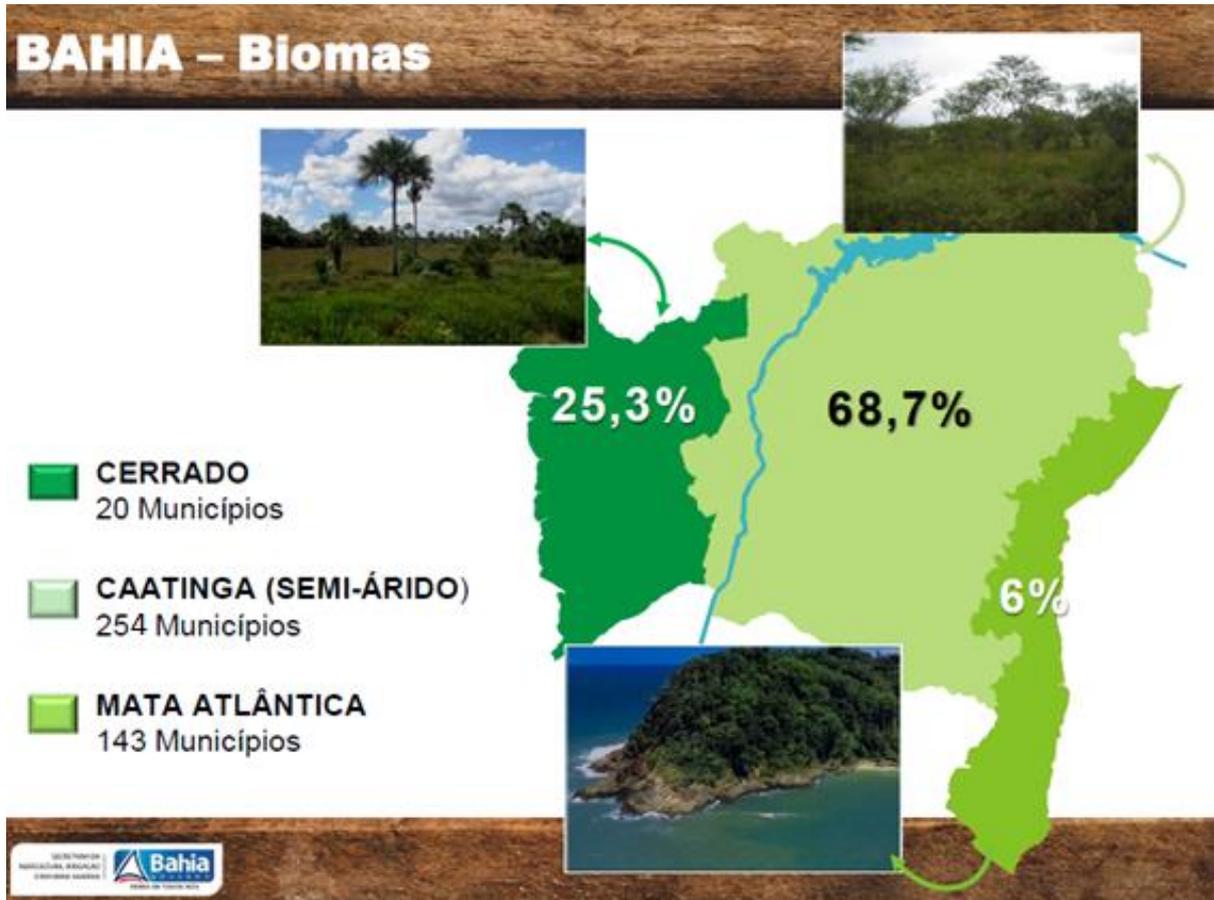
¹⁷ Último Censo Agropecuário divulgado pelo IBGE.

Em 2010, o espaço rural baiano abrigava uma população estimada em 4 milhões de pessoas, e cerca de metade delas trabalhando em atividades agrícolas, colocando a Bahia em primeiro lugar, dentre os estados brasileiros, em população rural e em trabalhadores rurais. Isso poderia torná-lo uma grande referência na produção agrícola nacional. Porém, por possuir grande parte do seu território dentro da região do semiárido, condições físicas e aspectos climáticos são um entrave para o desenvolvimento de uma agricultura tecnificada e de grande escala produtiva.

Mendonça (2001) expressa que o espaço baiano é caracterizado por três realidades distintas: o litoral úmido (mata atlântica), que foi o cenário marcado pela ocupação primitiva e pelas primeiras explorações agrícolas; o cerrado (oeste), que é caracterizado, sobretudo pelas regularidades climáticas e pela topografia plana, onde os baixos preços da terra tem se constituído em um vigoroso estímulo para atração de agricultores do sul do país; e a faixa central do estado, o semiárido (caatinga), com baixos índices de pluviosidade, temperaturas médias anuais elevadas, vegetação de pequeno porte, representa mais de 70% do território baiano.

No semiárido baiano, exceto em áreas com agricultura irrigada, são muito grandes as dificuldades de desenvolvimento de uma atividade agrícola rentável, devido à inexistência de soluções tecnológicas adequadas. Nas outras duas áreas, a agricultura vem crescendo de forma bastante significativa no litoral e principalmente na região Oeste, com os municípios de Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, São Desidério, Formosa do Rio Preto, entre outros, de forma mais acentuada com a produção de soja, milho, feijão, algodão e etc. A figura 1 apresenta as três realidades territoriais do estado da Bahia.

Figura 1: As três realidades territoriais do estado da Bahia



Desde o início da década de 1990, a agricultura baiana vem apresentando relevantes mudanças na dinâmica do seu crescimento, influenciadas, certamente, por uma conjunção de fatores que passam pela estabilidade da economia brasileira, alcançada pelo Plano Real, pelo fenômeno da globalização, que expôs a nossa economia a padrões de competição nunca vistos antes, pelo papel desempenhado pelo poder público na qualidade de indutor e articulador do processo de desenvolvimento e, obviamente, pelo setor privado, o tomador da decisão de investir (VIANA, 2001).

Ocorre, na verdade, uma reorganização do setor agrícola baiano que é demonstrada pela gradativa substituição de atividades ditas tradicionais, por atividades com modernas formas e novas tecnologias de exploração. Ademais, verifica-se um deslocamento de fronteira com a incorporação de novas áreas, e o maior aproveitamento das áreas já existentes ao processo produtivo.

Adiciona-se ainda a esses pontos cruciais um movimento de redefinição das vocações agrícolas de cada região econômica do estado e o considerável aumento de investidores externos no setor agrícola.

É importante mencionar aqui um caráter que é dinâmico e também fortemente heterogêneo do setor rural baiano, o que não permite qualquer forma de homogeneização dos diferentes grupos, setores e subsetores que nele se inserem e atuam. E isso é evidenciado no trabalho de Delgado (1999), onde ele ressalta que o setor agropecuário invariavelmente é visto pelos policy-makers da área macroeconômica, como um todo uniforme (“produtores rurais”), articulado em torno de políticas voltadas à estabilização (ou aumento) do rendimento percebido pelo setor, o que é usualmente interpretado como mero exercício de lobby pelo lado dos agricultores e de aumento de gastos e preços por parte dos gestores dos programas macroeconômicos.

Observa-se também que a agricultura baiana tem sido palco de profundo processo de transformação produtiva, tecnológica, espacial e socioestrutural. Esse modelo de modernização da base técnica do processo de manejo da produção, que para Couto Filho (2004) aconteceu de forma retardatária no contexto agrícola baiano, quando comparado com o ocorrido no cenário nacional, gerou sensíveis alterações no volume e no valor de produção, mas também, no deslocamento populacional, no uso e absorção de recursos naturais e na capacidade de adquirir mão de obra. Isso acarretou um aumento considerável, ainda que concentrado, no valor gerado na produção agrícola do estado no período de 2001 a 2010, que quase dobrou, passando da casa dos 7 bilhões para 10,5 bilhões, respectivamente – valores constantes de 2010.

Ainda segundo Couto Filho (2007), na Bahia, conformam-se pelo menos dois novos mundos rurais, que são denominados de “novo rural atrasado” e “novo rural desenvolvido”, sendo que nesses dois novos mundos foram encontradas características completamente diferentes. No “novo rural atrasado”, as atividades econômicas são menos rentáveis, o trabalho é de baixa qualificação, além de precário no que diz respeito às suas condições e ao cumprimento das obrigações legais. Já o “novo rural desenvolvido”, aproxima-se às áreas rurais mais dinâmicas do país, pelo menos no que diz respeito ao crescimento das forças produtivas.

É significativa a mudança no setor produtivo agrícola baiano ao longo do tempo, em que se verifica o estabelecimento de uma agricultura ou de uma agroindústria moderna, em tempos de novas tecnologias, dando maior dinâmica no processo de abertura agrícola em direção à área dos cerrados no Oeste Baiano e às regiões produtivas próximas ao Vale do São Francisco Baiano, incorporando novas atividades e novas etapas da cadeia de valor agregado à estrutura do Produto Interno Bruto (PIB) baiano, e influenciando decisivamente no comportamento da economia do estado, principalmente na última década.

Neste contexto, revela-se uma modernização agrícola fundamentada em mudanças de base técnicas do setor através da crescente utilização de processos mecânicos como tratores, arados, colheitadeiras e de processos químicos como adubos, defensivos, calcários, dentre outros.

Couto Filho (1999) relata que o movimento da agricultura baiana é perceptível por meio da contextualização de três grandes áreas com aspectos diferenciados: a) regiões modernas representadas por polos produtivos do Extremo Sul, da região de Juazeiro e da região Oeste; b) região interiorana, que é praticamente representada pela área do semiárido baiano; e c) região litorânea tradicional, marcada principalmente pela lavoura cacaueteira, além de outros cultivos como o do café ou das frutas, no Sul do estado.

Por não ter experimentado essa significativa modernização agrícola e muito menos a formação de complexos agroindustriais que se expandiram até o final da década de 80, Couto Filho (2007) salienta que muitas áreas baianas, sobretudo no semiárido, não apresentaram problemas decorrentes desses processos, como é o caso do desemprego causado pela mecanização agrícola. No entanto, as quedas nos preços agrícolas também atingiram áreas que tinham uma agricultura atrasada, considerando-se que o excedente negociado gerava renda essencial para a manutenção de vidas das famílias rurais. Os preços que os produtores baianos recebiam eram bem menores que os pagos por estes às agroindústrias para a compra de insumos da produção. O que acontece, na verdade, é que os produtores baianos pagam muito e recebem pouco para produzir e ainda têm um alto custo com os bens de consumo.

Uma observação mais direcionada quanto a isso permite a constatação de que existe uma razoável concentração espacial do Valor da Produção (VP) agrícola no estado da Bahia.

Verifica-se isto quando é visto que cerca de 10% dos municípios do estado concentram aproximadamente 65% do valor da produção total do estado. E que apenas 10 desses municípios representam 39% do valor da produção, sendo que grande parte se concentra na região oeste.¹⁸

Entretanto, averiguou-se que, mesmo em regiões onde o processo de “modernização tecnológica” se deu de forma intensa, há uma coexistência de uma agricultura tradicional de base familiar, que na maioria das vezes é praticada por pequenos agricultores com baixo poder aquisitivo, para os quais esse novo modelo de cultivo apoiado pelas mudanças tecnológicas é de difícil acesso e muitas vezes inadequados, seja por seu elevado custo econômico – que não traz rentabilidade para a produção em pequena escala -, seja por sua especialização (levando a riscos mais elevados no ponto de vista econômico e também da segurança alimentar desses agricultores), seja pela existência de uma limitação espacial (necessidade de terras planas ou de disponibilidade de água e solos propícios, no caso da irrigação).

Viana (2004) ressalta que, dentre as inovações tecnológicas em curso, destaca-se o processo de irrigação, que permitiu um salto considerável no total da área irrigada do estado. A tabela 1 mostra a evolução da quantidade produzida dos principais produtos cultivados no estado entre os anos de 2001 e 2010.

Tabela 1: Evolução da quantidade produzida na agricultura baiana - produtos selecionados - 2001/2010 - em toneladas

Culturas	2001	2005	2010	2010/2001 - %
LAVOURA TEMPORÁRIA				
Algodão herbáceo (caroço)	170.092	822.401	996.220	485,69
Cana-de-açúcar	4.357.735	5.592.921	5.868.709	34,67
Feijão (em grão)	246.434	462.320	316.377	28,38
Mandioca	3.568.393	4.611.676	3.211.278	-10,01
Milho (em grão)	992.852	1.616.464	2.223.302	123,93
Soja (em grão)	1.407.600	2.401.872	3.112.929	121,15
Fumo	8.846	10.987	6.147	-30,51
Tomate	195.275	200.436	302.783	55,05
Melancia	212.640	152.176	338.365	59,13

¹⁸ Dados obtidos na Pesquisa Agrícola Municipal do ano de 2010 - IBGE

LAVOURA PERMANENTE

Banana	717.220	975.620	1.079.050	50,45
Cacau (em amêndoa)	126.812	137.459	148.254	16,91
Café (beneficiado)	171.579	128.511	153.262	-10,68
Coco-da-baía*	424.444	713.571	502.364	18,36
Laranja	865.380	802.290	987.813	14,15
Mamão	858.471	726.991	910.131	6,02
Maracujá	97.647	139.910	461.105	372,22
Sisal ou agave (fibra)	174.424	194.503	237.397	36,10
Uva	84.344	109.408	78.283	-7,19
Manga	241.531	396.662	509.676	111,02
Limão	28.894	34.070	53.003	83,44

*Mil Frutos

Fonte: IBGE (PAM, vários anos). Elaboração própria

Concordando com a análise de Guilhoto e Ichihara (2006), em que o crescimento da produção do setor agropecuário tem sido liderado pelo setor agrícola, a tabela acima mostra que houve um grande incremento nos diversos segmentos agrícolas do estado da Bahia, apontando uma fortíssima expansão da cultura do algodão, do milho, da banana, da melancia e da soja, que em grande parte estão localizados na região oeste do estado, como registrou Mendonça (2006). No caso da soja, cuja variação no período estudado atestou um crescimento de 121,15%, a produção baiana está basicamente concentrada em seis municípios da região Oeste: São Desidério, Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, Formosa do Rio Preto, Correntina e Riachão das Neves, reforçando o caráter da concentração espacial sobre a qual se falou anteriormente.

Pedreira (2004) ressalta que outro polo que passa a contribuir decisivamente para o cenário do crescimento agrícola baiano, é a região do Extremo Sul, por intermédio da produção de eucalipto integrado ao sistema de papel e celulose. Além da produção de cacau, café e do segmento frutífero.

Além do crescimento positivo que foi visto em algumas culturas espalhadas pelo estado, verificou-se crescimento também da quantidade produzida da laranja (14,15%) e o limão em (83,44%). Outras culturas reduziram em quantidade produzida no período analisado foram o fumo (-30,51%), mandioca (-10,01%) e uva (-7,19%). O maracujá que apresentou grande crescimento (372,22%), juntamente com a mamona, cacau, coco-da-baía, mamão e sisal, permitiram à Bahia em 2010, ocupar a primeira posição entre os estados produtores do país.

Ainda no aspecto da fruticultura, deve-se ressaltar o forte incremento da produção de banana (50,45%), principalmente nas mesorregiões Sul Baiano, Centro Norte Baiano e Vale do São Francisco Baiano.

Algumas culturas analisadas da tabela 1 possuem forte vocação exportadora, como é o caso da soja, algodão, e das frutas em geral, principalmente a manga.

De acordo com informações da Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia – SEAGRI, a figura 2 mostra os principais polos agropecuários do estado, destacando as principais culturas de cada região.

Figura 2 – Principais Polos Agropecuários do estado da Bahia



FONTE: SEAGRI

Analisando a figura acima é possível averiguar a vocação agropecuária de cada região do estado de acordo com as suas principais culturas. Nesta direção, visualiza-se a importância de

cada cultura para a economia das respectivas regiões. No extremo sul, por exemplo, destaca-se além da pecuária com a produção de leite e carne bovina, a intensificada produção de fruticultura, da cana e de eucalipto. Na região de Ilhéus/Itabuna, o cacau e a borracha são os principais segmentos e na região oeste, destaca-se a produção de algodão, soja, milho. A fruticultura e a cana são as principais culturas da região norte.

Cada segmento agropecuário representa para suas regiões e municípios uma de suas principais atividades econômicas, e cresceu em praticamente todas essas regiões, se não em todas, de forma consistente nos últimos anos. A tabela 2 mostra a evolução do valor da produção das principais culturas do estado da Bahia entre os anos de 2001 e 2010.

Tabela 2 - Evolução do Valor da Produção na agricultura baiana - produtos selecionados - 2001/2010 – Em mil reais

CULTURAS/ANO	2001*	2005	2010	2010/2001 - (%)
LAVOURA TEMPORÁRIA				
Algodão herbáceo (em caroço)	255.534	848.834	956.536	274,3
Cana-de-açúcar	580.758	264.288	375.154	-35,4
Feijão (em grão)	346.127	430.699	576.614	66,6
Fumo (em folha)	27.605	39.700	34.093	23,5
Mandioca	981.463	404.717	564.067	-42,5
Melancia	90.219	46.833	113.142	25,4
Milho (em grão)	395.752	405.748	779.364	96,9
Soja (em grão)	900.217	1.058.296	1.650.571	83,4
Sorgo (em grão)	5.127	23.797	29.415	473,8
Tomate	138.639	98.941	247.239	78,3
LAVOURA PERMANENTE				
Banana (cacho)	456.165	370.354	613.373	34,5
Cacau (em amêndoa)	559.962	457.304	781.302	39,5
Café (em grão)	425.792	399.165	560.097	31,5
Coco-da-baía	296.867	182.038	221.656	-25,3
Laranja	192.895	174.029	296.324	53,6
Limão	12.180	13.701	22.150	81,9
Mamão	498.352	270.174	821.431	64,8
Manga	143.526	201.003	214.624	49,5
Maracujá	83.395	83.614	400.352	380,1
Sisal ou agave (fibra)	131.476	176.825	212.540	61,7
Uva	109.617	185.728	211.578	93,0

*Valores corrigidos pela inflação

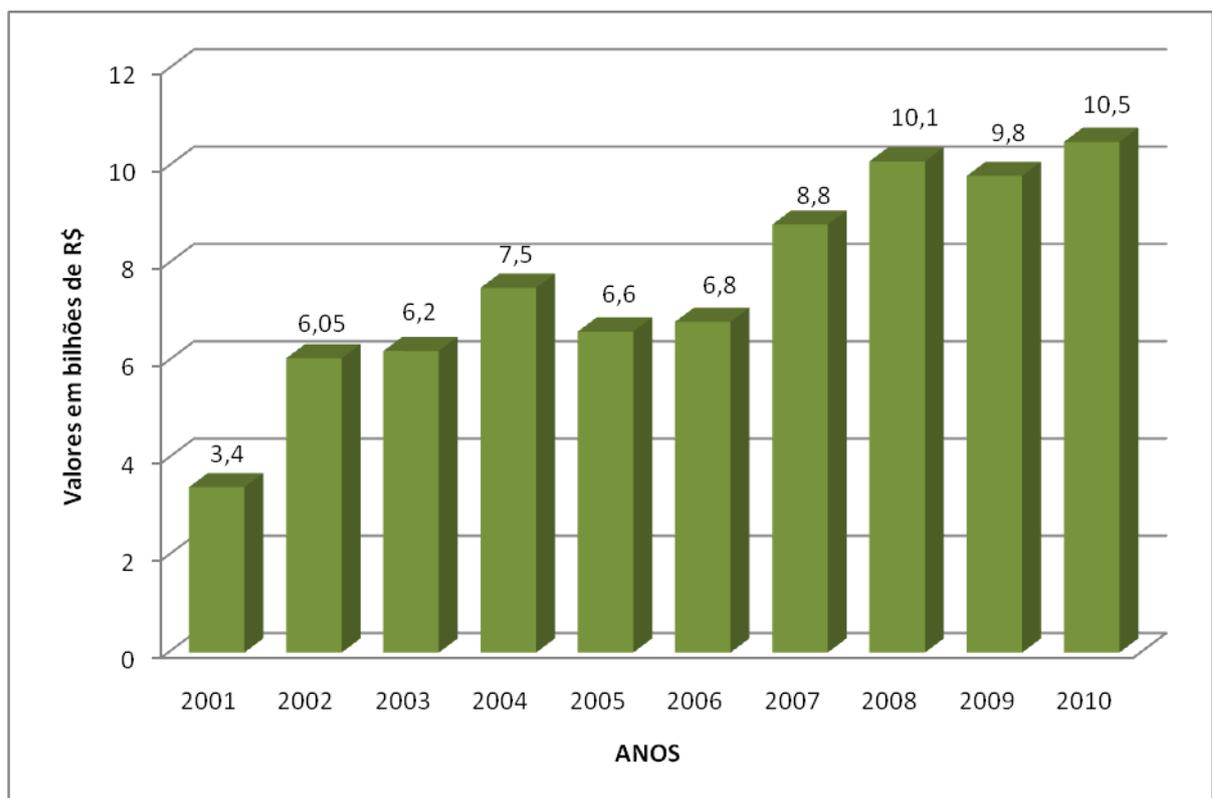
**Mil Frutos

Fonte: IBGE (PAM, vários anos). Elaboração própria

Entre as culturas analisadas observa-se uma grande evolução do valor da produção, em 2010 na comparação com o ano de 2001, da cultura do maracujá (380,1%), do algodão (274,3%), do milho (96,9%), da uva (93%) entre outras. As culturas que tiveram redução do VP foram a cana-de-açúcar (35,4%), a mandioca (42,5%) e o coco-da-baía (25,3%).

Em se tratando no valor da produção total para o estado da Bahia, o gráfico abaixo demonstra a evolução entre os anos analisados, crescendo de R\$ 3,4 bilhões em 2001 até R\$ 10,5 bilhões em 2010, um incremento de cerca de 308%. A figura abaixo mostra a evolução do valor da produção do estado da Bahia ao longo dos dez anos, entre 2001 e 2010.

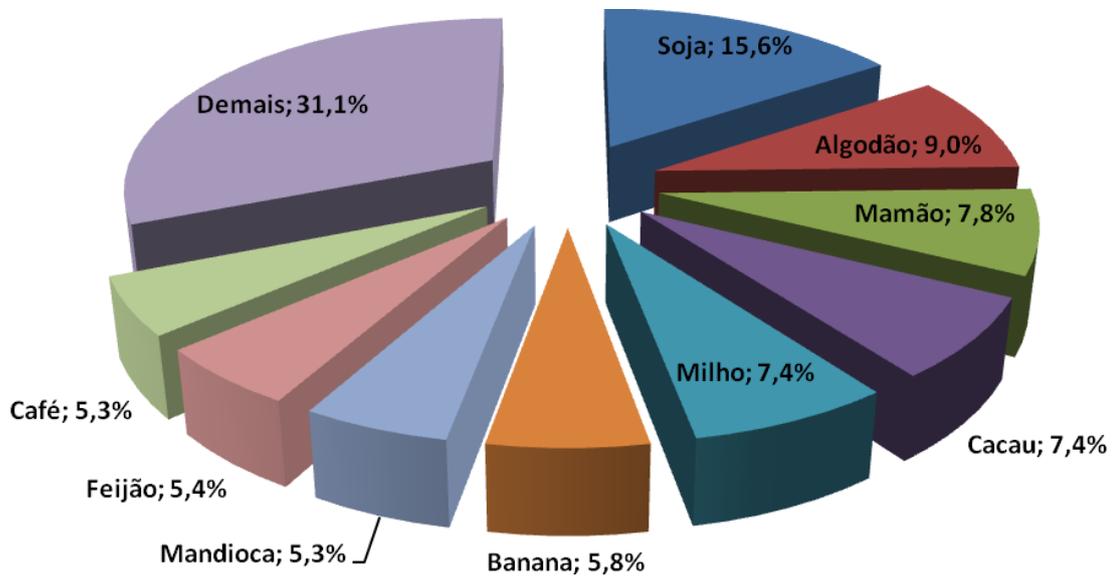
Gráfico 1 - Valor da Produção Agrícola – Bahia, 2001-2010



Fonte: IBGE (PAM, vários anos). Elaboração própria

Na composição das lavouras, a soja e o algodão são atualmente os produtos mais importantes correspondendo respectivamente a 15,6% e 9% do VP agrícola do estado da Bahia em 2010. Os alimentos básicos também tiveram importância significativa no Valor da Produção Agrícola, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2 - Composição das lavouras no Valor da Produção Agrícola do estado da Bahia em 2010.



Fonte: IBGE (PAM, 2010). Elaboração própria

Fica cada vez mais evidente a importância da soja, do algodão e do milho, além do cacau e do mamão, na agricultura do estado. Essas três culturas são desenvolvidas principalmente na região oeste, região esta que correspondeu em 2010 a 33,97% do VP agrícola da Bahia, e que vem contribuindo com intensidade no desenvolvimento da agricultura baiana, em termos de novas tecnologias, novas formas de manejo, causando aumento de produtividade e expressivos ganhos.

2.2.3 Agricultura nas mesorregiões geográficas da Bahia

A Bahia possui 417 municípios divididos em 32 microrregiões e em sete grandes mesorregiões geográficas, que serão o foco desse estudo. Essa divisão das mesorregiões foi feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1990, e foram determinadas tendo como critério três aspectos: as semelhanças naturais, sociais e as relações entre seus habitantes e natureza.

Elas divergem entre si pela posição geográfica, pelos aspectos físicos e naturais, pelo número de municípios, pelo número de habitantes, pelas atividades econômicas, dentre outros aspectos. Assim, ficaram divididas da seguinte forma: Centro Norte Baiano, Centro Sul

Baiano, Nordeste Baiano, Sul Baiano, Metropolitana de Salvador, Vale do São Francisco da Bahia e Extremo Oeste Baiano, como mostra o mapa abaixo.

Figura 3 - Mapa do estado da Bahia com destaque para as mesorregiões geográficas.



Fonte: www.baixarmapas.com.br – Elaborado a partir de base cartográfica do IBGE

Cada mesorregião dessas apresenta características peculiares que são meramente marcas de seus territórios. Essas características são fortemente determinantes para o desenvolvimento das atividades agrícolas existentes em cada espaço geográfico, como fonte econômica dos empreendedores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes.

A tabela 3 retrata a evolução do valor da produção agrícola de cada mesorregião do estado baiano entre os anos de 2001 a 2010, onde é possível observar o grande crescimento do valor da produção agrícola das regiões do Nordeste Baiano, 78,1%, destacando as culturas do milho e do feijão e do Extremo Oeste Baiano, 73,5%, influenciado principalmente pelo aumento do cultivo da soja, algodão e milho. A região Metropolitana de Salvador, por sua vez, apresentou redução de 4,3% no Valor da Produção agrícola no período estudado.

Tabela 3 - Análise da evolução do valor da produção agrícola total do estado da Bahia por mesorregiões entre os anos 2001-2010 (em mil reais)

MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS	2001*	2010	%
Extremo Oeste Baiano – BA	2.074.101	3.598.670	73,5
Centro Sul Baiano - BA	1.140.307	1.613.532	41,5
Nordeste Baiano - BA	627.596	1.117.882	78,1
Centro Norte Baiano - BA	585.893	866.992	48,0
Vale São-Franciscano da Bahia - BA	623.842	874.498	40,2
Sul Baiano - BA	1.784.198	2.285.313	28,1
Metropolitana de Salvador - BA	246.807	236.147	-4,3
TOTAL	7.082.743	10.593.034	49,6

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

a) Mesorregião Extremo Oeste Baiano

Esta região baiana permaneceu até a primeira metade do século XX, como um imenso território de reserva, parcialmente ocupado e com baixo nível de atividade econômica. A partir da década de 70, o Oeste baiano foi marcado por um novo ciclo de desenvolvimento, com intenso e rápido processo de transformação além de vigoroso movimento populacional intra-regional e inter-regional.

Apresentando uma área de 14 milhões de hectares, a mesorregião do Extremo Oeste Baiano tornou-se o principal foco agrícola do estado. Segundo Mendonça (2006), nas décadas de 80 e 90, a região conheceu uma expansão agropecuária nunca vista antes e, devido ao acréscimo significativo no cultivo dos grãos, culturas perenes e na agricultura irrigada, produziram importantes transformações, principalmente no que se refere ao uso e ocupação da terra.

Para Baiardi (2004), esta região é uma área da Bahia que tem grande importância econômica a partir da agropecuária, destacando a criação de gado, produção de grãos e a fruticultura. Esse processo de desenvolvimento do Oeste da Bahia teve como principais determinantes o fácil acesso aos recursos naturais, os solos planos de cerrado, a intervenção do governo (no que se trata a infraestrutura), os fluxos de capitais privados e a presença de fatores sociais diferenciados em relação aos agentes econômicos tradicionais do mundo rural baiano, provenientes de ambientes nos quais a dotação de capital social é mais elevada.

O Extremo Oeste Baiano possui uma dinâmica de ocupação bem diferenciada das demais regiões do estado. Por ser um território muito distante de Salvador, cerca de 850 km, sempre foi tido com uma área de reserva, sendo um verdadeiro vazio demográfico. Porém, políticas públicas com o objetivo de ocupar a região, trouxeram uma grande população, principalmente do Sul do Brasil, em busca de novas terras agricultáveis, para implantação de técnicas modernas de produção.

Santos (2008) menciona que a moderna agricultura nos cerrados baianos foi um dos poucos fatos econômicos ocorridos nessa faixa territorial do estado da Bahia, sendo responsável pela mudança do perfil econômico político e geográfico da produção agrícola do Oeste da Bahia. Esse fato marcou essa região no cenário econômico nacional, criando uma nova fronteira agrícola, desencadeando uma série de ações públicas e privadas que alteram as formas e os conteúdos deste espaço, transformando em um novo território caracterizado como um meio técnico científico e informal.

Para Vieira (2007), o fenômeno ocorrido na região Oeste é consequência da sobreposição de atividades primárias e tradicionais pela agricultura moderna, com emprego acentuado da mecanização e fortes relações capitalistas e industriais.

A tabela 4 mostra o crescimento das variáveis, área plantada, quantidade produzida e valor da produção, dos principais produtos da região Oeste da Bahia entre o período 2001 a 2010.

Tabela 4 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião do Extremo Oeste baiano

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Milhões reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Soja	690	1.014,9	47	1.407,6	3.105,3	120	900,2	1.646,5	82
Algodão herbáceo	42,4	245,5	478	152,9	961,3	528	237,3	922,7	28
Milho	207,2	222,1	7	827,3	1.447,6	75	318,9	454	42
Feijão	32,4	52,8	63	48,9	79,9	63	81,3	167,7	106
Café	12	12,9	7	16,2	32,9	103	54,6	142,7	161
Mamão	1,95	1,8	- 5	76,7	115,9	51	60,4	89,1	47
Mandioca	41,1	24,9	- 39	462,6	297,6	- 35	222,7	53,2	-76
Cana-de-açúcar	9,3	8,7	- 6	554	456,6	- 17	108,7	48	-56
Arroz	33,5	17,4	- 48	35,8	30,4	- 15	22,3	15,7	-29

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

Entre as culturas analisadas na mesorregião do oeste baiano, o maior crescimento foi verificado na cultura do algodão. A área plantada com algodão no oeste da Bahia, onde se concentra a produção do Estado, aumentou 478% entre 2001 e 2010, contribuindo para um aumento de 528% da quantidade produzida e de 288% do valor da produção nesse mesmo período. Com esse crescimento, a Bahia hoje é o segundo maior estado produtor da fibra, e se deve muito ao aprimoramento dos produtores que se preocupam em organizar a cadeia produtiva e adotar tecnologias para garantir a produtividade, com menos impacto para o solo e o meio ambiente.

Outra cultura de destaque na região é a cultura da soja, que também apresentou considerado crescimento, 47% da área plantada, 120% da quantidade produzida e 82% do valor da produção, entre 2001 e 2010. Esta cultura é considerada, por muitos, como uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento da região. As primeiras plantações começaram na década de 90 e, desde então, ajudam a impulsionar o crescimento dos municípios e a mudar a vida de muita gente.

As lavouras do milho, café e do feijão também apresentaram crescimento positivo no período estudado dando dinamismo à região e transformando as cidades que a ela pertença. Em Barreiras, a economia cresceu empurrada pelo agronegócio. Em Luiz Eduardo Magalhães, as lavouras causaram uma explosão demográfica. Há pouco mais de uma década só havia cerrado, onde hoje se enxergam as residências. A cidade era distrito de Barreiras e cresceu 130% no período, segundo o IBGE.

b) Mesorregião Centro Sul Baiano

Essa mesorregião é formada pela união oito microrregiões (Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Jequié, Livramento de Brumado, Seabra e Vitória da Conquista) abrangendo 118 municípios. O maior e mais importante município é Vitória da Conquista com cerca 306.866 habitantes (IBGE – Censo 2010), se tornando a capital regional de uma área que abrange cerca de 80 municípios. Além deste município, há também os centros regionais secundários encontrados nos municípios de Jequié, Guanambi, Brumado e Itapetinga. Segundo Neves (2007), esta região começou a ser ocupada em meados do século XVII por escravos foragidos de embarcações naufragadas no litoral da Bahia que subiam o Rio de Contas e se instalavam à

margem esquerda do Rio das Contas Pequeno, atual Rio Brumado, ao sul da Chapada Diamantina.

De acordo com Oliveira e Casimiro (2012), no cenário do século XIX, formou-se o perfil político da região Centro Sul da Bahia¹⁹ marcado pelo coronelismo²⁰ que se estendeu por todo o período republicano.

Em se tratando da economia, a agropecuária é a atividade mais importante, porém sabe-se que desde o século XIX, o município de Vitória da Conquista se apresentava por ter um expressivo comércio que beneficiava tanto a população local quanto os municípios vizinhos. A partir de 1940, alguns acontecimentos marcaram uma nova configuração promovendo as exportações, o surgimento da Rio-Bahia, tornando possível a expansão do Sul e Sudeste, integração à região Cacaueira e à Capital.

Apesar dessa nova roupagem que foi dada à mesorregião, a partir de alguns avanços verificados, a agropecuária é ainda uma das principais atividades econômicas da região e de subsistência de muitas famílias. Analisando o total da produção agrícola da mesorregião entre 2001 e 2010, verificou-se que houve um aumento de 12% na área plantada, saindo de 511.912 hectares para 573.464 hectares. Isso contribuiu para a elevação do valor da produção dessas culturas que cresceu 41,5% neste mesmo período.

A tabela 5 apresentada abaixo delinea a evolução da área plantada, quantidade produzida e do valor da produção das principais²¹ culturas da mesorregião aqui analisada.

¹⁹No Centro-Sul da Bahia, os graves conflitos entre famílias tradicionais locais foram legitimados pela estrutura política e administrativa do Império, que acarretava, nas localidades, o uso de violência por grupos políticos divergentes que desejavam controlar o poder administrativo municipais (AGUIAR, 1999).

²⁰ Para Victor Nunes Leal (1997), o coronelismo foi uma forma peculiar de manifestação do poder privado, coexistindo com um regime político de extensa base representativa. Ele apresenta a figura do “autêntico coronel”, representada pelo grande proprietário pouco ilustrado, em contraste com a figura dos “ilustrados doutores”, representada pelos profissionais liberais.

²¹ Foram consideradas as principais culturas, a partir do valor de produção de cada uma delas no ano de 2010.

Tabela 5 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião do Centro Sul Baiano

Culturas	Área plantada (Hectares)x1000			Quantidade produzida (toneladas)x1000			Valor da produção (Milhões Reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Café	107,5	102,2	-5	112,9	76,2	-32	276,6	284,5	2
Maracujá	4,2	22,5	438	40,5	331,7	718	40,2	281,9	601
Banana	13,5	17,6	30	150,7	247,4	64	109,1	137,6	26
Cacau	66,3	64,8	-2	21,1	22,9	8	88	122	38
Manga	3,7	12,4	234	58	188,2	224	41,7	75,5	81
Mandioca	82,9	58,9	-29	787,9	706,3	-10	158,6	115,5	-27
Cana-de-açúcar	15,5	13	-6	755,7	590,4	-21	114,8	60,2	-47
Feijão	115,9	134	15	37,3	29,8	-20	53,2	47,6	-10

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

A análise da tabela mostra que a fruticultura foi expressivamente crescente no período verificado, principalmente as culturas do maracujá, manga e banana, que cresceram seus valores de produção em 601%, 81% e 26%, respectivamente. A cacauicultura também apresentou incremento de quantidade produzida e de valor de produção no período, sendo outro importante segmento da agricultura da mesorregião do centro sul baiano.

Os resultados negativos, ou seja, redução do valor da produção ficou por conta da cana-de-açúcar (-47%), mandioca (-27%) e do feijão (-10%).

c) Mesorregião Nordeste Baiano

Seis microrregiões (Alagoinhas, Entre Rios, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Ribeira do Pombal e Serrinha) que agrupam sessenta municípios que compõem a mesorregião Nordeste Baiano apresentando uma grande diversidade de clima, vegetação, solo e água, bem como de condições socioeconômicas. No entanto, em períodos de secas prolongadas essas diferenças desaparecem, visto que quase toda região sofre com a mesma intensidade os seus efeitos.

De acordo com dados do IBGE, em 2007 a população desta mesorregião era de 1.514.079 habitantes em uma área de 56.335.147 km², apresentando uma densidade de 26,9 hab/km². O PIB desta mesorregião em 2010 (IBGE) foi de R\$ 8.644.170, representando 5,6% do PIB do Estado neste ano.

A agropecuária é uma das principais atividades econômicas da mesorregião, posto que a agropecuária tem uma participação muito grande na formação do PIB desta mesorregião. Os demais segmentos correspondem a aproximadamente 30% do PIB total desta mesorregião (SEAGRI, 2006). Entretanto, o Nordeste baiano é uma das mesorregiões que menos participa no agronegócio do estado.

Verificando a divisão do PIB agropecuário, em 2005 o PIB da agricultura no Nordeste Baiano foi de 74%, enquanto a participação da pecuária foi de apenas 26%, mostrando a grande força das culturas agrícolas no desenvolvimento econômico da região. A tabela 6 evidencia a evolução das principais culturas desenvolvidas nesta mesorregião ao longo dos dez anos pesquisados.

Tabela 6 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Nordeste Baiano

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Milhões reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Milho	228,2	283,6	24	73,9	634,9	759	36,2	270,4	646
Feijão	248,7	228,8	-8	61,9	129,6	109	90,7	239,2	164
Laranja	372,9	484,7	30	624,4	769,3	23	127,0	217,8	71
Mandioca	56,9	452,9	696	650,8	566,0	-13	112,2	103,3	-8
Sisal ou agave	99,4	108,9	9	77,0	108,2	40	59,7	88,7	49
Coco-da-baía	38,3	371,7	871	221,0	189,7	-14	131,5	65,1	-51
Maracujá	1,4	5,5	284	9,8	52,0	430	4,9	51,4	950

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

A tabela acima mostra a importância das culturas agrícolas na mesorregião Nordeste Baiano entre os anos de 2001 e 2010, com destaque para a evolução da cultura do milho, maracujá, feijão, laranja e sisal. A primeira cultura apresentou um crescimento de 646% do valor da produção, um incremento muito significativo para a região. Da mesma forma, a cultura do maracujá representou um crescimento de 950%, e assim também aumentou o valor da produção do feijão (164%), laranja (71%) e o sisal (49%).

Em contrapartida, as culturas do coco-da-baía e da mandioca apresentaram redução no período analisado, evidenciando uma possível substituição desta cultura por outras com maiores rentabilidades para os responsáveis pela produção, visto que a área plantada destas culturas também foi reduzida.

d) Mesorregião Centro Norte Baiano

O Centro Norte Baiano englobava 15,8% da população do estado da Bahia em 2007 (IBGE) com 2.224.075 habitantes em uma área de 81.354.221 km². Na sua composição existem oitenta municípios agrupados em cinco microrregiões: Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina, e Senhor do Bonfim.

Esta mesorregião apresenta uma estrutura fundiária com mais de 85% das propriedades rurais enquadradas na categoria da agricultura familiar, e 70% da sua mão de obra ativa vivem na zona rural. Com isso, a atividade agrícola é a principal fonte geradora de renda e emprego da região. O PIB total dessa mesorregião em 2010 representou 10,71% do PIB do estado.

No entanto, nota-se que a atividade agrícola desta mesorregião é cicatrizada pela baixa produtividade das culturas em relação às demais áreas de cultivos do país. Além disso, verifica-se que a agricultura possui um baixíssimo grau de tecnologia e baixa geração de renda, deixando os produtores locais com pequeno poder sobre a renda adquirida.

A evolução da produção das principais culturas da mesorregião, bem como do valor da produção das mesmas, serão exibidas na tabela abaixo.

Tabela 7 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Centro Norte Baiano

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Mil reais)x1000		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Mandioca	48	56	16	544,4	648,6	19	162,0	123,5	-24
Sisal	107	141	32	96,0	127,9	33	71,3	122,5	72
Cebola	0,55	3	411	17,8	91,9	415	14,3	108,9	659
Feijão	237	160	-32	82,5	61,3	-26	96,6	92,9	-4
Abacaxi	2	3	42	65,5	98,8	51	21,8	89,8	312
Tomate	0	3	607	11,7	96,1	721	7,4	79,5	978
Banana	6	7	24	92,2	111,6	21	52,0	70,1	35
Mamona	131	92	-29	60,2	64,3	7	48,3	64,3	33
Milho	162	204	26	63,0	88,3	40	27,6	31,5	14
Melancia	1	4	189	17,2	41,5	141	5,1	20,8	305
Café	11	6	-47	17,3	4,3	-75	35,6	17,3	-51

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

Entre as culturas que apresentaram grande evolução do valor da produção entre os dez anos pesquisados, podem ser destacadas as da cebola (659%), do tomate (978%), do abacaxi (312%) e da melancia (305%). Outras culturas também apresentaram crescimento tanto em área plantada quanto em quantidade produzida e do valor da produção. Outras, que também apresentam altos valores de produção, porém sofreram redução no período, foram a mandioca (-24%), o feijão (-4%) e o café (-51%).

Dessa forma, além da necessidade de chuvas devido à maioria dos municípios estarem localizados no semiárido, é preciso investimento em tecnologias agrícolas para um aumento da produtividade das culturas da mesorregião acompanhado de ganho real para os envolvidos.

e) Mesorregião Vale do São Francisco da Bahia

Formada pelo agrupamento de 27 municípios em quatro microrregiões, a mesorregião do Vale São-Franciscano da Bahia possuía uma população de 978.414 habitantes em 2007 (IBGE), representando 6,95% da população do estado neste ano. A região se destaca na agropecuária, principalmente na fruticultura e na criação de caprinos e ovinos. Seu PIB em 2010 representou 4,83% do PIB estadual, sendo a mesorregião com menor participação (IBGE).

Ela fica localizada no semiárido baiano às margens do Rio São Francisco, sendo o principal polo de irrigação da Bahia e um dos principais do Brasil. Esta tecnologia contribui para a região se destacar na produção de frutas, integrada a um padrão exportador e agroindustrial. A área irrigada, que é constituída por capitais públicos e privada, ultrapassa a divisão estadual avançando ao lado pernambucano.

A especialização frutífera da mesorregião ocorreu a partir dos anos 90, até então predominava, principalmente, as culturas anuais como o feijão, tomate, cebola, melancia e melão. No entanto, como já dito aqui, graças à agricultura irrigada, essa mesorregião vem nos últimos anos experimentando um processo de desenvolvimento que permitiu agregar à economia local áreas antes pouco produtivas, assentando um considerado número de famílias de baixa renda, instalando uma quantidade mensurável de empresas agrícolas, viabilizando a agroindústria regional e criando empregos no campo.

Ademais, como consequência desse crescimento da agricultura irrigada, vem aumentando a demanda por esterco animal. Entretanto, posto que nas áreas irrigadas devido ao sistema de

produção em áreas abertas, não tem sido possível manter a criação de caprinos e ovinos, o sequeiro tornou-se fornecedor de adubo orgânico para as frutíferas irrigadas.

Na tabela 8 será demonstrada a evolução das principais culturas²² desenvolvidas na mesorregião Vale do São Francisco da Bahia entre os anos de 2001 e 2010. Como já constatado, observou-se a predominância da fruticultura nesta mesorregião com destaque para a uva e a manga.

Tabela 8 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Vale do São Francisco da Bahia

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Milhões reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Uva	2,6	3,2	24	80,7	77,5	-4	103,2	210,1	104
Cebola	2,5	9,5	284	39,9	189,2	374	21,4	132,2	517
Manga	8,4	13,0	55	139,4	279,7	101	83,3	121,8	46
Cana-de-açúcar	14,8	18,7	26	1126,9	1464,9	30	56,0	93,7	67
Banana	4,8	7,1	46	117,4	223,8	91	55,4	90,7	64
Coco-da-baía	1,7	3,3	89	8,1	81,8	906	5,7	46,0	706
Maracujá	0,7	1,8	150	10,7	35,6	232	8,9	30,2	240
Melancia	2,5	5,2	107	75,1	105,0	40	27,5	28,8	5
Melão	1,5	1,4	-8	30,0	27,8	-7	13,7	21,5	57

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

A cultura da uva aparece com o maior valor de produção e um crescimento de 103,5% entre os dez anos analisados, evidenciando sua importância econômica para a agricultura regional. No entanto, apesar de não apresentar um valor de produção tão grande quanto outras culturas, a atividade que mais cresceu no período foi a cultura do coco-da-baía, com um incremento de 706%. As demais também apresentaram crescimento no valor da produção, mostrando a força da fruticultura irrigada que se desenvolveu ao longo das últimas décadas neste polo agropecuário.

f) Mesorregião Sul Baiano

O Sul da Bahia é uma mesorregião com aproximadamente 111.000 km² e uma população de 2.007.288 habitantes em 2007 (IBGE), representando 14,26% da população do estado. Seu

²² As principais culturas foram destacadas de acordo com o Valor da Produção no ano de 2010.

PIB em 2010 representou 11,81% do PIB baiano, ficando atrás apenas da mesorregião Metropolitana de Salvador.

Algumas mudanças econômicas e sociais ocorridas na Região Sul da Bahia a partir da sua ocupação no século XVI foram baseadas principalmente na exploração de suas potencialidades naturais, fazendo com que grandes extensões de terra fossem desmatadas e ocupadas posteriormente pela agricultura e pecuária.

O extrativismo de madeiras nobres, como o pau-brasil, marcou o início da colonização da mesorregião Sul da Bahia, promovendo o surgimento de entrepostos comerciais ao longo da região. Logo em seguida, a cana-de-açúcar passou a ser uma importante cultura para a economia local, prevalecendo até o final do século XVII, ao tempo que surgiram as primeiras povoações em decorrência da expansão desta cultura. Nesta direção, esta região tornou-se grande produtora de alimentos, como a farinha da mandioca, milho e feijão, além de derivados da atividade pesqueira.

De acordo com Fischer (2007), no século XVIII foram inseridas na Região Sul as culturas do algodão, café e cacau, sendo que estas duas últimas representaram uma maior importância econômica. No século XIX, o café já se encontrava com força menor e a cacauicultura se tornou uma das grandes potências dominando, principalmente, na atual região cacauzeira.

Ainda em Fischer (2007), observou-se que até meados do século XIX, essas culturas exerceram um papel fundamental no crescimento demográfico, na expansão do povoamento e na dinamização interna da economia regional. No entanto, é na passagem para o século XX que o cacau se torna uma cultura importante e definitiva para a região e para todo o estado, não só em termos de produção, como também na participação da balança do comércio externo baiano, fato que perdura até os dias atuais.

Já no decorrer dos anos 40/50 do século XX, ocorreram modificações nas áreas de produção agrícola que configuraram a estrutura de cultivo, visto que o segmento alimentício expandiu sua área plantada com destaque para a mandioca. Além da mandioca e do cacau, as culturas no mamão, banana, cana-de-açúcar, café, dentre outras, formam a lista das principais culturas agrícolas da mesorregião Sul Baiano, como visto da tabela 9.

Tabela 9 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Sul Baiano

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Milhões reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Mamão	16,4	11,4	-31	763,8	739,0	-3	429,3	690,9	61
Cacau	506,1	453,2	-10	104,6	124,7	19	468,7	656,2	40
Banana	17,0	29,7	75	276,3	425,7	54	158,7	275,5	74
Cana-de-açúcar	23,1	43,8	90	1181,2	2820,6	139	223,6	134,6	-40
Café	20,3	31,0	53	25,1	39,8	59	58,9	115,5	96
Mandioca	34,4	41,2	20	435,6	553,3	27	111,0	98,4	-11
Coco-da-baía	29,0	29,8	3	135,8	174,3	28	124,7	85,1	-32
Borracha	31,9	31,4	-1	19,9	31,9	61	37,7	57,7	53
Dendê	37,5	48,5	29	150,1	206,9	38	27,7	34,0	23
Melancia	3,6	3,2	-12	96,7	90,8	-6	48,4	32,9	-32
Maracujá	1,1	1,6	39	19,8	26,7	35	18,4	22,3	21

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

A tabela acima identifica as principais culturas agrícolas cultivadas na mesorregião Sul da Bahia entre os anos de 2001 e 2010, destacando sua evolução no que tange à área plantada, quantidade produzida e valor da produção. Neste contexto, verificou-se que o mamão, o cacau e a banana são as culturas que apresentaram maior valor da produção em 2010 e que no período pesquisado todas apresentaram incremento nesta variável, sendo culturas de grande expressão para a economia local e do estado. No entanto, foi a cafeicultura que representou o maior crescimento no período, 96%. De outro lado, algumas culturas, mesmo apresentando alto valor da produção em 2010, reduziram quando comparado com o ano de 2001, que foram os casos da cana-de-açúcar (-40%), a mandioca (-11%), o coco-da-baía (32%) e a melancia, que reduziu 32%.

g) Mesorregião Metropolitana de Salvador

A mesorregião de Salvador engloba três grandes microrregiões (Catu, Salvador e Santo Antônio de Jesus) reunindo um total de 38 municípios. A população da região em 2007 era de 4.332.393 habitantes em uma área de 11.548.147 km² (IBGE). Na parte econômica, o PIB em 2010 representou mais de 51,63%, mais que metade do PIB estadual.

Nesta mesorregião encontra-se a capital e os grandes polos industriais do estado. Porém a agricultura também tem grande importância econômica, principalmente na microrregião do Recôncavo Baiano. A tabela abaixo mostrará a evolução das principais culturas agrícolas desenvolvidas na mesorregião Metropolitana de Salvador entre os anos de 2001 a 2010.

Tabela 10 - Evolução das variáveis de análise das principais culturas da mesorregião Metropolitana de Salvador

Culturas	Área Plantada (hectares)x1000			Quantidade Produzida (toneladas)x1000			Valor da Produção (Milhões reais)		
	2001	2010	%	2001	2010	%	2001*	2010	%
Laranja	8,9	9,3	5	190,5	169,7	-11	43,9	60,4	38
Mandioca	27,5	20,8	-24	375,0	309,2	-18	53,8	50,1	-7
Cana-de-açúcar	15,0	11,1	-26	663,0	480,1	-28	63,1	32,3	-49
Fumo	5,9	4,5	-23	5,3	5,0	-5	19,3	28,5	47
Banana	2,6	2,4	-10	25,0	28,4	13	18,7	16,4	-12
Coco-da-baía	10,1	3,6	-64	45,9	20,3	-56	24,3	9,1	-62
Limão	0,2	0,7	220	2,6	10,2	295	0,6	5,5	862
Feijão	2,9	5,3	84	1,8	3,3	85	2,2	5,5	149

Fonte: IBGE, PAM- 2001 e 2010 - Elaboração própria.

*Valores corrigidos pela inflação

A partir dos dados apresentado na tabela acima, pode concluir-se que, mesmo com uma redução da quantidade produzida no período em questão, a cultura da laranja apresentou o maior valor da produção agrícola da mesorregião e um crescimento de 38%. As culturas do limão e do feijão também apresentaram crescimento do valor da produção entre os anos de 2001 e 2010, apesar de não participarem com grandes proporções no valor da produção agrícola da mesorregião. As demais culturas analisadas apresentaram redução do seu valor da produção.

As sete mesorregiões baianas apresentam características diversas, tanto físicas quanto culturais. E, com isso, observaram-se as diferentes culturas agrícolas que são desenvolvidas em cada uma delas e os diferentes graus de importância que a agricultura exerce sobre cada mesorregião. Os pontos propulsores do crescimento de cada cultura em cada mesorregião serão abordados no capítulo que emprega o modelo *shift-share*.

3 MODELO *SHIFT AND SHARE ANALYSIS*

O *Modelo Shift and Share Analysis*, também conhecido como estrutural-diferencial, é um modelo de análise da economia regional que foi escolhido para efeito de estudo desta dissertação, com o intuito de instrumentalizar a interpretação da produção agrícola nas mesorregiões da Bahia, tendo como variável base o valor da produção. Além disso, este modelo oportuniza a compreensão das assimetrias na evolução do valor da produção agrícola buscando indicar os possíveis elementos geradores das transformações ocorridas neste setor.

É importante ressaltar algumas considerações sobre o modelo dado que este, ao abordar o crescimento do valor da produção agrícola em termos das culturas analisadas e da divisão do estado da Bahia em mesorregiões, não pode ser interpretado como um modelo ou uma teoria explicativa do crescimento regional, porém, deve ser utilizado como um modelo de investigação que reconhece as componentes deste crescimento. Isso porque trata-se de uma identidade contábil, não apresentando qualquer hipótese comportamental em suas variáveis (WANDERLEY, 1994).

Outro aspecto que faz necessário ser mencionado, diz respeito à variável base da aplicação do modelo, que neste caso é o valor da produção agrícola. Esta variável foi escolhida por ser uma variável que pode demonstrar a dimensão do valor gerado por cada cultura agrícola no município e na mesorregião, tornando possível confirmar o crescimento econômico que cada cultura representa para a região estudada, visto que este modelo apresenta apenas uma única variável base. Além disso, relata-se que foi utilizado o Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) como referência para a correção dos valores do ano base, posto que a inflação ocorrida no período deva ser considerada para que a análise dos valores do ano base e do ano corrente²³ não seja distorcida.

Os dados utilizados na aplicação foram extraídos do IBGE, mais especificamente dos resultados da Produção Agrícola Municipal (PAM), dos anos de 2001 e 2010, nas mesorregiões do estado da Bahia, e do Censo Agropecuário ano de 2006, publicados pelo Instituto.

²³ Os anos base e corrente tratam-se, respectivamente, ao ano inicial (2001) e ao ano final (2010) desta pesquisa.

3.1 UM ESBOÇO TEÓRICO

Craemer (1942) foi quem elaborou a primeira base técnica do modelo *shift and share analysis*. No entanto só alguns anos depois é que Edgar Dunn²⁴ publicou a primeira formulação deste modelo em seus trabalhos, Dunn (1959) e Dunn (1960). O modelo tem como proposta fundamental descrever e gerar indicadores de crescimento econômico de uma região em termos de sua estrutura produtiva e dos seus aspectos exógenos da atividade de produção (cultura agrícola) e endógena aos municípios da mesorregião. Dessa forma, o modelo identifica as componentes do crescimento econômico regional, porém, não se trata de uma teoria explicativa para efeito do crescimento econômico.

Segundo Lodder (1974) o grau de dinamismo de uma região desenrola-se de um segmento estrutural e de outro diferencial (regional), este último trata-se de elementos endógenos à região. Neste contexto, o crescimento de um determinado município pode ser explicado pela diferença entre o crescimento real e o que esse município teria, caso ele crescesse à mesma taxa da mesorregião. O fator estrutural, por sua vez, diz respeito à composição das atividades agrícolas do município, concentradas em setores²⁵ economicamente dinâmicos ou não dinâmicos. O elemento diferencial espelha as condições da região (município) para a especialização em determinados segmentos agrícolas, na intenção de que eles possam se expandir mais rápido que a media nacional (mesorregião). Trata-se dos fatores exógenos que propiciam decisões e medidas visando o estímulo a certas atividades setoriais.

Os vários setores e municípios analisados a partir dos seus valores da produção serão denominados de dinâmicos ou não dinâmicos de acordo com os resultados das suas componentes de crescimento. Um setor é dinâmico quando os fatores que a ele pertencem são impulsionadores do crescimento do valor da produção entre os anos estudados. Da mesma forma, o setor será não dinâmico quando nele ocorrerem quedas relativas quanto ao crescimento do valor da produção no período analisado entre culturas e municípios.

Para Haddad et al, (1989) este modelo pode ser utilizado, também, como uma forma de gerar informações que sejam relevantes para a organização de pesquisas adicionais de natureza

²⁴ Disponível em Dunn (1959) e Dunn (1960).

²⁵ Os setores mencionados neste trabalho referem-se às culturas ou atividades agrícolas.

teórica sobre problemas regionais específicos: análise dos setores que tiveram uma variação diferencial negativa em uma região e análise dos fatores explicativos para o desempenho diferencial de economias regionais, etc.

O procedimento analítico do *shift-share* consiste na decomposição do crescimento de uma variável base (valor da produção agrícola) em uma determinada área geográfica (mesorregiões), levando para a identificação das componentes distintas desse crescimento. Na verdade, trata-se de uma ferramenta analítica que procura apreender e desagregar os diferentes componentes do crescimento de uma variável que possa explicar ou influenciar o seu comportamento (DUNN, 1960).

A formulação clássica do modelo proposto por Dunn (1959; 1960) exige um enquadramento analítico de acordo com os seguintes supostos, descritos por Wanderley (1994):

- 1) o modelo é elaborado sob a ótica da estática comparativa, ou seja, ele ignora a explicação da evolução do valor da produção quanto ao processo de desenvolvimento econômico entre o ano base e o ano corrente;
- 2) as componentes são ponderadas pelo ano base, posto que elas se mantêm ao nível de representatividade desta base em relação à estrutura econômica da localidade;
- 3) desconsideram-se assimetrias do ano base;
- 4) não considera mudança na estrutura econômica entre os períodos de tempo pesquisados;
- 5) a componente estrutural e a diferencial são independentes; e,
- 6) as atividades econômicas regionais (locais) são influenciadas por fatores exógenos aos setores e endógenos à região.

Com base no modelo de Dunn e em várias outras formulações, a exemplo de Stilwell (1969), Brown (1969), Esteban-Maquillas (1972), Lodder (1972), Arcelus (1984) entre outros, ilustrou-se a compreensão do *shift-share* atribuindo a explicação de Rodrigo Simões da seguinte forma:

O método *shift-share*, consiste, basicamente, na descrição do crescimento econômico de uma região nos termos de sua estrutura produtiva. O método é

composto por um conjunto de identidades – com quaisquer hipóteses de causalidade – que procuram identificar e desagregar componentes de tal crescimento, em uma análise descritiva da estrutura produtiva. (SIMÕES, 2005, p.10).

O modelo se forma a partir da ideia de que uma variável básica pode ser maior em alguns segmentos do que em outros, ou maior em algumas regiões que em outras. Isto, na verdade, cria a possibilidade de uma determinada região apresentar um maior crescimento do que a média registrada nas demais regiões, devido ao fato da primeira possuir a maioria dos setores mais dinâmicos ou por possuir uma estrutura forte em uma das variáveis, que impulsiona o desenvolvimento.

A interpretação do modelo *shift-share* resulta de determinadas ações, provocando uma divergência das mudanças que ocorrem nas variáveis econômicas em diferentes componentes que facilitam e possibilitam uma avaliação da maneira que essas mudanças ocorrem.

Os autores Hernández e Paniagua (2008) descrevem o modelo da seguinte forma:

[...] el *shift-share* tradicional da el diagnóstico global, posibilitando analizar en qué medida la diferencia entre el crecimiento de un sector regional concreto y la media del agregado nacional se debe a factores estructurales o a factores residuales. La especificación del *shift-share* espacial ofrece un diagnóstico similar pero al nivel local de vecindad geográfica. (HERNÁNDEZ; PANIAGUA, 2008, p. 10)

Brown (1971) destaca que o modelo permite a incorporação de vários elementos sem a perda da sua principal identidade. Entretanto, isto só é possível dentro de um aparato que tenha como fundamentação, determinantes econômicos, evitando, assim, exercícios inócuos de formulação estatística sem que seja considerada a lógica econômica em torno do que se está estudando. Nas palavras do próprio autor tem-se,

[...] o método *shift-share* é somente uma identidade formada pela adição e subtração simultânea de taxas de crescimento, as quais são agrupadas para definir os componentes. Assim é sempre possível incluir novas variáveis [...]; contudo, somente serão importantes se cada um dos componentes estiver associado a sua função econômica claramente identificável. (BROWN, 1971, p. 113)

Igreja et.al. (1982) aplicaram o modelo *Shift-Share* na quantificação das fontes de variação da produção agrícola no estado de São Paulo, no período 1966 a 1977, desagregando a análise aos níveis regionais e das culturas individualmente. E, mais recentemente, Igreja e Yokohama

(1992) aplicaram o modelo *Shift-Share* no estudo das principais lavouras do Centro-Oeste brasileiro, de 1975 a 1987, destacando a expansão o cultivo de soja em substituição a outros cultivos agrícolas menos rentáveis economicamente.

De acordo com Pereira (1999), as principais contribuições ao modelo *shift-share*, são creditadas, entre outros autores a Stilwell (1969), Esteban-Marquillas (1972) e Herzog e Olsen (1979). Essas contribuições iniciaram a partir do momento em que foram detectadas algumas deficiências na formulação original, sendo que a principal deficiência trata-se do uso da ponderação das taxas de crescimento no ano inicial, não considerando possíveis mudanças na estrutura da variável ao longo do tempo.

Nesta direção, Stilwell (1969), com a finalidade de solucionar essa limitação²⁶, sugeriu uma alteração do efeito proporcional introduzindo no modelo a variável base no final do período (V_{ij}^1), além de se considerar também no início (V_{ij}^0). Neste sentido, ao usar (V_{ij}^1) como peso, e medindo a diferença entre um e outro como indicador da mudança na composição do valor da produção, obtém-se o novo cálculo do efeito proporcional, entre os períodos de tempo.

Outra importante contribuição para o melhoramento do modelo foi a de Esteban-Marquillas (1972) que acrescentou o efeito alocação para analisar os componentes de crescimento de cada região. Trata-se do rompimento com o suposto 5 do modelo de Dunn. Para eliminar a influência estrutural advinda da variável base no ano inicial ao cálculo de efeito diferencial (regional), ele criou a chamada ‘variável homotética’, isto é, o volume do valor da produção que a atividade setorial i do município j teria se a estrutura produtiva fosse igual ao da mesorregião, ou seja:

$$\hat{V}_{ij}^0 = V_{tj}^0 (V_{it}^0 / V_{tt}^0)$$

onde:

\hat{V}_{ij}^0 = Valor da produção homotética da atividade i do município j no ano inicial;

V_{tj}^0 = valor da produção do município j no ano inicial;

²⁶ Discordando dos supostos 2 e 5 da formulação de Dunn (1959) e (1960).

V_{it}^0 = valor da produção na atividade i da mesorregião no ano inicial;

V_{tt}^0 = valor da produção do país no ano inicial.

Herzog e Olsen (1979), por sua vez, partindo da formulação proposta por Esteban-Marquillas, desenvolveram as correções necessárias englobando a proposta de Stilwell, em que se usa a variável base no final do período e não mais no início. Ademais, reformularam o efeito alocação, inserindo a mudança do peso na composição da variável base, o novo efeito alocação terá, então, como componentes explicativas, a composição desta variável no ano inicial, a do ano final e suas respectivas taxas de crescimento.

3.2 DESCRIÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE*

O modelo *shift-share* se sustenta em uma matriz de informações de uma dada variável base – valor da produção agrícola - setorial/regional, representada pela letra ‘ V ’. Nas linhas dessas matrizes são encontrados os diversos setores das atividades (culturas agrícolas), e em suas colunas as principais regiões (municípios) produtores das mais importantes culturas de cada mesorregião do estado da Bahia. O quadro abaixo enfatiza a matriz de informação em uma amplitude espacial, que se define nas seguintes categorias: local, regional e setorial.

MATRIZ DE INFORMAÇÕES		Períodos: 0 e 1
	Regiões (j)	$\sum j$
Setores de Atividades (i)	V_{ij}	V_{it}
$\sum i$	V_{tj}	V_{tt}

Em que:

$$V_{it} = \sum_j V_{ij}$$

$$V_{tj} = \sum_i V_{ij}$$

$$V_{tt} = \sum_i \sum_j V_{ij} = \sum_j \sum_i V_{ij}.$$

Dessa forma, observa-se que V corresponde à variável base, que em nosso caso é o valor da produção agrícola (V); V_{ij} é o valor da produção da atividade i em cada município j (amplitude local); V_{it} é o valor da produção da atividade i de todos os municípios (amplitude regional); V_{tj} é o valor da produção de todas as atividades de cada município j (amplitude setorial); V_{tt} é o Valor da produção de todas as atividades e em todos os municípios (amplitude espacial). Ao tempo em que i representa os setores; j os municípios; n representa o número de atividades; m representa o número de municípios; 0 é o período base (2001) e 1 representa o período corrente (2010).

A aplicação do modelo usará uma matriz de informações para cada uma das sete mesorregiões baiana, tal que em cada uma delas serão escolhidas amostras das principais culturas agrícolas e dos seus principais municípios.

A partir da versão de Dunn do modelo *shift-share*, o qual apresenta três componentes do crescimento, a Componente de Crescimento Global (CCG), a Componente de Crescimento Estrutural (CCE) e a Componente de Crescimento Regional ou Competitiva (CCR), tem-se a seguinte formulação:

$$CCT = CCG + CCE + CCR, \quad \text{onde}$$

$$CCT = V_{ij}^0 \eta_{tt} + V_{ij}^0 (\eta_{it} - \eta_{tt}) + V_{ij}^0 (\eta_{ij} - \eta_{it}) \quad (1)$$

$$CCT = \Delta V_{ij} = V_{ij}^0 \eta_{ij}$$

Nesta aplicação do modelo *shift-share*, a Componente de Crescimento Total (CCT) é o resultado do desempenho das três componentes e representa a composição da variação do crescimento no período de cada atividade e município das mesorregiões. A Componente de Crescimento Global (CCG) é igual ao acréscimo do valor da produção que ocorreria se o município crescesse à mesma taxa de crescimento do valor da produção da mesorregião. A Componente de Crescimento Estrutural (CCE) representa o montante adicional do valor da

produção que o município poderá incorrer como resultante de sua composição setorial. A Componente de Crescimento Regional (CCR) indica o valor positivo (ou negativo) resultante dos fatores de iniciativa e decisões dos agentes locais – poder público, iniciativa privada, dentre outros - que influenciam na atividade agrícola.

Neste modelo, o cálculo da taxa de crescimento do valor da produção de todas as atividades e em todos os municípios (amplitude espacial) ponderado pelo ano base é representado da seguinte forma:

$$\eta_{tt} = \left(\frac{V_{tt}^1}{V_{tt}^0} \right) - 1$$

Da mesma forma, calcula-se a taxa de crescimento do valor da produção no segmento da atividade i na amplitude regional (conjunto de municípios), ponderado pelo ano base:

$$\eta_{it} = \left(\frac{V_{it}^1}{V_{it}^0} \right) - 1$$

e, o cálculo da taxa de crescimento do valor da produção no segmento i do município j (amplitude local), ponderado pelo ano base.

$$\eta_{ij} = \left(\frac{V_{ij}^1}{V_{ij}^0} \right) - 1$$

Haddad (1989) detecta a existência de alguns elementos responsáveis por diferentes taxas de crescimento setorial, quando se compara com a amplitude nacional. Esses fatores são a variação na estrutura da demanda, as variações da produtividade, as inovações tecnológicas, e etc.. Para este autor, os aspectos de natureza locacional são os principais responsáveis pelo impulso do crescimento, e entre esses fatores estão, a variação nos custos de transporte, os diferentes preços dos insumos entre as regiões (municípios) e os estímulos fiscais específicos para determinadas áreas.

Para fins de aplicação nesta dissertação, foi adotada a formulação de Stilwell que será explicitada a seguir.

3.3 O MODELO DE STILWELL

Stilwell (1969), após ter identificado as limitações do modelo apresentado na equação (1), devido a este não ter considerado a existência de mudanças estruturais na composição setorial das regiões durante o período observado, elaborou uma modificação com o intuito de captar diversificações setoriais interperíodos, através da criação de uma variável revertida. Dessa forma, observou-se que a diferença entre a variação revertida e a variação estrutural, veio a ser identificada como Variável Estrutural Modificada.

Neste contexto, uma determinada região, especializada em segmentos menos dinâmicos no período inicial, pode ter sofrido uma mudança de estrutura entre os anos da análise, de maneira que transforme a composição setorial a ponto desta apresentar uma supremacia relativamente maior de setores dinâmicos no período final. Portanto, Stilwell, com o objetivo de eliminar essas limitações, inseriu em sua formulação uma taxa de crescimento revertida, utilizando como referência base o ano corrente.

Os pressupostos da formulação feita por Stilwell (1969) referem-se aos seguintes elementos:

- 1) esta formulação também está sob a ótica da estática comparativa;
- 2) as componentes não são mais ponderadas apenas pelo ano base, introduzindo-se também o ano corrente;
- 3) a estrutura econômica é variável entre o período de tempo do estudo;
- 4) também há uma independência entre as componentes estrutural e regional;
- 5) as atividades econômicas locais são influenciadas por fatores exógenos à região.

A apresentação do modelo de Stilwell parte de uma Matriz de Informação descrita a seguir:

Períodos entre: 0 e 1		$(V^0 / V^1) - 1$
	Regiões (j)	Σj
Setores de Atividades (i)	λ_{ij}	λ_{it}

Σi	λ_{tj}	λ_{tt}

Em que:

$\lambda_{ij} = (V_{ij}^0/V_{ij}^1) - 1 =$ Taxa de crescimento revertida da variável base na atividade i em cada município j : amplitude local;

$\lambda_{it} = (V_{it}^0/V_{it}^1) - 1 =$ Taxa de crescimento revertida da variável base na atividade i de todos os municípios: amplitude regional;

$\lambda_{tj} = (V_{tj}^0/V_{tj}^1) - 1 =$ Taxa de crescimento revertida da variável base em todas as atividades de cada município j : amplitude setorial;

$\lambda_{tt} = (V_{tt}^0/V_{tt}^1) - 1 =$ Taxa de crescimento revertida da variável base em todas as atividades e em todos os municípios: amplitude espacial.

Neste sentido, a formulação de Stilwell terá a seguinte representação:

$$CCERv = V_{ij}^1 \left[\left(\frac{V_{tt}^0}{V_{tt}^1} - 1 \right) - \left(\frac{V_{it}^0}{V_{it}^1} - 1 \right) \right]$$

$$CCERv = V_{ij}^1 (\lambda_{tt} - \lambda_{it})$$

$$CCEM = CCERv - CCE \quad (2)$$

$$CCEM = V_{ij}^1 (\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0 (\eta_{it} - \eta_{tt})$$

$$CCRRs = CCR - CCEM$$

$$CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$$

Como,

$$CCT = CCG + CCEM + CCRR,$$

tem-se que,

$$CCT = V_{ij}^0\eta_{tt} + [V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})] + [V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})] \quad (3)$$

Como pode ser observado na equação (2), a Componente de Crescimento Estrutural Modificada (CCEM) representa a diferença entre a Componente de Crescimento estrutural Revertida (CCER) e a Componente de Crescimento Estrutural (CCE) e indica a variação líquida devido à existência de diferença entre as estruturas da produtividade das regiões entre o ano corrente e o ano base.

A Componente de Crescimento Regional Residual (CCRR) foi obtida após a CCEM ter sido subtraída da CCR, vista na formulação de Dunn. Fez-se necessário este cálculo devido à variação na estrutura econômica (composição setorial) que faz parte da interferência sobre a variação no desempenho econômico do município, sendo essencial calcular as influências residuais de natureza regional.

A Componente de Crescimento Global (CCG) significa a influência do crescimento da mesorregião entre as culturas agrícolas e municípios, sinalizando o grau de dependência desses municípios.

A CCEM significa que os setores estão ou não sendo influenciado por elementos causadores de mudanças estruturais no período analisado, sendo que se seu sinal for positivo (+), significa dizer que o município passou por uma alteração da sua estrutura setorial se especializando mais em setores de atividades cuja produção se desenvolve mais rapidamente em nível da mesorregião.

A CCRR expressa a influência dos aspectos endógenos ao município, mas exógenos à cultura, que exercem sobre o crescimento da variável base. Se esta componente for positiva, significa dizer que o município cresceu por fatores próprios, ou seja, esse município apresenta alto grau de competitividade e não tem, obrigatoriamente, a necessidade de contar com as modificações nas especializações.

De acordo com Galeano et al. (2012), a formulação de Dunn foi modificada por Stilwell para que pudesse abranger o impacto das mudanças estruturais sobre a variável em estudo na composição setorial da produção durante o período estudado, sendo que a interpretação dos resultados será analisada com base nos sinais das componentes de crescimento.

Na verdade, o modelo *shift-share* identifica, através dos resultados obtidos, se há uma influência maior ou menor do crescimento global, do estrutural e regional para um determinado segmento em um dado município.

Dessa forma, torna-se possível dizer que o modelo é muito interessante para a aplicação em estudos sobre questões regionais, dado que este permite determinar os elementos causadores do crescimento, da mesma forma que possibilita um mapeamento da estrutura produtiva da região, tornando viável a determinação do peso de cada atividade produtiva na economia como um todo. Se se apresentar dinâmica, deverá identificar as formas que faça com que seu dinamismo seja capaz de recuperar atividades que apresentem crescimento negativo para que, com isso, seja possível diversificar a estrutura produtiva da região.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os objetivos deste estudo estão amparados nos cenários da valorização das *commodities* mundiais, na evolução da produção agrícola e na crescente demanda mundial por alimentos, principalmente dos países com vasta extensão territorial e condições climáticas favoráveis como é o caso do Brasil. Historicamente, sempre coube à agricultura a missão de produzir alimentos, mas, atualmente, a agricultura já convive com a ampliação da abrangência de suas atribuições. Como se não bastasse a ampliação destas atribuições, o desafio do abastecimento mundial de alimentos assume contornos dramáticos, tendo em vista o crescimento mundial da população.

Os resultados do modelo *shift-share* são analisados à luz das taxas de crescimento por culturas, segundo a agregação regional. A análise dos três componentes do modelo, Componente de Crescimento Global (CCG), Componente de Crescimento Estrutural Modificada (CCEM) e Componente de Crescimento Regional Residual (CCRR), mostra qual delas tem maior influência no crescimento do valor da produção em cada cultura, e nos principais municípios produtores de cada mesorregião do estado da Bahia.

Os resultados detalhados das componentes para cada uma das culturas e para cada uma das mesorregiões baianas e seus principais municípios se encontram no Apêndice. Os percentuais de cada um dos componentes apresentados revelam quanto cada componente – global, estrutural, ou regional - explica o dinamismo em cada cultura. O Componente de Crescimento Global representa o acréscimo que cada cultura e município teriam se crescessem à mesma taxa da mesorregião, a Componente de Crescimento Estrutural, explica o quanto as mudanças de natureza técnica/estrutural impulsionaram o crescimento e a Componente de Crescimento Regional, revela qual a influência das mudanças locais e exógenas à cultura analisada no seu crescimento.

Devido à grande diversificação do território baiano, em termos físicos e climáticos que o envolve, permitindo que diferentes culturas sejam desenvolvidas, a formulação do modelo *shift-share* foi aplicada em cada mesorregião isoladamente. Em razão de essas mesorregiões desenvolverem diferentes segmentos da produção agrícola como atividade econômica, foram excluídos os municípios que possuem valor de produção zero em uma das cinco principais culturas selecionadas e, posteriormente, escolhidos aqueles que apresentaram maior importância para a mesorregião em termo de valor da produção agrícola no ano de 2010.

Dessa forma, serão abordados por mesorregiões os indicadores das culturas e do município referentes à participação do VP na mesorregião, a taxa de crescimento do valor da produção entre 2001 e 2010, a variação da área plantada neste período; bem como os percentuais de cada componente do modelo *shift-share* em relação à componente de crescimento total (CCT).

4.1 ANÁLISES DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS CULTURAS NAS MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA

Os resultados do modelo *shift-share* são analisados através da taxa de crescimento dos componentes que compõem esse modelo. A *CCG* reflete a indução do crescimento da Mesorregião sobre o desempenho de cada município. A *CCEM* mostra se a influência na mudança estrutural foi ou não dinâmica nos municípios de cada mesorregião. A *CCRR*, por sua vez, analisa se houve mudanças exógenas à cultura que influenciaram no crescimento agrícola, ou seja, se ações econômicas locais influenciaram no crescimento regional residual do município. Portanto, serão apresentados os resultados para as mesorregiões e seus principais municípios, em termo de VP, e das principais culturas para cada mesorregião. Enfatiza-se que em razão da taxa de crescimento de cada uma das mesorregiões terem sido positivas, os correspondentes Componentes de Crescimento Global (CCG) registraram acréscimos em cada cultura e município, sendo dessa forma influenciada pelo crescimento da mesorregião.

4.1.1 Mesorregião 1 - Extremo Oeste Baiano

A mesorregião do Oeste Baiano possui uma área de 116.115,40 km² (IBGE-2010) e uma população de 553.758 habitantes (IBGE, 2007), representando 3,93% da população do Estado. Esta mesorregião vem apresentando altas taxas de crescimento agrícola e dinamizando, a cada ano que passa, o seu processo de desenvolvimento do território destinado às culturas agrícolas, principalmente as de grãos.

A análise do crescimento dos principais produtos cultiváveis nesta mesorregião foi feita a partir de uma amostragem tendo os principais municípios produtores e, conseqüentemente, os

produtos que têm maior peso no valor da produção regional. De acordo com o quadro 1, verificou-se que os municípios que mais representam a agricultura da região oeste foram: Luís Eduardo Magalhães, 9,79%; Barreiras, 12,83%; Correntina, 10,17%; Formosa do Rio Preto, 19,77%; São Desidério, 31,65%; Riachão das Neves, 6,74%; e Jaborandi, 5,13%. Da mesma forma, as culturas que tiveram maior contribuição para o valor da produção agrícola da mesorregião foram, a soja, o algodão, o milho e o feijão. O Quadro 1 destaca a participação do VP de cada cultura no valor da produção da mesorregião, as taxas de crescimento, a variação da área plantada, além dos percentuais das componentes de crescimento em relação à componente de crescimento total (CCT).

Enfatiza-se que a influência da taxa de crescimento do VP da mesorregião de 107,87% na componente de crescimento global gerou um efeito dinâmico em todos os municípios e culturas agrícolas.

Quadro 1 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Extremo Oeste Baiano.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2010/2001	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			Valor CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
LUÍS EDUARDO MAGALHÃES	Soja	12,89	8,39	-12,73	315,95	53,83	-269,78	66.869
	Algodão	3,89	54,16	231,60	(-81,28)	(114,35)	(66,92)	-30.891
	Milho	8,77	-39,55	-54,49	353,08	181,02	-434,10	20.127
	Feijão	14,48	82,84	18,59	142,43	-5,54	-36,89	10.063
	TOTAL	9,79	4,69	-16,18	486,31	55,23	-441,54	66.168
BARREIRAS	Soja	11,34	29,68	4,41	194,61	30,54	-125,16	79.788
	Algodão	13,49	222,28	484,06	304,74	-320,60	115,85	13.673
	Milho	14,02	33,31	-1,21	104,32	36,23	-40,55	49.391
	Feijão	21,33	206,69	99,68	54,05	-1,12	47,07	23.274
	TOTAL	12,83	69,67	23,24	157,14	-1,10	-56,04	166.126
CORRENTINA	Soja	9,95	81,73	45,37	100,37	12,46	-12,83	96.875
	Algodão	12,66	556,05	960,96	29,22	-10,15	80,93	65.711
	Milho	7,92	-8,77	-35,88	175,87	77,88	-153,75	24.166
	Feijão	2,44	-68,49	-47,00	(-142,69)	(8,73)	(233,95)	-9.807
	TOTAL	10,17	99,99	47,02	97,73	13,20	-10,93	176.946
FORMOSA DO RIO PRETO	Soja	28,65	349,90	272,87	28,72	-1,29	72,57	393.833
	Algodão	10,11	185,02	418,60	(-58,12)	(-65,71)	(6,59)	-607
	Milho	14,96	285,86	149,89	30,30	-6,84	76,54	62.676

	Feijão	4,51	835,55	493,33	13,02	0,94	86,04	6.705
	TOTAL	19,77	310,61	262,08	36,37	-10,64	74,27	462.607
SÃO DESIDÉRIO	Soja	23,79	52,14	21,78	138,48	19,77	-58,26	200.524
	Algodão	48,73	363,82	700,02	60,96	-45,92	84,95	171.541
	Milho	28,95	23,36	-12,60	115,42	42,70	-58,11	99.609
	Feijão	27,42	105,33	53,33	109,82	-3,91	-5,91	22.003
	TOTAL	31,65	110,78	50,31	105,62	0,52	-6,13	493.676
RIACHÃO DAS NEVES	Soja	6,32	47,85	19,03	146,57	21,32	-67,89	51.826
	Algodão	9,15	327,80	628,34	76,55	-63,47	86,93	27.799
	Milho	4,55	78,97	8,32	72,36	17,64	10,00	17.202
	Feijão	4,41	779,89	416,25	13,96	0,89	85,15	6.494
	TOTAL	6,74	111,22	47,47	107,04	-3,39	-3,65	103.320
JABORANDI	Soja	4,92	266,71	193,34	36,88	0,28	62,84	64.671
	Algodão	1,74	292,23	609,76	102,39	-92,59	90,20	4.309
	Milho	12,77	306,16	200,00	28,67	-7,79	79,12	53.729
	Feijão	6,50	740,95	867,74	14,70	0,85	84,45	9.515
	TOTAL	5,13	297,41	226,45	34,08	-5,99	71,90	132.224
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	107,87	50,70	100,00	-	-	1.601.068

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Luís Eduardo Magalhães

Este município, que tem apenas 12 anos de existência, possui uma população de 60.105 habitantes em uma área de 3.941,069 km² (IBGE, 2010). Tem umas das principais economias do estado e um parque industrial composto por empresas líderes em seus segmentos, com várias multinacionais instaladas, como a Bunge, a Louis Dreyfus, dentre outras.

A agricultura em **Luís Eduardo Magalhães** tem se mostrado como a principal atividade econômica do município, tornando-o uma das referências quando o assunto é o agronegócio. O município participou com 9,79% do VP no conjunto das culturas pesquisadas na mesorregião do Extremo Oeste Baiano. A taxa de crescimento do valor da produção entre 2001 e 2010 foi de 4,69%, apesar de ter ocorrido uma redução de 16,18% na área destinada ao desenvolvimento destas quatro atividades. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento do valor da produção em Luís Eduardo Magalhães mostraram que a componente de crescimento estrutural explicou 55,23% do valor da componente de crescimento total.

Dado que a componente estrutural foi positiva, constatou-se dinamismo na mudança da composição das culturas agrícolas no período. A componente de crescimento regional foi negativa no conjunto das culturas em Luís Eduardo Magalhães, mostrando que não houve grande influência endógena do município que contribuisse para o crescimento do valor da produção.

O valor da produção da **soja** neste município em 2010 foi 12,89% do total da mesorregião, sendo o terceiro município na produção do grão na mesorregião do Extremo Oeste Baiano neste ano. A taxa de crescimento desta cultura no período estudado foi de 8,39%, mesmo havendo redução de 12,73% da área destinada à sua produção, evidenciando o crescimento impulsionado por outros aspectos. A componente de crescimento estrutural explicou o crescimento total do VP em 53,83%, revelando dinamismo, o que indica a existência de fatores com mudanças estruturais inovadores nesta cultura. Aspectos endógenos do município que são inerentes à cultura da soja não foram determinantes para o seu crescimento, posto que a componente de crescimento regional apresentou-se negativa.

A participação do valor da produção do **algodão** no VP da mesorregião foi de 3,89%, tendo em vista que houve um grande aumento dessa cultura neste município entre 2001 e 2010, ao mesmo tempo em que sua área plantada cresceu 231,60% e o valor da produção 54,16%. As componentes de crescimento, estrutural e regional, não apresentaram dinamismo, sendo ambas negativas. Demonstrando dessa forma que aspectos de caráter estrutural e local não foram fortemente plausíveis para uma contribuição no crescimento total do valor da produção da cultura do algodão.

O **milho** participou em 8,77% do VP da mesorregião em 2010, apesar de ter apresentado uma redução de 54,49% da área plantada e de 39,55% do valor da produção entre 2001 e 2010. O dinamismo desta cultura foi explicado pela componente de crescimento estrutural que acusou valor positivo, 181,02%, indicando que houve mudanças na estrutura do município no sentido da especialização da cultura, contribuindo para o aumento da produtividade.

A cultura que mais representou o município frente à mesorregião foi a cultura do **feijão**, 14,49%. Verificou-se também crescimento do valor da produção e da área plantada desta cultura, 82,84% e 18,59%, respectivamente. Os resultados da aplicação do modelo *shift-share* evidenciaram um não dinamismo em termos das composições estruturais e locais, visto que as componentes de crescimento, estrutural e regional, foram negativas.

Barreiras

Este município que fica a 800 km de Salvador, é um importante polo do agronegócio, tendo como base de sua economia a agropecuária (soja, algodão, milho, feijão, café e etc.). Sua área total é de 7.859,225 km² e sua população em 2010 foi de 137.427 habitantes (IBGE-2010). Junto com as suas cidades circunvizinhas compõe a maior região agrícola do Nordeste do país.

Em 2010, o município teve uma participação de 12,83% no VP da mesorregião, quando analisadas as quatro culturas acima relacionadas. Ainda apresentou um crescimento de 69,67% do valor da produção e de 23,24% da área plantada entre 2001 e 2010. Dado que as componentes de crescimento, estrutural e regional, foram negativas, explica-se um não dinamismo nos aspectos que influenciam o crescimento agregado das culturas mencionadas no quadro 1.

A participação do valor da produção da **soja** no VP desta cultura na mesorregião foi de 11,34%, sendo que o seu crescimento no período foi de 29,68%, enquanto o crescimento da área destinada ao seu cultivo foi de apenas 4,41%. O dinamismo desta cultura foi explicado pela componente de crescimento estrutural modificada, que explicou 30,54% da composição da componente de crescimento total, revelando que os aspectos de natureza estrutural favoreceram tal crescimento.

A cultura do **algodão** neste município participou com 13,49% do valor da produção desta na mesorregião, sendo que houve um crescimento de 222,28% do valor da produção e de 484% da área plantada, mostrando ser uma das culturas que mais cresceram na região oeste no período estudado. A componente de crescimento regional explicou 115,85% do seu crescimento total deduzindo que, por algumas razões de natureza local, porém exógena ao cultivo do algodão, tal cultura foi beneficiada.

Com uma participação de 14,02% no valor da produção da mesorregião, **o milho** apresentou um crescimento de 33,31% do VP no período da pesquisa, apesar da redução de 1,21% da área plantada. A componente de crescimento estrutural foi dinâmica, uma vez que sua participação na componente de crescimento total foi de 36,23%. Com isso pode mencionar-se que houve uma mudança na estrutura setorial da região no sentido da especialização desta cultura.

O valor da produção do **feijão** em Barreiras representou 21,33% do VP desta cultura na mesorregião, ao mesmo tempo em que apresentou um crescimento de 206,69% do valor da produção e 99,68% da área plantada entre os anos de 2001 a 2010. A componente de crescimento regional computou um valor positivo de 47,07%, o que indica que esta cultura foi beneficiada por questões locais inerentes ao seu manejo.

Correntina

Este município possuía em 2010 uma população de 31.249 habitantes em uma extensão territorial de 11.921,676 km², uma densidade demográfica de 2,62 hab/km² (IBGE, 2010). Sua distância para a capital do estado é de 914 km. Sua história está ligada às expedições realizadas pelos Bandeirantes no século XVIII, porém apenas em 1939 recebeu o título de cidade.

Inserido na mesorregião Extremo Oeste da Bahia, o município destacou-se no cenário agrícola pela alta produção de soja, cultivada em grandes áreas de sua extensão. O período chuvoso no município ocorre entre os meses de novembro a abril, com o máximo mensal de 100 mm, que ocorrem geralmente de dezembro a fevereiro. Já entre entres os meses de maio a setembro ocorrem o tempo seco com déficit hídrico.

A representação do município de Correntina na agricultura da mesorregião, quando considerado as quatro culturas aqui analisadas, foi de 10,17% em 2010. Enquanto isso, o crescimento do valor da produção foi de 99,99% e da área plantada de 47,02%. A componente estrutural indica mudança no sentido de dinamismo das culturas agrícolas.

A **cultura da soja** representou 9,95% do valor da produção da mesorregião, e com o crescimento de 45,37% da área plantada no período pesquisado, apresentou crescimento de 81,73% do VP no município. Mostra dessa forma a importância econômica desta atividade no município e na região. A componente de crescimento estrutural modificada explicou positivamente, contribuindo com 12,46% da componente de crescimento total desta cultura, neutralizando os efeitos negativos da componente de crescimento regional.

O **algodão**, assim como em todos os municípios da análise, apresentou um exorbitante crescimento da área plantada, 960,96%. Conseqüentemente, o crescimento do valor da produção também foi muito significativo, 556,05%, participando em 2010 de 12,66% da produção mesorregional. Quanto às componentes de crescimento que definiram a posição de

dinamismo desse grupo, verifica-se que a componente de crescimento regional foi a de maior peso, com uma participação de 80,93%, já que a CCEM foi não dinâmica para esta cultura.

Com uma representação de 7,92% no valor da mesorregião, **o milho** apresentou uma redução no crescimento da área plantada em 35,88%, sendo negativa também a taxa de crescimento do valor da produção, -8,77%. A componente de crescimento estrutural mostrou ser dinâmica, explicando positivamente o crescimento, revelando a importância dos aspectos de natureza estrutural na especialização e desenvolvimento desta cultura.

Entre os municípios analisados, Correntina é o que menos contribui para o VP do **feijão** da mesorregião, com apenas 2,44%. Isso pode ter sido reflexo de uma redução de 47% da área plantada e de 68,49% do valor da produção entre 2001 e 2010. Esta atividade econômica mostrou ser não dinâmica tanto nos aspectos locais que são exógenos ao seu cultivo, mas que contribui para seu crescimento, quanto nos aspectos que envolvem a especialização da cultura em questão.

Formosa do Rio Preto

Formosa do Rio Preto é o município baiano mais distante de Salvador, entre os dois municípios são 1026 km. Sua população em 2010, de acordo com o IBGE, foi de 22.528 habitantes em uma área territorial de 16.303,864 km². O município é muito forte na produção de grãos, principalmente da soja, arroz, milho, feijão e algodão.

Seu território pertencia ao sertão de Pernambuco e o povoamento de seu espaço iniciou-se em meados do século XIX por aventureiros procedentes do Piauí à procura de ouro e pedras preciosas.

Este município apresentou crescimento do VP e da área plantada em todas as culturas analisadas no período aqui estudado. No agregado, o município representou 19,77% do VP da região em 2010, ao mesmo tempo em que o crescimento da área plantada e do valor da produção foi respectivamente de 262,08% e 310,61%. A componente de crescimento regional explicou 74,27% da composição da componente de crescimento total dessas culturas, evidenciando o fortalecimento através de aspectos de natureza local que, apesar de não pertencerem ao cultivo direto das culturas, influenciam o seu desenvolvimento.

A **cultura da soja** participou com 28,65% do valor da produção da mesorregião, sendo o maior município produtor do estado da Bahia. O seu crescimento foi de 272,87% da área e

349,90% do VP entre os anos estudados. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento do valor da produção para a cultura da soja revelam que a componente regional explicou 72,57% da componente de crescimento total, indicando dinamismo endógeno ao município e de fatores exógenos a esta cultura agrícola.

Na **cultura do algodão**, verificou-se também um crescimento significativo tanto da área plantada, 418,60%, quanto do valor da produção, 185,02%, entre 2001 e 2010. Evidenciando um avanço muito grande na especialização desta cultura no município de Formosa do Rio Preto, chegando este a participar com 10,11% do VP da mesorregião. A componente de crescimento estrutural mostrou-se dinâmica, participando com 65,71% da componente de crescimento total, permitindo concluir que alguns fatores de incorporação ao processo de produção do algodão, sejam eles novas formas de manejo, novas técnicas de produção, incorporação tecnológica, dentre outros, influenciaram positivamente para o crescimento do valor da produção no período.

A **cultura do milho** representou 14,96% do VP desta cultura na mesorregião em 2010. Com um crescimento positivo do valor da produção de 285,86% e da área plantada de 149,89% no período analisado na pesquisa, deduz-se que houve um grande aumento da produtividade da cultura do milho. Como a região apresentou a componente de crescimento regional positiva, 76,54%, levando esta cultura para a posição de dinamismo em sua produtividade, acredita-se que as condições e medidas de natureza local favoreceram o crescimento do valor da produção. Dado que a componente estrutural foi negativa, constatou-se um não dinamismo da composição produtiva da cultura do milho.

O **feijão** neste município, entre as culturas analisadas, foi o que apresentou menor participação no VP desta cultura na mesorregião, apenas 4,51%. Porém, aumentou em 835,55% no valor da produção no período estudado. Para esta cultura, todas as componentes foram positivas, sendo que a de maior peso foi a componente de crescimento regional que explicou 86,04%, enquanto a componente estrutural explicou apenas 0,94%, observando assim, que o dinamismo foi maior por parte dos fatores de natureza endógeno do município, no entanto exógeno à cultura do feijão.

São Desidério

Com grande importância na agricultura, São Desidério vem tornando-se um dos principais municípios da região e do estado, quando o assunto é a produção agrícola. Em 2010, sua população foi de 27.659 habitantes numa área territorial de 15.157,005 km² (IBGE).

A agricultura no município é a principal base da economia, sendo destaque na produção de algodão. O ouro branco, como é conhecido o algodão, divide espaço com as culturas da soja, milho, feijão e arroz. Além disso, a fruticultura e a pecuária também são atividades de grande importância local. Os fatores que levam o município a ser tão grandioso na formação de uma agricultura desenvolvida são, dentre outros: a grande disponibilidade de terra com excelente topografia, mecanização agrícola, clima propício e a abundância de água.

No aglomerado das quatro culturas analisadas nesta mesorregião, representou 31,65% do valor da produção da região em 2010, mostrando ser o município mais importante da mesma. O crescimento da área plantada com essas culturas foi de 50,31% entre 2001 e 2010, enquanto o valor da produção cresceu 110,78% no mesmo período, evidenciando especialização no aumento da produtividade. No conjunto das culturas observadas, a componente de crescimento regional foi a única que se apresentou negativa, evidenciando que aspectos de natureza local não foram determinantes para o seu crescimento, e sim, mudanças estruturais ocorridas no período.

O município representou 23,79% do VP da **soja** na mesorregião em 2010. Entre os anos estudados, verificou-se um aumento de 52,14 % no VP, ao mesmo tempo em que sua área plantada aumentou apenas 21,78%, indicando um ganho de produtividade desta atividade. A componente de crescimento estrutural explicou 19,77% do crescimento do valor da produção, mostrando que esta cultura é dinâmica nos aspectos e mudanças de natureza estrutural, sejam eles tecnológicos, estratégicos, e etc.

O **algodão** é o carro chefe do município, com a primeira posição no ranking nacional entre os municípios produtores. São Desidério representa 48,73% do valor da produção do algodão na mesorregião do extremo oeste baiano em 2010, quase metade da produção. O crescimento da área plantada e do VP no período foi de 700,02% e 363,82%, respectivamente. A componente de crescimento regional explicou 84,95% da componente de crescimento total, sendo dinâmico o município para a cultura do algodão em São Desidério, mesmo sem mudanças na estrutura produtiva.

O **milho** também se mostrou ser uma cultura muito importante, participando com 28,95% do VP desta cultura na mesorregião. Apresentou um crescimento de 23,36% do valor da produção no período estudado, mesmo com a redução de 12,60% na área destinada ao seu cultivo. Os resultados apresentados no quadro 1 indicam que o crescimento desta cultura foi favorecido pela componente de crescimento estrutural que explicou 42,70% da componente de crescimento total, evidenciando dinamismo neste segmento.

A cultura do **feijão** apresentou um crescimento de 105,33% do valor da produção entre os anos de 2001 e 2010, ao mesmo tempo em que sua área plantada cresceu 53,33%. Esse resultado contribuiu para sua participação de 27,42% no VP desta cultura na mesorregião. As componentes de crescimento, estrutural e regional, foram ambas negativas, com -3,91% e -5,91%, respectivamente, comprovando um não dinamismo nos aspectos locais e estruturais que favorecem o seu crescimento, sendo estimulado apenas pelo crescimento da mesorregião.

Riachão das Neves

O município de Riachão das Neves, localizado no extremo oeste do estado, possuía em 2010 - (IBGE), uma população de 21.937 habitantes em uma área territorial de 5.673,018 km². Fica localizado a 912 km de Salvador.

Vários ecossistemas são encontrados no município, inclusive manchas de florestas, variados tipos de solo, clima, relevo e altitudes. De acordo com Lima et. al (2010) a ocupação da área iniciou-se no século XIX, pelas mãos de colonos vindos de Pernambuco, transformando-se em município apenas em 1962. A agricultura é a principal atividade econômica do município, destacando-se pelo cultivo de soja, arroz, milho e feijão.

No aglomerado das quatro culturas selecionadas neste estudo, o município apresentou uma participação de 6,74% no valor da produção agregada da mesorregião no ano de 2010. Isso pode estar atrelado ao aumento de 111,22% do VP e de 47,47% da área plantada no período do estudo. Os resultados obtidos na decomposição da taxa de crescimento comprovaram que tanto a componente de crescimento estrutural quanto a componente de crescimento regional apresentaram-se negativas, ou seja, as questões de caráter estrutural e aspectos endógenos do município não foram influenciadores do crescimento do valor da produção do conjunto das culturas estudadas, restando o efeito positivo da componente de crescimento global.

A **cultura da soja** apresentou um crescimento de 47,85% do valor da produção entre os anos analisados, ao mesmo tempo em que aumentou 19,03% sua área plantada. Com isso, sua

participação no VP da mesorregião foi 6,32% em 2010. A componente de crescimento estrutural explicou 21,32% da componente de crescimento total, indicando um dinamismo estrutural influenciador do crescimento do valor da produção da cultura da soja no município de Riachão das Neves.

A **atividade econômica do algodão**, que também apresentou crescimento no período, participou com 9,15% do VP desta cultura na mesorregião em 2010. O crescimento do seu valor da produção foi de 327,80% e da área plantada foi de 628,34%, mostrando que houve diminuição da produtividade entre 2001 e 2010. Os resultados apresentados no quadro 1 indicam que o crescimento nesse grupo foi favorecido pelas condições endógenas do município, porém exógenas à cultura, pois a componente de crescimento regional explicou 86,93% da composição da componente de crescimento total. A única componente que não contribuiu para essa posição de dinamismo foi a de crescimento estrutural, que foi negativa no período.

Na **cultura do milho** também houve crescimento da área plantada, 8,32%, e do valor da produção, 78,97%, levando a atividade neste município a participar de 4,55% da produção na região estudada. Foi constatado, a partir dos resultados, que o dinamismo da cultura foi explicado por todas as componentes de crescimento do modelo, uma vez que todas foram positivas. A componente de crescimento estrutural explicou 17,64% e a componente de crescimento regional explicou 10%, comprovando a influência de aspectos de natureza estrutural e local na especialização da cultura.

Assim como a cultura do milho, a **cultura do feijão** também apresentou crescimento de 779,89% do valor da produção e de 416,25% área plantada no município no período observado. Com isso, a participação do município no valor da produção do feijão na mesorregião foi de 4,41%. Ao analisar os resultados obtidos na aplicação do modelo *shift-share* deduziu-se que todas as componentes do modelo foram positivas, sendo que o dinamismo foi explicado mais intensamente pela componente de crescimento regional que explicou 85,15%, isso devido à contribuição de fatores localizados no município e exógenos à cultura do feijão.

Jaborandi

Com vasta extensão de 9.545,130 km² e uma população de 8.973 habitantes (IBGE, 2010), o município de Jaborandi tem como principal atividade a agropecuária. Existem regiões com

pulverizações de pequenas propriedades e outras áreas com concentração de terras com áreas maiores. Na agricultura destaca-se o cultivo de soja, milho e algodão, principalmente nas grandes propriedades em áreas de cerrado, onde são utilizadas altas tecnologias. Já nas pequenas propriedades desenvolvem uma agricultura basicamente de subsistência como o cultivo da mandioca, feijão, arroz, e outras culturas de significado valor econômico.

Entre as culturas estudadas neste trabalho, o município de Jaborandi representa 5,13% do valor da produção da mesorregião, sendo que neste período houve um aumento bastante significativo tanto da área plantada, 226,45%, quanto do valor da produção, 297,41%, destas culturas. Observando as componentes de crescimento do modelo *shift-share*, notou-se que a componente de crescimento regional explicou 71,90% da composição da componente de crescimento total, influenciando positivamente no crescimento do valor da produção destas culturas.

A **cultura da soja** teve pequena participação de 4,92% no valor da produção da mesorregião, apesar de ter crescido significativamente sua área plantada e o valor da sua produção em 193,34% e 266,71%, respectivamente, entre os anos de 2001 e 2010. As três componentes de crescimento do modelo foram positivas, sendo que a de maior peso, ou seja, a que mais explicou o crescimento foi a componente de crescimento regional, 62,84%, indicando que houve mudanças locais a partir de fatores inerentes à produção que beneficiaram esta cultura.

Apesar de apresentar uma pequena participação no VP da região em 2010, 1,74%, a **cultura do algodão** veio apresentando crescimento nesses dez anos. O crescimento do valor da produção foi de 292,23% enquanto o aumento da área plantada foi de 609,76%, no período da análise. A componente de crescimento regional explicou 90,20% da componente de crescimento total, revelando dinamismo nas questões locais e exógenas à cultura da soja, influenciando assim o seu crescimento.

O **milho**, cultura do município que apresentou a maior contribuição no VP para o município, representou, em 2010, 12,77% do valor da produção desta cultura na mesorregião. Assim como as demais atividades, esta também apresentou crescimento de área plantada e do valor da produção no período estudado, 200% e 306,16%, respectivamente. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento para o município de Jaborandi revelam que a componente de crescimento regional explicou 79,12% no crescimento total do VP do milho, sendo a componente de maior peso.

A **atividade econômica do feijão** no município é a de menor representatividade, apesar de ter sido verificado um grande crescimento do valor da produção e da área destinada no seu cultivo, 740,95% e 867,74%, respectivamente. A componente de regional explicou 84,45% no crescimento total do feijão, indicando que este dinamismo foi favorecido principalmente por mudanças locais no período. A componente de crescimento estrutural também positiva, porém com pequeno peso, explica 0,85% do crescimento.

4.1.2 Mesorregião 2 - Centro Sul Baiano

Essa mesorregião é formada pela união de 118 municípios agrupados em oito microrregiões. A área total da mesorregião é de 127.878,30 km² (IBGE, 2010) e sua população em 2007 era de 2.480,647 habitantes (IBGE), representando 17,62% da população do estado. O maior e mais importante município é Vitória da Conquista com cerca 306.866 habitantes (IBGE – Censo 2010), tornando-se a capital regional de uma área que abrange cerca de 80 municípios. Além deste município, há também os centros regionais secundários que são Jequié, Guanambi, Brumado e Itapetinga.

Segundo Neves (2007), esta região começou a ser ocupada em meados do século XVII por escravos foragidos de embarcações naufragadas no litoral da Bahia. Eles subiam o Rio de Contas e se instalavam à margem esquerda do Rio das Contas Pequeno, atual Rio Brumado, ao sul da Chapada Diamantina.

Para efeito da pesquisa, foram escolhidas as principais atividades econômicas da mesorregião no ano de 2010, que foram: café, milho, mandioca, feijão e cana-de-açúcar, e os principais municípios produtores destas culturas: Mucugê (7,87%), Barra do Choça (11,04%), Amargosa (1,63%), Encruzilhada (2,45%) e Vitória da Conquista (4,93%). O quadro 2 evidenciará a representação das culturas de cada município na mesorregião, a evolução do valor da produção e da área plantada e a participação das componentes de crescimento no crescimento total, construída através dos resultados da aplicação do modelo *shift-share*.

Com uma taxa de crescimento do VP na mesorregião de 9,26%, observa-se um impacto no valor da componente de crescimento global, que contribui para o dinamismo das culturas e municípios.

Quadro 2 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Centro Sul Baiano.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT (R\$)
					CCG	CCEM	CCRR	
MUCUGÊ	Café	9,62	724,63	27,66	1,27	-3,59	102,32	24.198
	Milho	46,01	1626,97	418,18	1,47	67,85	30,68	3.067
	Mandioca	0,31	-0,33	-33,33	(-20,27)	(40,70)	(79,57)	-163
	Feijão	8,05	3,28	-37,90	(-136,7)	(96,50)	(137,1)	-25
	Cana-de-açúcar	2,39	-51,06	-20,00	41,57	-81,24	139,66	655
	TOTAL	7,87	282,93	62,40	3,21	1,89	94,90	31.193
BARRA DO CHOÇA	Café	19,93	-9,19	-10,00	(-186,82)	(-17,81)	(304,63)	-3.095
	Milho	1,03	-15,24	337,50	(-0,91)	(91,59)	(-9,32)	-2.258
	Mandioca	0,16	94,76	-25,00	18,74	14,04	67,22	48
	Feijão	1,74	360,95	700,00	2,59	3,02	94,38	641
	Cana-de-açúcar	0,30	-53,61	-50,00	46,95	-67,59	120,65	77
	TOTAL	11,04	-8,28	27,00	(-86,44)	(22,75)	(163,69)	-6.784
AMARGOSA	Café	0,96	53,76	-24,00	15,97	-2,48	86,51	1.035
	Milho	0,03	-19,28	-56,67	(-0,91)	(91,55)	(9,36)	-63
	Mandioca	4,36	59,02	12,90	67,72	-19,44	51,72	433
	Feijão	0,10	245,95	53,85	3,83	2,94	93,24	35
	Cana-de-açúcar	1,26	63,46	162,50	6,77	-169,61	262,84	633
	TOTAL	1,63	58,08	4,24	26,24	-64,63	138,38	1.918
ENCRUZILHADA	Café	3,69	-20,79	-6,54	(-55,93)	(-7,92)	(163,85)	-2.194
	Milho	0,66	626,50	733,33	(-2,50)	(107,34)	(-4,84)	-61
	Mandioca	1,32	310,60	81,67	3,49	24,46	72,05	986
	Feijão	1,00	104,45	429,41	9,21	2,57	88,21	234
	Cana-de-açúcar	0,43	-91,63	-94,29	(-50,60)	(-315,67)	(465,87)	-560
	TOTAL	2,45	-23,95	68,33	(-80,97)	(-109,44)	(290,41)	-1.936
VITÓRIA DA CONQUISTA	Café	8,35	-31,11	-21,88	(-34,45)	(-6,29)	(140,74)	-9.269
	Milho	0,62	72,54	100,00	(-1,00)	(92,45)	(-8,55)	-611
	Mandioca	0,48	-42,05	-66,67	(-10,59)	(34,09)	(76,51)	-845
	Feijão	2,92	-16,83	217,50	(-44,55)	(6,24)	(138,31)	-348
	Cana-de-açúcar	0,16	-87,08	-84,00	(-67,31)	(-357,71)	(525,03)	-102
	TOTAL	4,93	-31,67	31,20	(-29,42)	(-0,62)	(130,04)	-11.941
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	9,26	3,58	100,00	-	0	12.449

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os Percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Mucugê

O município de Mucugê é um dos mais antigos da região da Chapada Diamantina, tendo uma população estimada em 10.545 habitantes em uma área territorial de 2.455,037 km² (IBGE, 2010). A agricultura é uma das principais atividades econômicas do município, destacando-se, principalmente, na produção do milho, visto que este município produz 46,01% da produção da região. Na análise agregada das culturas selecionadas, foi possível observar uma participação de 7,87% no VP da mesorregião em 2010. O crescimento da área plantada e do valor da produção foi respectivamente, 62,40% e 282,93% entre os anos de 2001 e 2010. As componentes de crescimento do modelo foram todas positivas, mostrando dinamismo nas esferas regional, estrutural e local, sendo que a de maior peso foi a componente de crescimento regional, que explicou 94,90% do crescimento do valor da produção do município.

A cultura do café foi originalmente plantada na segunda metade do século XIX, ao Norte do Planalto Sul da Bahia. Desenvolveu-se recentemente também na Chapada Diamantina, no Planalto da Conquista, no Extremo Sul e, nos últimos anos no Extremo Oeste da Bahia. Na observação dos resultados, verificou-se uma participação de 9,62% no valor da produção desta cultura na mesorregião em 2010, ao mesmo tempo em que se registrou um crescimento de 27,66% da área destinada ao seu plantio e de 724,63% no valor da produção entre o período estudado. Podendo assim ser concluído que, por diversos fatores, houve um ganho significativo de produtividade. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento para o município de Mucugê revelam que a componente de crescimento regional explicou 102,32% da componente de crescimento total, revelando que os aspectos que mais contribuíram para o crescimento do valor da produção desta cultura estão associados a fatores endógenos do município que são inerentes ao processo produtivo do café.

O milho é a mais importante cultura agrícola do município, representando 46,01% do VP da mesorregião em 2010. Seu crescimento em termos de área plantada e valor da produção foram, respectivamente, 418,18% e 1626,97%, um aumento significativo para o período da análise. Deduz-se que esse crescimento no valor da produção, além da valorização do preço das *commodities*, está associado à incorporação de novas técnicas neste segmento, uma vez que a componente de crescimento estrutural explicou 67,85% da componente de crescimento total, indicando que este dinamismo foi favorecido principalmente por mudanças estruturais (tecnológicas, mudança na composição setorial, entre outras) no período. Esta cultura foi

favorecida também por iniciativas endógenas ao município, visto que a componente regional contribuiu com 30,68%.

Diferentemente da cultura analisada acima, a **mandiocultura** não é tão representativa no município de Mucugê, sendo apenas 0,31% do VP da mesorregião em 2010. Em se tratando da área plantada e do valor da produção, verificou-se uma redução em ambas as variáveis entre 2001 e 2010, indicando um enfraquecimento da cultura no município. As componentes de crescimento, estrutural e regional, tiveram valores negativos evidenciando o não dinamismo desta cultura no município de Mucugê.

Apesar de ter apresentado crescimento negativo da área plantada em 37,90% no período, a **cultura do feijão** cresceu 3,28% do valor da produção, representando 8,05% do VP na mesorregião. O não dinamismo verificado nos aspectos locais e estruturais resultou do valor negativo que as componentes de crescimento, estrutural e regional, obtiveram, permitindo inferir a falta de especialização, que influenciariam negativamente esta cultura.

A **cana-de-açúcar** perdeu em 20% a área e reduziu o valor da produção em 51,06% entre o período analisado, representando apenas 2,39% do VP na mesorregião em 2010. A componente de crescimento regional explicou 139,66% de crescimento total, sendo a de maior peso, salientando a influência de características locais como determinantes para o aumento do VP desta cultura no município.

Barra do Choça

Barra do Choça é um município baiano que fica localizado a 524 km de Salvador. Segundo o IBGE, sua população em 2010 era de 34.788 habitantes em uma área de 783,135 km². A sua economia baseia-se especificamente na atividade agropecuária, tendo como principal segmento a cultura cafeeira, além das culturas do feijão, milho e mandioca.

Dentre os municípios analisados, Barra do Choça foi o que apresentou maior participação no conjunto das culturas analisadas na mesorregião, 11,04% e, apesar de apresentar crescimento de 27% da área plantada no período analisado, apresentou uma redução de 8,28% do valor da produção na soma das cinco culturas.

A principal cultura do município é a **cafeicultura**, que participou com 19,93% do VP desta cultura na mesorregião em 2010, mesmo com as reduções que foram verificadas no período, 10% da área plantada e de 9,19% do valor da produção. A análise dos resultados mostrou que

a componente de crescimento estrutural explicou 17,81% da componente de crescimento global, porém o peso negativo da componente regional foi mais significativo e decisivo para o resultado negativo da componente total, o que significa que houve um não dinamismo nas questões endógenas ao município que são exógenas à cultura do café.

A **cultura do milho** no município representa pouco mais de 1% da produção da região, isso se explica por ser uma cultura mais bem distribuída entre os seus municípios, não havendo, assim, uma desconcentração da produção. O crescimento da área no período foi de 337,50%, enquanto houve uma redução de 15,24% do valor da produção, evidenciando uma desvalorização do produto, ou queda de produtividade. Apesar desse cenário, a componente de crescimento regional apresentou valor positivo, porém menor que a componente de crescimento estrutural com o peso negativo de -91,59%, dando indícios de que o município não se especializou em mudanças de natureza estrutural e inovadoras para este segmento, indicando ser uma atividade não dinâmica para o município.

A **mandioca** também teve uma pequena participação, 0,16%, no valor da produção da mesorregião, reflexo de uma redução de 25% da área plantada desta cultura. No entanto, verificou-se que houve um ganho no valor da produção, uma vez que registrou crescimento de 94,76%. Todas as componentes de crescimento do modelo foram positivas, sendo que a componente de crescimento regional foi a que mais explicou o resultado, 67,22%, evidenciando um dinamismo local, e em termos de mudanças estruturais verificou-se um efeito positivo de 14,04% da componente estrutural.

Com o crescimento de 700% da área plantada e de 360,95% do valor da produção entre 2001 e 2010, a **cultura do feijão** representou 1,74% do VP da mesorregião. Assim como na mandiocultura, todas as componentes de crescimento do modelo foram positivas e a que mais explicou o resultado positivo da componente total foi a componente regional, 94,38%.

A **cana-de-açúcar** em Barra do Choça contribuiu com apenas 0,30% do valor da produção na mesorregião em 2010. Dois fatos que podem ter contribuído para esse baixo peso foram a redução da área destinada ao seu cultivo e do valor da produção no período estudado, -50% e -53,61%, respectivamente. A componente de crescimento regional foi positiva e explicou 120,65%, deduzindo, assim, um dinamismo resultante de fatores locais inerentes ao processo produtivo, uma vez que a componente de crescimento estrutural foi negativa.

Amargosa

A 240 km da capital do estado, o município de Amargosa localiza-se na região do Recôncavo baiano e, segundo dados do IBGE (2010), possuía neste ano uma população de 34.351 habitantes em uma área de 463,185 km². Atualmente, a maioria da população ativa em Amargosa está inserida no setor primário, produzindo na agricultura as culturas de subsistência tendo a mandioca como a mais importante, com ênfase para banana, milho, feijão, fumo e amendoim, que são o sustentáculo da pequena produção. No cacau, café e a cana-de-açúcar encontram-se a alternativa da pequena e da média produção.

O quadro 2 mostra que o município apresentou pequena participação no valor total da produção na mesorregião em 2010, 1,63%. Porém sua escolha se deu por desenvolver todas as principais culturas da região em ambos os anos pesquisados. O crescimento do valor da produção, entre 2001 e 2010, foi de 58,08%, enquanto o crescimento da área plantada foi de apenas 4,24%, revelando que houve ganho de produtividade ou valorização dos cultivos. Na decomposição da taxa de crescimento do valor da produção, a componente de crescimento regional participou com 138,38% da componente de crescimento total, salientando que no município o dinamismo é causado por questões locais.

A **cafeicultura**, que representa 0,96% do valor da produção da mesorregião, apresentou crescimento de 53,76% do VP entre os anos de 2001 e 2010, ao mesmo tempo em que a área destinada ao seu cultivo no município sofreu uma redução de 24%. O seu crescimento foi explicado 86,51% pela componente de crescimento regional, indicando que este dinamismo foi referenciado principalmente por mudanças endógenas do município, porém exógenas à cafeicultura.

A **cultura do milho**, assim como a cafeicultura, participou pouco do valor da produção total da cultura na mesorregião, 0,03%. Isso pode ser explicado pela redução tanto da área plantada quanto do valor da produção no município no período supracitado, -56,67% e -19,28%, respectivamente. A partir da aplicação do modelo *shift-share*, relatou-se que esta cultura foi não dinâmica no município no período analisado, posto que tanto a CCEM quanto a CCRR foram negativas, explicando que os fatores que contribuiriam para uma mudança estrutural no segmento e os aspectos endógenos do município, não influenciaram para o crescimento desta atividade.

Com uma representação de 4,36% no VP na mesorregião, a **cultura da mandioca** é a mais representativa do município. Seu crescimento durante o período foi de 12,9% da área plantada e de 59,02% do valor da produção. Nesta cultura apenas a componente de crescimento estrutural apresentou negativa, comprovando que fatores de caráter estrutural com intensidade tecnológica não contribuíram positivamente para o crescimento do valor da produção da mandiocultura no município de Amargosa, devendo-se o seu dinamismo total às influências do crescimento da mesorregião e da componente regional.

Da mesma forma, a **cultura do feijão** apresentou crescimento positivo no seu valor da produção, 245,95% e na área plantada, 53,85%, nos anos do estudo, e participou com 0,10% do VP da mesorregião em 2010. Todas as componentes que definem o crescimento desta cultura foram positivas, sendo que a de maior peso foi a componente regional que explicou 93,24%, enfatizando iniciativas e características locais e regionais nesta atividade.

A **cana-de-açúcar**, por sua vez, participou com 1,26% do valor da produção da mesorregião, apresentando um crescimento de 162,5% da área destinada ao seu plantio e 63,46% do valor da produção no período estudado. Diagnosticou-se que o dinamismo regional foi devido ao fato de a componente de crescimento regional ter representado 262,84% na composição da componente de crescimento total.

Encruzilhada

O município de Encruzilhada está distante 607 km de Salvador e apresentou em 2010 uma população de 23.766 habitantes em uma área de unidade territorial de 1.982,472 km², (IBGE). Uma das principais atividades econômicas do município é a agricultura, sendo o café a principal. Além do café, encontram-se no município as culturas do feijão, milho, mandioca, arroz laranja, batata-doce, entre outras. Também se encontra uma forte pecuária com a criação de bovinos, suínos, equinos, e caprinos.

A participação total do valor da produção das culturas do município de Encruzilhada no agregado do VP da mesorregião foi de 2,45%, uma participação importante considerando que a mesorregião engloba 118 municípios. No período estudado, verificou-se que houve uma redução de 23,95% do valor da produção do município, mesmo com o aumento de 68,33% da área destinada ao plantio dessas culturas. Deduz-se, dessa forma, que houve desvalorização da *commodity* ou perda de produtividade neste período. A componente de crescimento estrutural

foi positiva, 109,44%, revelando que no conjunto das culturas selecionadas no quadro 2, o dinamismo foi causado pela especialização voltada para a mudança estrutural no segmento.

O município apresentou uma importante participação no VP da **cafeicultura** na mesorregião, 3,69%, mesmo havendo redução da área plantada (-6,54%) e do valor da produção (-20,79) no período analisado. A componente de crescimento de maior peso foi a estrutural, porém negativa e explicou -163,85%, definindo o crescimento negativo da componente total. Já a **cultura do milho**, participou apenas 0,66% da produção da mesorregião, apesar do crescimento verificado no período da área plantada (733,33%) e do valor da produção (626,50%). Neste caso também, a componente estrutural foi a de maior peso e negativa, explicando -107,34%. Evidenciando que não houve dinamismo total estrutural no período.

A **mandiocultura** também cresceu entre os anos 2001 e 2010 e participou com 1,32% do valor da produção da mesorregião neste último ano. O crescimento apresentado no período foi de 81,67% da área plantada e de 310,60% do valor da produção, mostrando assim um significativo ganho de produtividade. Esse aumento pode ser explicado tanto pela incorporação de novas técnicas de manejo como por fatores regionais e locais, uma vez que as componentes de crescimento do modelo foram positivas. A componente de crescimento regional foi a de maior peso e explicou 72,05% o crescimento do valor da produção da cultura da mandioca neste município.

A **cultura do feijão** no município representou 1% da produção regional, devido ao crescimento do seu VP no período, 104,45% e da área plantada, 429,41%. Esse aumento maior da área plantada em relação ao valor da produção nos leva a concluir que houve uma perda de produtividade no período, ou até mesmo uma desvalorização real da cultura analisada. Todas as componentes foram positivas, porém foi a de crescimento regional que apresentou a maior participação na composição da componente de crescimento total 88,21%.

No segmento sucroalcooleiro, a **cana-de-açúcar** apresentou crescimento negativo das variáveis estudadas. O valor da produção reduziu 91,63% e a área de plantio diminuiu 94,29%, significando, assim, uma redução da importância da cultura no município. A partir do resultado do modelo *shift-share*, verificou-se que a componente de crescimento regional residual foi a componente de maior peso no resultado total, porém com efeito negativo (-465,87%), determinando um alto grau de não dinamismo dos efeitos locais nesta cultura.

Vitória da Conquista

Como já mencionado anteriormente, o município de Vitória da Conquista, por diversos motivos, é o principal município da mesorregião. Sua população em 2010 foi de 306.866 habitantes com uma extensão territorial de 3.356,886 km².

A partir do ano de 1975, as culturas agrícolas desenvolvidas no município foram incrementadas com financiamentos subsidiados pelos bancos oficiais, passando a região a ser a maior produtora do Norte e Nordeste do Brasil. Devido a condições climáticas, sempre foi um grande produtor de café, no entanto não deixa de se destacar em outras culturas também.

No conjunto das culturas selecionadas, o município participou com 4,93% do VP na mesorregião em 2010. Quanto ao crescimento das variáveis analisadas, verificou-se um aumento de 31,2% da área plantada, porém houve uma redução de 31,67% do valor da produção, entre os anos de 2001 e 2010. Na análise da decomposição da taxa de crescimento, notou-se que a componente de crescimento estrutural foi positiva, ou seja, o município registrou mudança e dinamismo na estrutura desta atividade. Ao contrário do que ocorreu com os elementos locais, que contribuíram negativamente para o crescimento do valor da produção neste município, dado que a componente de crescimento regional explicou -130,04% da componente de crescimento total, neutralizando assim, o efeito positivo das mudanças estruturais.

A **cafeicultura** é a cultura mais representativa na mesorregião, onde em 2010 participou 8,35% do VP desta cultura no Centro Sul Baiano. Essa participação não foi maior devido às reduções de 21,88% da área plantada e 31,11% do valor da produção entre 2001 e 2010. A componente de crescimento estrutural revelou-se dinâmica para essa cultura, uma vez que os resultados analisados no quadro relataram que os elementos de natureza estrutural influenciaram no crescimento do valor da produção da cultura do café neste município.

A **cultura do milho**, que dobrou sua área plantada e aumentou em 72,54% o valor da produção no município no período estudado, representou 0,62% do VP desta cultura na mesorregião em 2010. A componente de crescimento regional explicou 8,55% da componente total desta cultura, provando que aspectos endógenos ao município, porém exógenos à cultura do milho, contribuíram para o crescimento do valor da produção desta cultura. Dessa forma, o não dinamismo ficou por conta das características estruturais, posto que a componente de

crescimento estrutural participou com -92,45% da composição da componente de crescimento total.

Ao contrário da cultura acima mencionada, **a mandiocultura** reduziu sua área plantada e o valor da produção durante o estudo, levando esta cultura a participar com apenas 0,48% do VP na mesorregião. Os pesos negativos das componentes, estrutural e regional, determinaram o crescimento negativo do valor da produção da mandioca no município de Vitória da Conquista. Apesar do efeito da taxa de crescimento da mesorregião ter sido positiva, foi insuficiente para gerar dinamismo.

A cultura do feijão, por sua vez, cresceu a área plantada em 217,5%, porém apresentou redução de 16,83% do valor da produção, aspectos como a desvalorização da comercialização da cultura ou a perda de produtividade podem ter sido determinantes para essa contradição. Como na cultura da mandioca, esta cultura mostrou ser não dinâmica no município, já que as componentes de crescimento estrutural e regional foram ambas negativas.

Na **cultura da cana-de-açúcar**, a participação do município na mesorregião foi de 0,16% em 2010. Essa pequena participação se deve, além de outros aspectos, à redução que foi verificada nas variáveis analisadas, -84% da área plantada e -87,08% do valor da produção. O grande peso negativo da componente de crescimento regional, -525,03% determinou o crescimento negativo da cultura no município, salientando o caráter não dinâmico dos elementos locais à cultura da cana-de-açúcar.

4.1.3 Mesorregião 3 - Nordeste Baiano

Essa mesorregião é formada pela união de sessenta municípios agrupados em seis microrregiões possuindo aproximadamente 1 milhão e meio de habitantes em uma área de 56.455,30 km², com um PIB de R\$ 7.222 milhões e um baixo Índice de Desenvolvimento Humano. Para a elaboração da pesquisa, foram escolhidas as principais atividades econômicas da mesorregião em termo de valor da produção em 2010, que foram: milho, feijão, laranja, mandioca e coco-da-baía, e os municípios que mais representaram essas culturas nesta mesorregião foram: Euclides da Cunha, 13,65%); Rio Real, 11,16%; Acajutiba, 2,98%; Jandaíra, 2,83%; e Crisópolis, 2,62%.

O quadro 3, construído através dos resultados da aplicação do método *shift-share*, evidenciará a representação das culturas de cada município na mesorregião, a evolução do valor da produção e da área plantada e a participação das componentes do modelo no crescimento total. É importante ressaltar que, após os resultados, observou-se que a componente de crescimento global foi fortemente influenciada pelo crescimento da mesorregião, 88,27%, em todos os municípios.

Quadro 3 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Nordeste Baiano.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
EUCLÍDES DA CUNHA	Milho	9,98	3.074,01	30,43	7,07	-23,80	116,73	10.621
	Feijão	44,38	1.883,64	101,13	16,33	-77,48	161,16	28.934
	Laranja	0,00	93,73	0,00	62,82	9,08	28,10	6
	Mandioca	2,18	-41,29	-26,67	(-1.636,82)	(-529,40)	(2.266,22)	-436
	Coco-da-Baía	0,01	-19,28	-50,00	85,88	41,85	-27,74	6
	TOTAL	13,65	864,08	60,11	32,27	-57,84	125,57	39.130
RIO REAL	Milho	0,04	150,59	122,22	(-5,27)	(101,79)	(3,48)	-795
	Feijão	0,24	229,46	66,67	(-7,93)	(106,82)	(1,10)	-1.977
	Laranja	49,59	26,35	-13,04	120,72	33,63	-54,35	62.498
	Mandioca	0,82	20,71	80,00	155,94	36,73	-92,66	836
	Coco-da-Baía	3,49	-81,51	-67,27	217,69	256,36	-374,05	4.973
	TOTAL	11,16	13,38	-13,98	133,94	47,53	-81,47	65.533
ACAJUTIBA	Milho	0,05	2.160,21	2.400,00	26,37	-220,25	293,88	21
	Feijão	0,20	2.249,00	1.500,00	9,74	-27,45	117,71	187
	Laranja	1,74	306,84	180,00	24,96	-6,97	82,01	3.285
	Mandioca	0,25	259,88	440,00	29,84	-3,09	73,25	440
	Coco-da-Baía	38,73	22,73	12,94	60,97	1,30	37,73	29.729
	TOTAL	2,98	39,29	49,89	56,74	0,14	43,12	33.662
JANDAÍRA	Milho	0,02	33,19	33,33	(-4,92)	(98,27)	(6,65)	-740
	Feijão	0,07	109,88	33,33	(-7,16)	(100,98)	(6,18)	-917
	Laranja	6,69	390,38	237,50	20,19	-9,00	88,80	12.997
	Mandioca	0,55	14,85	71,43	173,95	42,42	-116,37	525
	Coco-da-Baía	19,37	-54,59	-25,00	130,84	115,02	-145,87	18.720
	TOTAL	2,83	-10,33	-5,58	91,98	61,90	-53,88	30.586
CRISÓPO LIS	Milho	1,09	430,07	140,00	(-6,33)	(112,53)	(-6,20)	-7.779
	Feijão	0,69	10,83	113,33	(-6,63)	(96,94)	(9,69)	-19.941
	Laranja	0,59	55,01	0,00	86,73	19,21	-5,94	838

	Mandioca	9,39	152,79	-11,43	46,78	2,26	50,96	15.272
	Coco-da-Baía	0,21	-21,94	0,00	88,16	45,57	-33,73	176
	TOTAL	2,62	137,62	29,25	(-86,05)	(240,48)	(-54,43)	-11.435
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	88,27	5,97	100,00	-	-	157.476

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os Percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual, menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Euclides da Cunha

O município de Euclides da Cunha está situado a 324 km de Salvador, possui uma população de 56.289 habitantes e uma área de 2.235,268 km² em 2010 (IBGE – Censo 2010). Na agricultura destacam-se a produção extensiva de feijão, milho e mandioca. Na pecuária registram-se os rebanhos ovinos, suínos, asininos, caprinos e muares.

Entre os municípios selecionados nesta mesorregião, Euclides da Cunha foi o que apresentou a maior participação no valor da produção em 2010, quando analisados o conjunto das principais culturas da mesorregião, 13,65%. Isso pode ser explicado, dentre outros fatores, ao expressivo aumento de 864,08% do VP e também ao aumento de 60,11% da área destinada a essas culturas no período estudado. Em se tratando da decomposição das taxas de crescimento do modelo, verificou-se que a componente regional explicou 125,57% e foi determinante para o resultado positivo do valor da produção, que foi influenciado principalmente pelas culturas do milho e do feijão.

A **cultura do milho** obteve um crescimento muito expressivo do valor da produção, 3074%, enquanto o crescimento da área plantada foi de apenas 30,43%, representando 9,98% do VP de milho da mesorregião. Esse aumento expressivo do VP no município pode ser explicado por diversos fatores, dentre eles, melhoramento das técnicas de plantio, emprego de tecnologias e etc., o que conseqüentemente aumenta a produtividade e o ganho real. Os resultados do modelo nos permite concluir que houve um dinamismo local na produção do milho, uma vez que a componente de crescimento regional explicou 116,73% do crescimento do valor da produção.

A **cultura do feijão** neste município representa quase metade do valor da produção da mesorregião, 44,38%, sendo a principal atividade agrícola de Euclides da Cunha. Entre os

anos analisados, o aumento da área plantada foi de 101,13%, enquanto o aumento do valor da produção foi de 1883,64%, um aumento muito significativo. Assim como no milho, os resultados mostraram que a componente regional foi a que mais explicou o crescimento do VP, 161,16%, revelando que as questões endógenas ao município contribuíram para alavancar a cultura do feijão.

Outras importantes culturas para a mesorregião são as **culturas da laranja e do coco-da-baía**. No entanto, no município de Euclides da Cunha, essas culturas não mostraram ser tão importantes, tendo pequenas participações no total regional. Apesar de não apresentar aumento da área plantada no período analisado, a laranja registrou um aumento de 93,73% do seu valor da produção. Nesta cultura, todas as componentes de crescimento do modelo foram positivas. **Na cultura do coco-da-baía** houve uma substancial redução da área plantada (-50%) ao tempo em que o valor da produção reduziu 19,28% entre os anos de 2001 e 2010. A componente de crescimento estrutural explicou 41,85% do crescimento ocorrido nesta cultura, provando que os elementos geradores de mudanças estruturais foram dinâmicos no período.

O valor da produção e a área plantada da **mandiocultura** decresceram no período estudado, -41,29% e -26,67%, respectivamente, reduzindo a participação no VP desta cultura na mesorregião para 2,18%. A partir dos resultados observados no quadro, notou-se que a componente de crescimento estrutural modificada explicou 529,40% do crescimento do VP da mandioca neste município, indicando uma especialização no sentido das mudanças estruturais que beneficiam esta cultura.

Rio Real

O município de Rio Real tem uma população de 37.164 habitantes e uma área de 716,881 km², tendo como base econômica o setor de serviços e comércio, denominado de terceiro setor da economia, que responde por cerca de 60% da economia da região. O setor agrícola representa cerca de 30%, enquanto que a indústria não alcança nem 10% da geração da riqueza do município. Na produção agrícola destacam-se os cultivos de laranja, limão, tangerina, dentre outros.

Este município também tem grande representação no valor da produção da mesorregião do Nordeste Baiano, 11,16%. No agregado das culturas, verificou-se que, ao mesmo tempo em que houve um aumento de 13,38% do VP entre 2001 e 2010, houve também uma redução de 13,98% da área destinada ao plantio destas culturas. Na análise dos resultados, observou-se

que a componente de crescimento estrutural explicou 47,53%, evidenciando o dinamismo que os fatores estruturais determinam sobre as culturas selecionadas.

Quanto às culturas individuais, foi possível observar que a cultura do milho teve em 2010, baixa participação no VP da mesorregião, com apenas 0,04%. No entanto, cresceu tanto sua área plantada 122,22% quanto o valor da produção, 150,59% no período estudado. O crescimento desses indicadores evidenciou que houve um interesse maior no município pelo desenvolvimento desta cultura. A componente de crescimento estrutural foi a que obteve o maior peso, explicando -101,79% do crescimento negativo do valor da produção, sendo uma cultura não dinâmica.

A cultura do feijão, que também obteve crescimento de 66,67% da área plantada e de 229,46% do valor da produção, representando apenas 0,24% do VP na mesorregião em 2010. Tanto a componente de crescimento estrutural quanto a componente de crescimento regional foram negativas no período, salientando que os elementos de caráter endógeno ao município e a inexistência de mudanças estruturais foram determinantes para o não dinamismo desta atividade agrícola.

Os resultados do quadro 3 nos permite notar que o município de Rio Real representou praticamente metade do valor da produção da **laranja** na mesorregião em 2010, essa participação foi de 49,59%. O crescimento do VP foi de 26,35%, enquanto a área plantada reduziu 13,04% no período, deduzindo, assim, que houve um ganho de produtividade ou valorização da cultura. Esta cultura no período acusou uma posição dinâmica tanto na componente global quanto na estrutural, que explicaram 120,72% e 33,63%, respectivamente.

As culturas da mandioca e do coco-da-baía representaram no valor da produção da mesorregião em suas respectivas categorias, 0,82% e 3,49%, apesar da mandioca ter aumentado sua área plantada e seu VP no período. A área plantada da mandioca aumentou 80% ao tempo em que a área do coco-da-baía reduziu 67,27%. Quanto ao valor da produção, o da mandioca aumentou 20,71% e o do coco-da-baía reduziu 81,51%, evidenciando o disparate entre as duas culturas. Em se tratando das componentes de crescimento do modelo *shift-share* nas duas culturas apenas a componente regional foi negativa, uma vez que na mandiocultura a componente de crescimento estrutural explicou 36,73% e na cultura do coco-da-baía a componente de crescimento estrutural apresentou-se como a mais influente explicando com 256,36%. Mostra, assim, que nos dois casos as mudanças estruturais foram dinâmicas.

Acajutiba

Acajutiba é um município que fica no leste do estado da Bahia. Sua população é de 14.653 habitantes e sua área é de 193,44 km² (IBGE – Censo 2010). Em 2006 o município tinha um IDH-M de 0,607, ocupando a 268^a posição no ranking do estado.

Na análise do agregado das culturas incorporadas neste estudo, o município de Acajutiba apresentou um modesto crescimento de 39,29% do valor da produção e de 49,89% da área destinada às culturas acima mencionadas. Mesmo com esses crescimentos, o município representou apenas 2,98% do VP da mesorregião, quando considerado o conjunto das principais culturas. Na análise dos resultados visualizados no quadro 3, observa-se que na soma das culturas do município, todas as componentes do modelo foram positivas, indicando dinamismo em todas as possibilidades de crescimento das culturas.

Mesmo mostrando um exorbitante crescimento da área plantada, 2400%, e do valor da produção, 2160%, entre os anos estudados, a **cultura do milho** se apresentou de forma quase insignificante no total da mesorregião. No que se refere às componentes de crescimento, a componente regional explicou 293,88% e mostrou dinamismo nas mudanças locais.

Assim como a cultura do milho, a **do feijão** também obteve um crescimento de 2249% do valor da produção e de 1500% da área plantada, e, mesmo assim, contribuiu pouco para o valor da produção da mesorregião, 0,20% em 2010. A componente de crescimento de maior peso foi a regional que explicou 117,71% do crescimento do valor da produção do feijão em Acajutiba no período estudado, deduzindo assim que houve influência de elementos locais no crescimento desta cultura.

A **cultura da laranja**, com uma participação, em 2010, de 1,74% no VP da mesorregião, cresceu 180% da sua área plantada e 306,84% do seu valor da produção entre os anos estudados. Com isso, pode-se dizer que a cultura ganhou importância econômica no município, tornando-se dinâmica em termo de mudanças locais, as quais influenciaram 82,01% no crescimento do valor da produção.

A **mandioca** se comportou como a laranja, apresentando crescimento da área plantada, 440%, e do VP, 259,88%, e participando pouco do valor da produção da mesorregião. Assim, a componente de crescimento regional foi a de maior peso, explicando 73,25% do crescimento do valor da produção, revelando que aspectos endógenos ao município, porém exógenos a essa cultura, favoreceram o seu crescimento.

A mais importante cultura do município é a **do coco-da-baía**, que representa 38,73%, mais que um terço do valor da produção da mesorregião. Seu crescimento entre os anos analisados foi de 12,94% da área plantada e de 22,73% do VP. Todas as componentes do modelo explicaram positivamente o crescimento desta cultura, sendo que a componente de crescimento regional destacou-se por representar 37,73% da componente de crescimento total, provando o dinamismo a partir de contribuições de questões inerentes a ela.

Jandaíra

Distante 202 km de Salvador, Jandaíra é o segundo maior produtor de coco-da-baía e grande produtor de maracujá. Segundo informações do IBGE, sua população em 2010 era de 10.331 habitantes e sua área territorial de 641,203 km². O seu IDH-M em 2006 foi de 0,574, ocupando a posição de número 378 entre os municípios baianos.

Este município apresentou redução da área plantada e do valor da produção, quando analisado o conjunto das principais culturas, entre 2001 e 2010. A redução da área plantada foi de 5,58% e do valor da produção foi de 10,33%, fazendo com que a participação do município na mesorregião fosse de apenas 2,83%. Quanto às componentes de crescimento do modelo, destacou-se a de crescimento estrutural que participou com 61,90% na composição da componente de crescimento total. Permitindo assim influir que fatores como variação na estrutura, variação técnicas de produção, inovações tecnológicas, etc. influenciaram positivamente no crescimento da produção no município.

A **cultura do milho** apresentou crescimento de 33,19% do valor da produção e também cresceu sua área plantada em 33,33%. Apesar desse crescimento, esta cultura mostrou pequena participação no VP da mesorregião. Esta cultura se mostrou não dinâmica para o município, posto que as componentes de crescimento, estrutural e regional, foram negativas no período explorado.

A **cultura do feijão** nesse período agiu muito parecido com a do milho, uma vez que cresceu 33,33% da área plantada e 109,88% do valor da produção. Apesar disso, sua representação no VP da mesorregião foi de apenas 0,07%. Quanto aos resultados do modelo, as componentes de crescimento estrutural e regional foram ambas negativas também.

A **cultura da laranja** apresentou uma participação maior, frente as outras culturas, no valor da produção do município em 2010, 6,69%. Isso se deve, entre outros fatores, ao crescimento de 237,50% da área destinada ao seu plantio e ao aumento de 390,38% do VP entre os anos

analisados. O dinamismo da cultura foi explicado 88,80% pela componente de crescimento regional, evidenciando que fatores locais inerentes ao próprio processo produtivo influenciaram tal crescimento.

A **mandiocultura** também apresentou crescimento importante no período analisado, tanto no valor da produção, 14,85%, quanto na área plantada, 71,43%. Mesmo com esse aumento, a participação foi de apenas 0,55% do VP desta cultura na mesorregião. De acordo com os resultados do modelo, além da grande participação da componente global, a componente de crescimento estrutural também foi determinante para o crescimento do valor da produção, 42,42%, indicando que este dinamismo foi também favorecido por mudanças estruturais no período.

Entre as culturas estudadas, a **cultura do coco-da-baía** foi a mais importante para este município, tendo em vista que sua participação no valor da produção da mesorregião foi de 19,37%, mesmo com a diminuição da área plantada, -25,00%, e do próprio valor da produção, -54,59%. Quanto à componente de crescimento do modelo *shift-share*, o crescimento do VP desta cultura foi explicado em grande parte pela componente de crescimento estrutural que representou 115,02%, da componente de crescimento total.

Crisópolis

Distante 215 km de Salvador, o município de Crisópolis possuía em 2010 uma população de 20.046 mil habitantes e uma área de 607,662km² (IBGE; Censo 2010). Na agricultura, destacam-se a produção expressiva de amendoim, batata-doce e mandioca. No setor de bens minerais, é produtor de argila e calcário.

Na análise das culturas envolvidas no estudo, constatou-se que houve no município um crescimento de 29,25% da área destinada ao plantio e um aumento de 137,62% do valor da produção agregada das cinco culturas. O resultado da decomposição da taxa de crescimento do modelo *shift-share* mostrou que estas atividades em conjunto são dinâmicas quando se analisam os elementos endógenos ao município e exógenos ao conjunto das culturas, dado que a componente de crescimento regional participou positivamente com 54,43% da componente de crescimento total. Não obstante, não foi suficiente para tornar o município dinâmico, dado que a sua componente de crescimento total foi negativa em 11.435.

Na cultura do milho, houve um aumento da área de 140% enquanto o incremento do valor da produção foi de 430,07% entre 2001 e 2010. A componente de crescimento regional revelou

que os fatores locais do município participaram com 6,2% da composição da componente de crescimento total, sendo apenas esta cultura não dinâmica em face da CCEM.

Na **cultura do feijão**, ocorreu o contrário no mesmo período, tendo em vista que o aumento da área plantada foi superior ao crescimento do valor da produção. Enquanto a primeira variável aumentou 113,33%, o valor da produção aumentou apenas 10,83%. Isso gerou uma participação de 0,69% no VP da mesorregião. Esta cultura não apresentou dinamismo no período estudado, posto que as questões que incorporariam esse dinamismo evidenciaram valores negativos em suas componentes, estrutural e regional.

Com crescimento nulo da área plantada e de 55,01% do valor da produção, a **cultura da laranja** no município de Crisópolis representou 0,59% do VP da mesorregião. Fatores como a valorização do produto ou aumento da produtividade podem ter contribuído para o aumento do valor da produção sem aumento da área plantada. No que tange aos resultados encontrados na aplicação do modelo *shift-share*, a componente de crescimento estrutural explicou 19,21%, evidenciando o dinamismo nas mudanças estruturais relativas à cultura.

Entre as cinco principais culturas, a **mandioca** é a mais expressiva no município quando comparada à mesorregião, uma vez que representou 9,39% do VP dessa região. Isso se deve ao aumento do valor da produção em 152,79% no município entre os anos da análise, mesmo com a redução de 11,43% da área plantada. Os resultados expostos no quadro 3 mostram que todas as componentes de crescimento do método foram positivas, sendo que a componente de crescimento regional foi a que mais explicou o resultado total, 50,96%.

A cultura do coco-da-baía, por sua vez, teve pequena participação no VP da mesorregião, 0,21%. Essa pequena participação se deve, dentre outros aspectos, ao crescimento nulo da área plantada e ao decréscimo do valor da produção de -21,94% no período estudado. A componente de crescimento estrutural explicou 45,57% da componente de crescimento total, deixando exposto que mudanças estruturais aconteceram no desenvolvimento desta cultura.

4.1.4 Mesorregião 4 - Centro Norte Baiano

A mesorregião Centro Norte Baiano é formada pela junção de 80 municípios, entre eles Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim. Sua população é de 2.224.075 habitantes (IBGE, 2007), representando 15,8% da população do estado, em uma área

territorial de 82.178,2 km² (IBGE, 2010). Seus principais produtos agrícolas são mandioca e grãos (soja, milho e feijão), enquanto os principais da pecuária são caprinos, com destaque para o crescimento da avicultura.

Para averiguar a evolução das principais culturas da mesorregião, foram eleitas as cinco principais culturas e os cinco maiores municípios produtores destas. O quadro 4, construída através dos resultados da aplicação do método *shift-share*, evidenciará a representação das culturas de cada município na mesorregião, a evolução do valor da produção e da área plantada, e a participação das componentes de crescimento no crescimento total. Dessa forma, serão apresentados os municípios que mais representam o valor da produção da mesorregião: Campo Formoso, 18,43%; Ourolândia, 2,37%; Jacobina, 3,40%; Mirangaba, 1,88%; e Morro do Chapéu, 2,58%.

Ressalta-se o efeito da taxa de crescimento da mesorregião de 31,14% gerando dinamismo em todas as culturas agrícolas e municípios.

Quadro 4 - Participação do Valor da Produção (VP) de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do Valor da Produção, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Centro Norte Baiano.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010 (%)	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
CAMPO FORMOSO	Mandioca	1,85	-77,17	-16,67	118,95	147,50	-166,45	2.615
	Sisal	60,23	137,07	84,91	49,53	-14,12	64,59	19.572
	Feijão	3,13	21,21	42,90	(-54,98)	(76,66)	(78,32)	-1.361
	Banana	2,33	-75,42	-90,70	329,18	533,74	-762,93	628
	Milho	1,79	237,24	225,00	10,28	-63,73	153,46	507
	TOTAL	18,43	61,32	75,12	71,37	14,03	14,60	21.961
OUROLÂNDIA	Mandioca	0,58	21,50	164,71	24,94	-193,24	268,30	740
	Sisal	5,29	15,05	-20,00	(-52,64)	(71,85)	(80,80)	-3.332
	Feijão	3,31	727,94	21,51	4,79	24,20	71,01	2.416
	Banana	0,14	67,01	-20,00	20,50	-97,96	177,46	91
	Milho	0,14	-92,50	-80,00	(-116,63)	(-224,84)	(442,47)	-157
	TOTAL	2,37	43,88	-15,40	(-933,40)	(1.231,55)	(-198,15)	-242
JACOBINA	Mandioca	2,62	-71,98	-46,43	99,25	76,09	-75,34	3.628
	Sisal	6,28	35,62	6,74	(-80,72)	(95,47)	(85,25)	-2.189
	Feijão	2,18	161,10	-33,74	37,40	-4,42	67,02	646
	Banana	2,31	49,64	-44,44	23,15	-92,54	169,39	1.458

	Milho	1,26	-27,90	4,29	82,17	27,53	-9,70	208
	TOTAL	3,40	-23,75	-10,54	163,07	-17,33	-45,75	3.752
MIRANGABA	Mandioca	0,78	-77,72	-47,83	121,49	156,69	-178,17	1.105
	Sisal	3,31	0,08	-16,67	(-42,01)	(62,90)	(79,11)	-3.000
	Feijão	1,51	145,84	-44,78	45,80	-11,79	65,99	389
	Banana	2,42	107,19	-17,65	16,21	-106,74	190,53	1.570
	Milho	0,50	-64,13	-36,67	1871,88	2299,59	-4071,48	7
	TOTAL	1,88	-18,82	-28,56	4438,23	-2394,38	-1943,85	71
MORRO DO CHAPEU	Mandioca	0,23	-41,88	-20,00	50,66	-100,03	149,37	305
	Sisal	7,93	217,02	140,00	21,81	9,21	68,99	4.379
	Feijão	0,22	-57,13	-87,32	(-23,07)	(48,65)	(74,42)	-655
	Banana	1,54	-76,75	-64,00	383,04	643,96	-927,00	378
	Milho	0,28	-48,61	-80,00	181,24	153,31	-234,55	29
	TOTAL	2,58	28,45	13,22	62,22	50,88	-13,10	4.435
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	31,14	0,56	100,00	-	-	29.977

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os Percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Campo Formoso

Campo Formoso está localizado a 400 km de Salvador, cujo acesso é feito pela BR-324. Sua população estimada em 2010 era de 66.616 habitantes e sua área territorial de 7.258,574 km², segundo IBGE. Seu IDH-M em 2006 foi de 0,613, ocupando assim, a 245^o posição no ranking baiano. Suas principais culturas são o sisal, mamona, algodão, feijão, milho e mandioca, além da agricultura irrigada com o potencial para hortifrutigranjeiros através de inúmeros projetos no Vale do Salitre com o plantio de melão, uvas, mangas, pinhas, dentre outros.

Na análise agregada das cinco culturas estudadas foi possível observar que o município de Campo Formoso representou 18,43% do VP da mesorregião para essas cinco culturas em 2010. Uma participação representativa, quando consideramos que existem sessenta municípios nessa mesorregião. Os números para Campo Formoso se mostraram todos positivos, tendo em vista que houve um aumento de 75,12% da área plantada e um incremento de 61,32% no valor da produção entre 2001 e 2010. A análise da decomposição das componentes de crescimento mostrou que todas as componentes foram positivas, evidenciando que o crescimento da mesorregião, mudanças estruturais e mudanças locais,

influenciaram o crescimento destas culturas no município, com praticamente os mesmos valores em torno de 14% da CCT, enfatizando-se o peso da CCG, que foi de 71,37%.

No que tange à **mandiocultura**, foi verificado que houve uma redução tanto da área plantada quanto do valor da produção no município. Na primeira variável, a diminuição foi de 16,67% e na segunda foi de 77,17%. A componente de crescimento estrutural indicou mudança, ou seja, houve a influência de um choque das novas técnicas nesta cultura.

A **cultura do sisal, ou agave**, é a principal cultura do município, e apenas o município de Campo Formoso representou 60,23% do VP da mesorregião em 2010, uma participação muito relevante considerando que na mesorregião existem sessenta municípios. Verificou-se, também, que houve um incremento de 137,07% do valor da produção e de 84,91% da área plantada no período analisado. A componente de crescimento regional explicou 64,59% da componente de crescimento total e foi a mais representativa, contribuindo para demonstrar o acréscimo no valor da produção na cultura do sisal neste município.

O **feijão** é encontrado em praticamente todos os municípios da mesorregião, e em Campo Formoso, o valor da produção desta cultura representou 3,13% do VP na mesorregião. Foi verificado também que a área destinada ao cultivo do feijão aumentou 42,90% enquanto o valor da produção cresceu apenas 21,21%, podendo ser concluído que, ou houve perda de produtividade ou ocorreu desvalorização da *commodity*. Esta cultura se apresentou não dinâmica, visto que tanto as vantagens locais quanto as vantagens estruturais não contribuíram para o crescimento do valor da produção do feijão, neutralizando o efeito da componente global.

Com uma participação de 2,33% no VP da mesorregião em 2010, a **cultura da banana** apresentou redução de 90,7% da área plantada e de 75,42% do valor da produção no período. Com isso o município de Campo Formoso demonstrou componente de crescimento estrutural positiva, explicando 533,74% da componente de crescimento total, verificando a predominância de vantagens de natureza estrutural no dinamismo desta atividade.

Ao contrário da banana, a **cultura do milho** apresentou crescimento, tanto em área plantada, 225%, quanto no valor da produção, 237,24%, entre os anos analisados representando, em 2010, 1,79% do VP da mesorregião. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento do milho em Campo Formoso revelam que a componente de crescimento regional explicou

153,46% do crescimento total, sendo a componente de maior peso, comprovando assim que os elementos locais foram decisivos para o crescimento do VP do milho.

Ourolândia

O município de Ourolândia distancia 358 km de Salvador, sua população em 2010 era de 16.425 habitantes e sua área territorial era de 1.487,743 km². O IDH-M do município em 2006, foi de 0,542, ocupando a posição de número 408 no ranking dos municípios baianos.

Na observação conjunta das culturas analisadas nessa mesorregião, verificou-se que houve um aumento de 43,88% do valor da produção, apesar da redução de 15,40% da área destinada a essas culturas no período do estudo. Com isso, o município representou 2,37% do VP na mesorregião em 2010. A componente de crescimento regional participou positivamente da composição da CCT, revelando dinamismo nas vantagens dos elementos endógenos ao município. No entanto, o não dinamismo da componente de crescimento estrutural contribuiu com grande intensidade para a CCT negativa, sinalizando para a especialização da atividade de menor dinamismo no período.

Analisando as culturas individualmente, foi possível observar que a **mandiocultura** em Ourolândia representou 0,58% do VP da mesorregião em 2010. Uma participação pequena em termos absolutos, porém não tão pequena assim quando considerado que praticamente todos os municípios da mesorregião são produtores desta raiz. Ainda se tratando da mandiocultura, o município registrou aumento de 164,71% da área plantada e incremento de 21,5% do valor da produção no período da análise. O dinamismo da cultura foi explicado pela componente de crescimento regional que explicou 268,30% da componente de crescimento total, ratificando a especialização nesta cultura de menor dinamismo, dado que a componente estrutural foi negativa.

Assim como no município de Campo Formoso, em Ourolândia a **cultura do sisal** é a de maior representação no valor da produção da mesorregião sendo que, em 2010, após um crescimento de 15,05% no valor da produção do município, sua participação no VP da mesorregião foi de 5,29%. Em se tratando das componentes de crescimento, tanto a estrutural quanto a regional apresentaram sinal negativo, explicando -71,85% e -80,80%, respectivamente. Conclui-se, assim, que houve um não dinamismo nesta cultura no sentido de não terem sido influenciadas por mudanças de fundamentação estrutural e local.

A **cultura do feijão** apresentou um crescimento do valor da produção muito representativo, 727,94% ao tempo em que a área plantada cresceu apenas 21,51%, entre os anos de 2001 e 2010. Isso fez com que a participação do município no VP da Região fosse de 3,31% em 2010. As três componentes que formulam o modelo foram positivas, mostrando dinamismos em todos os ramos de crescimento. O destaque foi para a componente de crescimento regional que explicou 71,01% do crescimento do valor da produção, relatando as vantagens locais no crescimento desta cultura.

As culturas, **da banana e do milho**, ambas representaram pequena participação no VP da mesorregião, 0,14%. Porém, na primeira cultura verificou-se um aumento de 67,01% do valor da produção entre 2001 e 2010, enquanto que, na cultura do milho houve uma redução de 92,50%, mostrando que o município mostrou tendência de evolução da cultura da banana. Os resultados da decomposição das taxas de crescimento evidenciaram que na cultura da banana o dinamismo se deu de forma local, uma vez que a CCRR explicou 177,46% do crescimento do valor da produção. Já os resultados da cultura do milho mostraram que não houve dinamismo neste aspecto, pois a componente de crescimento regional foi a de maior peso, porém negativa e explicou -442,47%.

Jacobina

Situada na região noroeste da Bahia, no extremo norte da Chapada Diamantina, Jacobina fica a 330 quilômetros de Salvador e é também conhecida como Cidade do Ouro, uma herança das minas de ouro que atraíram os bandeirantes paulistas no início do século XVII. Em 2010, sua população era de 79.247 habitantes em uma área territorial de 2.359,965 km² (IBGE, 2010).

A partir da análise conjuntural, verificou-se que o município reduziu a área destinada ao plantio das culturas citadas em 10,54% no período analisado, gerando assim uma diminuição de 23,75% do VP, na soma dessas culturas. Com essas reduções, o município de Jacobina representou na mesorregião em 2010, 3,40% do valor da produção das cinco culturas estudadas. Nesta observação do conjunto, verificou-se um não dinamismo nos aspectos estruturais e locais, uma vez que componente que avaliam esse dinamismo foram ambas negativas. Dessa forma, o seu dinamismo deve-se à sua grande dependência da taxa e crescimento da mesorregião, visto que a CCG contribuiu com 163,07% na CCT.

Entre os municípios analisados, o de Jacobina é o que apresentou a maior participação no valor da produção da **mandiocultura** na mesorregião do Centro Norte Baiano, 2,62%. Essa

participação ainda é considerada pequena por ter ocorrido uma grande redução de 71,98% no valor da produção entre os anos da análise. A área plantada dessas culturas também reduziu, porém numa proporção menor, 46,43%. A componente de crescimento estrutural explicou 76,09% do dinamismo da cultura através das mudanças estruturais.

Neste caso, também a **cultura do sisal** foi a mais representativa do município na mesorregião, participando com 6,28% do VP em 2010. Esta cultura mostrou evolução de produção no período analisado, tendo em vista que houve um crescimento de 35,62% do valor da produção, enquanto a área plantada incrementou apenas 6,74%. O que nos permite concluir que um aumento de produtividade ou uma valorização do produto ocorreu no período. As componentes de crescimento, estrutural e regional foram rígidas e explicaram negativamente o valor de produção do sisal no município, -95,47% e -85,25%, respectivamente, relatando a falta de incorporação de novas tecnologias e de fatores locais que contribuísse para o desenvolvimento desta cultura, tornando-a não dinâmica no período.

Considerando que praticamente todos os municípios da mesorregião são cultivadores do **feijão**, a representação do município de Jacobina na mesorregião é considerada significativa, 2,18%. Essa participação se deu devido ao aumento da produtividade, uma vez que a área plantada foi reduzida 33,74% e o valor da produção aumentou em 161,10% no período. Na interpretação dos resultados do *shift-share*, a componente de crescimento regional foi a que mais explicou o crescimento total, 67,02%, notando, assim, o dinamismo dos fatores locais e socioeconômicos que contribuíram para o crescimento da cultura.

A **cultura da banana** apresentou crescimento de 49,64% o seu valor da produção, mesmo com a redução de 44,44% da área destinada ao seu plantio, demonstrando que outros aspectos, como aumento da produtividade e aumento dos preços do produto, contribuíram para esse resultado. A componente de crescimento regional explicou 169,39% da componente de crescimento total, mostrando que esse grupo também foi favorecido pelas condições regionais.

A última cultura analisada no município foi a **milhocultura**, que representou 1,26% do VP da mesorregião. O que explica esse baixo percentual é a diminuição de 27,9% do valor da produção no município entre os anos analisados, apesar do crescimento de 4,29% da área destinada ao seu plantio. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento indicam que o crescimento no município de Jacobina também foi favorecido pelas mudanças estruturais,

sendo que a componente de crescimento estrutural modificada positiva participou com 27,53% da composição da CCT.

Mirangaba

O município de Mirangaba faz parte do Semiárido baiano e está inserido no polígono da seca a 365 km da capital, Salvador. A área municipal é de 1.697,691 km² e sua população em 2010 foi de 16.279 habitantes. Geográfica e administrativamente, situa-se na microrregião de Jacobina; economicamente, na região do Piemonte da Diamantina e na região de Planejamento de Irecê. O acesso a partir de Salvador é efetuado pelas rodovias pavimentadas BR-324, BR-116 e BA-373.

A produção agrícola tem como principais produtos a banana, mandioca, sisal, tomate, cenoura, feijão, melancia, cebola, manga, alho, pimenta e outros. Na pecuária existe predomínio da criação de bovino. A caprino-ovinocultura é uma atividade em expansão principalmente entre pequenos e médios proprietários.

Analisando os resultados expostos no quadro 4, foi possível observar no conjunto das culturas no município, que houve uma considerável redução de 28,56% da área destinada ao plantio desse conjunto e conseqüentemente uma diminuição de 18,82% do valor da produção, o que resultou em uma representação de 1,88% no valor da produção da mesorregião.

Constata-se que este município depende do efeito da CCG em seu dinamismo para o conjunto das culturas, dado que as outras componentes apresentaram elevados valores negativos.

Em se tratando das culturas isoladamente, verificou-se que a **mandiocultura** registrou redução tanto da área plantada, -47,83%, quanto do valor da produção, -77,72%, no município. A componente de crescimento estrutural explicou 156,69% da CCT, relatando que mudanças estruturais relativas à cultura da mandioca influenciaram positivamente.

Quando foi feita a relação do valor da produção do município com o valor da produção da mesorregião de cada cultura, certificou-se que a **cultura do sisal**, ou agave, foi a mais forte em todos os municípios. Mirangaba participou com 3,31% do valor da produção da mesorregião em 2010. Mesmo com a redução de 16,67% da área plantada essa cultura ainda foi a mais representativa no município. Na análise dos resultados verificou-se que a única componente positiva foi a componente global, o que afere que as mudanças estruturais e regionais não propulsionou dinamismo nesta cultura, tornando a CCT negativa.

A **atividade do feijão** apresentou grande crescimento do valor da produção no período analisado, apesar da redução da área plantada, demonstrando assim que o crescimento de 145,84% no valor da produção foi definido por outros fatores. Com isso o município representou 1,51% do valor da produção da mesorregião em 2010. No que tange às componentes de crescimento, foi verificado que a componente regional, que foi positiva e a de maior peso, representou 65,99% da componente de crescimento total, salientando as vantagens locais no dinamismo desta cultura.

A **cultura da banana** foi a segunda que mais representou o município diante da mesorregião, tendo em vista que participou com 2,42% do valor da produção da cultura nesta região. Um dos fatores que contribuíram para isso foi o crescimento de 107,19% do valor da produção no período da análise. Nesta cultura se observa uma posição dinâmica apoiada em fatores de natureza local, dado que a sua componente de crescimento regional contribuiu com 190,53% da componente total, superando o efeito negativo da componente de crescimento estrutural.

Por fim, analisamos a **milhocultura** em Mirangaba, onde houve uma recessão da cultura com redução de -36,67% da área plantada e de -64,13% do valor da produção, fazendo com que o município participasse com apenas 0,50% do valor da produção da mesorregião em 2010. A componente de crescimento estrutural explicou 2.299%, mostrando um dinamismo em termos de especialização desta cultura no município citado, apesar da adversidade de natureza regional

Morro do Chapéu

Localizado a 384 km de Salvador, Morro do Chapéu tinha uma população de 35.164 habitantes em 2010 em uma área territorial de 5.742,910 km² (IBGE, 2010). A economia da região é fortemente baseada na agropecuária de subsistência e, apesar do potencial turístico da região, essa característica é pouco explorada nesse município.

Com a dissolução dos resultados apresentados no quadro 4, observou-se no conjunto das culturas analisadas que o município de Morro do Chapéu cresceu 13,22% da área de plantio destas atividades. Com isso, o valor da produção destas culturas também aumentou 28,45% e contribuiu para a participação de 2,58% do município no valor da produção da mesorregião. Na decomposição das taxas de crescimento do modelo *shift-share*, notou-se o dinamismo no município através da especialização de caráter técnico, dado que a componente de crescimento estrutural participou com 50,88% da CCT. A componente de crescimento global

se mostrou positiva em todas as culturas, deduzindo assim que em todas elas o crescimento da mesorregião impulsionou seu desenvolvimento.

A **mandioca** sofreu redução de 20% da área plantada no município de Morro do Chapéu reduzindo, também assim, o valor da produção desta cultura em 41,88% entre o período pesquisado. Como a região apresentou a componente de crescimento regional positiva levando este grupo para a posição de dinamismo em seu valor da produção, deduz-se que as condições de natureza local favorecem o crescimento do valor da produção.

A contribuição da **atividade sisaleira** do município no valor da produção da mesorregião foi de 7,93%, isso após um crescimento de 140% da área de plantio e de 217,02% do valor da produção entre 2001 e 2010. Esta cultura registrou dinamismo devido às contribuições de aspectos locais referendados pela componente de crescimento regional com 68,99%, pela especialização devido à componente crescimento estrutural que contribuiu com 9,21%, bem como pela CCG que representou 21,81%. Assim, todas as componentes de crescimento contribuíram para o aumento do valor da produção desta cultura.

A **cultura do feijão** neste município apresentou decadência entre os anos estudados, devido à redução de 87,32% da área plantada e de 57,13% do valor da produção. Essa redução é também referenciada na análise dos resultados das componentes do modelo aplicado, uma vez que a única componente de crescimento que não apresentou sinal negativo foi a global. No entanto com o peso menos explicativo que as componentes estrutural e regional. Estas últimas explicaram respectivamente, -48,65% e -74,42%, revelando que houve um não dinamismo nos aspectos locais e estruturais para a cultura do feijão neste município.

Outra cultura de grande representatividade na mesorregião e neste município é a **da banana** que, apesar da redução que sofreu na área plantada e no valor da produção entre 2001 e 2010, teve uma participação de 1,54% no valor da produção da região em 2010. O dinamismo do grupo foi explicado pelas componentes, global e estrutural, que acusaram valores positivos de 383,04% e 643,96%, respectivamente. Verifica-se que, além de ter havido uma mudança na estrutura setorial da região no sentido de especialização em setores mais dinâmicos, foi também favorecido pelo crescimento da mesorregião.

Por fim, analisou-se a **milhocultura** que, como o feijão e a banana, apresentou decréscimo tanto na área de plantio, que foi de 80%, quanto no valor da produção, 48,61%, o que fez com que a participação deste município na mesorregião fosse de apenas 0,28% em 2010. Quanto

às componentes de crescimento, verificou-se que a componente crescimento estrutural foi positiva, 153,31%, comprovando especialização dos elementos que mudaram a estrutura do setor, que em conjunto com a CCG, tornando-se dinâmica no município.

4.1.5 Mesorregião 5 - Vale do São Francisco da Bahia

A mesorregião do Vale São-Franciscano da Bahia é formada pela união de 27 municípios agrupados em quatro microrregiões. Sua população em 2007 era de 978.414 habitantes de sua extensão territorial de 115.636,10 km². Assim como o Extremo Oeste Baiano, boa parte desta região pertenceu ao estado de Pernambuco até meados de 1824. Nessa região localiza-se boa parte do curso do rio São Francisco e também se localiza a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, uma das principais usinas hidrelétricas do país, e o Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso. O PIB dessa mesorregião é composto majoritariamente pelo segmento da agropecuária.

Para a elaboração da pesquisa, foram escolhidas as principais atividades econômicas da mesorregião em termo de valor da produção agrícola em 2010, que foram: uva, melancia, banana, coco-da-baía e manga, e os principais municípios produtores destas culturas, que tiveram participação importante no valor da produção da mesorregião: Juazeiro, 56,15%; Sobradinho, 1,11%; Sento Sé, 2,13%; Casa Nova, 16,21%; e Curaçá, 7,17%. O quadro 5, construído através dos resultados da aplicação do método *shift-share*, evidenciará a representação das culturas de cada município na mesorregião, a evolução do valor da produção e da área plantada e a participação das componentes de crescimento no crescimento total. É importante ressaltar que, após os resultados, observou-se que a componente global foi fortemente influenciada pela taxa de crescimento da mesorregião, que foi de 92,185, em todos os municípios e em todas as culturas observadas.

Quadro 5 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião do Vale do São Francisco da Bahia.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
JUAZEIRO	Uva	64,24	70,08	2,61	277,02	-20,91	-156,11	26.404
	Melancia	34,11	238,31	288,00	(-85,88)	(45,87)	(140,01)	-3.116
	Banana	2,68	(86,67)	(90,48)	40,34	42,32	17,34	41.682
	Coco-da-Baía	86,76	1.263,61	122,39	(-4,82)	(23,96)	(80,86)	-55.998
	Manga	75,67	41,21	50,00	54,40	12,82	32,78	110.585
	TOTAL	56,15	65,57	34,21	130,06	9,58	-39,64	119.558
SOBRADINHO	Uva	0,85	869,75	500,00	11,07	2,16	86,77	1.531
	Melancia	4,72	778,25	1.033,33	21,31	12,96	65,73	670
	Banana	0,58	281,68	42,86	15,44	-22,52	107,08	826
	Coco-da-Baía	2,15	1.984,73	300,00	(-7,74)	(11,80)	(95,94)	-566
	Manga	0,69	367,63	233,33	18,59	-5,42	86,83	891
	TOTAL	1,11	681,18	416,95	19,37	-5,40	86,04	3.351
SENTO SÉ	Uva	0,90	(69,01)	(79,33)	(-87,11)	(10,68)	(176,43)	-6.450
	Melancia	7,59	256,32	280,00	(-103,19)	(51,18)	(152,01)	-548
	Banana	2,98	133,93	50,00	20,53	-9,29	88,77	5.183
	Coco-da-Baía	0,52	140,15	(5,71)	(-3,04)	(31,39)	(71,65)	-3.009
	Manga	2,95	(6,07)	8,33	75,45	23,54	1,01	4.667
	TOTAL	2,13	(10,03)	32,55	(6.937,57)	828,31	6.209,26	-157
CASA NOVA	Uva	27,42	256,20	159,60	30,71	0,46	68,83	39.580
	Melancia	15,20	233,80	150,00	(-37,14)	(30,91)	(106,24)	-5.498
	Banana	2,47	403,64	51,79	20,14	-10,30	90,17	4.234
	Coco-da-Baía	2,22	747,58	3,66	(-3,19)	(30,74)	(72,46)	-7.571
	Manga	12,62	98,99	143,99	34,58	2,73	62,70	17.195
	TOTAL	16,21	256,21	135,11	44,30	-7,95	63,65	47.941
CURAÇA	Uva	6,45	104,45	113,00	42,01	-0,52	58,51	8.344
	Melancia	15,51	207,39	125,56	(-82,42)	(44,80)	(137,61)	-1.496
	Banana	13,22	(12,87)	180,70	12,82	-29,35	116,52	17.126
	Coco-da-Baía	1,98	1.150,93	84,21	(-3,80)	(28,22)	(75,57)	-2.608
	Manga	3,89	49,43	146,50	40,57	5,78	53,66	5.405
	TOTAL	7,17	92,18	146,82	34,46	-23,02	88,56	26.771
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	92,18	12,30	10,00	-	-	197.464

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os Percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Juazeiro

Juazeiro é um município que, em conjunto com o vizinho município de Petrolina, em Pernambuco, forma o maior aglomerado urbano do semiárido. Está localizado na região sub média da bacia do Rio São Francisco, destaca-se pela agricultura irrigada que se firmou na região graças às águas do rio São Francisco. Em 2010, sua população era de 197.965 habitantes em uma área territorial de 6.500,520 km² (IBGE, 2010).

A região compreendida pelas cidades de Juazeiro e Petrolina tornou-se o maior centro produtor de frutas tropicais do país, tendo destaque para os cultivos de manga, uva, melancia, melão, coco, banana, dentre outros; este desempenho é responsável pela crescente exportação de frutas, além da produção de vegetais. A região é conhecida nacional e internacionalmente pela produção e qualidade dos vinhos, que tiveram grande crescimento com a implantação de mecanismos de irrigação, tornando-se a única região do país a colher duas safras de uvas por ano, e a maior exportadora e produtora de frutas do Brasil, mesmo se localizando no centro do polígono das secas. Vale ressaltar que em Juazeiro se encontra um dos maiores Centro de Abastecimento (CEASA) do Brasil, sendo o maior do interior do norte-nordeste do Brasil, sendo maior até que muitos Ceasas de várias capitais e responsável pela produção agrícola que abastece várias regiões do país.

Juazeiro é o principal município agropecuário da mesorregião onde, em 2010, na análise agregada das categorias, verificou-se que a sua representação no valor da produção da mesorregião foi de 56,15%, algo de significância, apenas um município representa mais da metade do valor da produção da mesorregião. Essa grande participação se deve em parte ao expressivo aumento de 34,21% da área plantada e de 65,57% do valor da produção entre os anos aqui analisados. Em se tratando das componentes de crescimento do modelo *shift-share*, verificou-se que a componente estrutural, apesar de pequena, foi positiva 9,28%, contribuindo para o crescimento do valor da produção das culturas analisadas neste município.

A **cultura da uva** teve uma representação de 64,24% no valor da produção da mesorregião em 2010, mostrando que o município sozinho é o responsável por mais da metade da produção da mesorregião do Vale do São Francisco da Bahia. Isso se deve, entre outros fatores, ao crescimento de 70,08% do valor da produção entre os anos do estudo, apesar do aumento da área plantada ter sido de apenas 2,61%, evidenciando que houve um aumento de produtividade desta cultura. Como as componentes de crescimento estrutural e regional foram

negativas, há indícios de que a sua especialização tecnológica e seus efeitos locais sofreram alguma perda de dinamismo em seu valor da produção.

Outra cultura em que o município de Juazeiro representou destaque na mesorregião foi a **cultura da melancia**, participando de 34,11% do valor da produção da mesorregião em 2010. Isso se deve em grande parte ao aumento de 288% da área destinada ao seu cultivo e de 238,31% do valor da produção. Os resultados observados no quadro demonstram que o crescimento desta cultura não foi beneficiado por elementos locais nem por fatores estruturais, dado que as componentes de crescimento, estrutural e regional foram ambas negativas, mostrando assim, a grande dependência desta cultura pela taxa de crescimento da mesorregião.

A cultura que menos expressa o município na mesorregião é a **cultura da banana**, que em 2010 participou com apenas 2,68% do valor da produção da mesorregião, sendo que as variáveis de crescimento do VP e da área, ambas mostraram retração no período. Todas as componentes de crescimento participaram para o aumento do valor da produção da banana no município, tendo em vista que todas foram positivas. A componente de crescimento estrutural explicou 42,32%, registrando dinamismo apoiado por mudanças estruturais, uma vez que o município modificou sua estrutura setorial de forma a se especializar em segmentos que contribuam para o crescimento da cultura.

O município ainda detém praticamente toda produção de **coco-da-baía** da mesorregião, pois como pode ser visto no quadro 5, notou-se que 86,76% do valor produção da mesorregião originaram-se de Juazeiro. Isso se deve, entre outros fatores, ao crescimento de 122,39% da área destinada à produção desta cultura e um exorbitante crescimento de 1263,61% do valor da produção no período estudado. As componentes de crescimento estrutural e regional foram negativas, realçando que mudanças estruturais e locais foram não dinâmicas para essa cultura, determinando o valor negativo da CCT.

A última cultura analisada foi a **da manga**, que só teve números positivos, registrando um aumento em 50% sua área plantada entre 2001 e 2010 e de 41,21% do valor da produção no mesmo período. Com isso, o município de Juazeiro representou uma grande participação de 75,67% do valor da produção da mesorregião. As componentes de crescimento do modelo foram todas positivas, e explicaram da seguinte forma: componente global 54,4%, a componente estrutural 12,82% e a componente regional 32,78%, o que permite concluir que todas as formas de crescimento mostraram-se dinâmicas para esta cultura.

Sobradinho

Município localizado a 464 km de Salvador, Sobradinho apresentou em 2010 uma população de 22.000 habitantes em uma área territorial de 1.238,923 km² (IBGE, 2010).

Sobradinho não apresentou grande participação no valor da produção da mesorregião, porém sua escolha para a análise no modelo aqui aplicado se deu devido ao fator de ser um município que produzia todas as principais culturas da região em nível significativo. Sua participação no valor da produção agregada foi de 1,11% em 2010, depois de um aumento significativo de 416,95% da área destinada a essas culturas e de 618,18% do valor da produção entre os anos analisados. Os resultados verificados na decomposição das taxas de crescimento mostraram que a componente de crescimento regional foi positiva e de maior peso no crescimento total, explicando 86,04% da CCT, podendo ser concluído que mudanças locais em setores exógenos às culturas foram decisivas para o dinamismo desta componente.

Nas análises individuais de cada cultura, verificou-se que a **cultura da uva** em Sobradinho representou 0,85% do valor da produção da mesorregião, uma participação pequena, porém significativa quando considerado que apenas o município de Juazeiro representou cerca de 65%. O crescimento verificado neste município na área plantada e no valor da produção entre os anos de 2001 e 2010 foram, respectivamente, 500% e 869,75%, mostrando que o município se comportou de forma positiva no cultivo desta atividade. Os fatores para esse crescimento foram diversos, mudanças estruturais com melhorias tecnológicas, mudanças locais e o crescimento da cultura na região são alguns deles, uma vez que todas as componentes de crescimento do modelo foram positivas, sendo que a que mais explicou foi a componente de crescimento regional, 86,77%.

A **cultura da melancia** no município representou 4,72% do valor da produção desta cultura na mesorregião em 2010, sendo que o crescimento da área plantada no período estudado foi de mais de 1000% e do valor da produção foi de 778,25%, mostrando crescimento considerável dessas variáveis. A cultura no período acusou uma posição de dinamismo em face a todas as componentes apresentarem sinais positivos, sendo que a componente de crescimento regional foi a de maior peso explicando 65,73%, decidindo o crescimento positivo desta cultura, através dos elementos endógenos do município.

Sento Sé

Sento Sé está inserido na Região do São Francisco, possuindo um clima semiárido e uma vegetação predominantemente caatinga. Em 2010 o município possuía uma população de 37.425 habitantes e uma área territorial de 12.698,710 km² (IBGE, 2010).

A análise dos resultados para o município de Sento Sé como um todo mostrou que, mesmo após um acréscimo de 32,55% da área plantada com as principais culturas da mesorregião aqui mencionadas, houve uma redução de 10,03% do valor da produção dessas culturas. Isso fez com que a participação do município no valor da produção da mesorregião fosse de 2,13%. Os resultados da decomposição das taxas de crescimento evidenciaram que as componentes de crescimento estrutural e regional, foram negativas e tiveram forte influência ao não dinamismo dos aspectos inovadores e regionais no desenvolvimento destas culturas, mesmo sendo observado o alto grau de dependência do município à taxa de crescimento da mesorregião, que foi de 92,18%.

Individualmente falando, **a cultura da uva** foi pouco desenvolvida neste período no município, observando que houve uma drástica redução de 79,33% da área destinada ao seu plantio e de 69,01% do valor da produção desta cultura no município de Sento Sé entre os anos analisados. Com isso, a componente de crescimento estrutural se mostrou negativa, porém com influência menor que a componente regional, que também foi negativa e explicou -176,43% do crescimento do valor da produção da uva, evidenciando o caráter não dinâmico desta cultura neste município.

A mais representativa cultura do município, quando comparado seu valor da produção na mesorregião, é a **da melancia** que, entre 2001 e 2010, cresceu 280% sua área plantada e, conseqüentemente aumentou seu valor da produção em 256,32%. Com o incremento dessas variáveis, o município representou 7,59% do valor da produção da região em 2010. Os resultados apontam para um não dinamismo estrutural e regional, uma vez que ambas as componentes de crescimento apresentaram taxas negativas, -51,18% e -152,01%, respectivamente, contribuindo para um valor negativo da CCT.

A **cultura da banana**, por sua vez, também cresceu no período da análise, sendo que esse crescimento foi de 50% da área plantada e 133,93% do valor da produção. Com esse crescimento, o valor da produção de banana do município representou 2,98% desta variável na mesorregião. A componente de crescimento regional foi a componente de maior peso no resultado total, explicando 88,77% da componente de crescimento total, evidenciando que por razões endógenas ao município esta cultura está sendo favorecida.

Menos representativa no município, mas com um aumento significativo da produtividade, a **cultura do coco-da-baía** cresceu 140,15% do valor da produção no município em 2010, diante de uma redução de 5,71% da área destinada ao seu plantio. A componente de crescimento global foi a única que apresentou sinal positivo, porém pouco representativo, apenas 3,04%. Em contrapartida as demais componentes foram negativas e com grande peso na componente total, destacando assim, o não dinamismo de fatores locais e estruturais no desenvolvimento da cultura.

A última cultura analisada na mesorregião foi a **da manga** que em Sento Sé apresentou pequena variação entre os anos estudados. Sua representação no valor da produção do município em 2010 foi de 2,95%. Os resultados relataram que todas as componentes de crescimento do *shift-share* foram positivas, ou seja, apresentaram dinamismo no crescimento os fatores locais, regionais e estruturais.

Casa Nova

O município de Casa Nova faz parte da Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Polo Petrolina e Juazeiro, distanciando 572 km de Salvador. Segundo o IBGE, sua população em 2010 era de 64.940 habitantes, em uma extensão territorial de 9.646,956 km².

Entre os municípios analisados, Casa Nova foi o segundo maior representante no valor da produção da mesorregião no agregado das culturas analisadas, participando 16,21% do valor da produção da mesorregião. Isso se deu, entre outros fatores, pelo aumento ocorrido na área plantada dessas culturas, 135,11% e também pelo crescimento de 256,21% no valor da produção entres os anos da pesquisa. Nesta análise conjunta, verifica-se que a única componente negativa foi a componente de crescimento estrutural, porém, devido ao peso menor que as demais componentes, não foi decisiva no resultado final. A componente de crescimento regional explicou 63,65% e foi a componente de maior peso, destacando a ocorrência de um dinamismo de natureza local favorecendo esta cultura.

Analisando as culturas individualmente, observou-se que a uva foi a cultura mais representativa do município de **Casa Nova**, onde é comum se colherem duas safras de uva por ano. Nesse contexto, a uva representou 27,42% do valor da produção desta na mesorregião em 2010 mostrando, assim, ser, juntamente com Juazeiro, um dos principais municípios produtores nesta mesorregião. O crescimento observado no período estudado, no valor da produção e na área plantada, foi respectivamente, 256,20% e 159,60%, designando assim a

representatividade desta cultura na economia do município. Na apreciação dos resultados obtidos com a aplicação do *shift-share*, registrou-se que todas as componentes do modelo foram positivas, sendo que a de maior contribuição foi a componente de crescimento regional que explicou 68,83% do crescimento do valor da produção da uva.

A **cultura da melancia**, que foi a segunda de maior representação para o município, apresentou um crescimento de 150% da área de plantio e 233,80% do valor da produção entre os anos analisado. Isso contribuiu para uma representação de 15,20% no valor da produção da mesorregião em 2010, apontando este município como um dos principais produtores da região. Esta cultura apresentou um não dinamismo tanto estrutural quanto regional, visto que essas duas componentes foram negativas e de grande peso na componente total, resultando em uma CCT negativa.

Outra cultura importante na mesorregião é a **da banana** que cresceu 403,64% do valor da produção, enquanto sua área plantada cresceu apenas 51,79%, apontando para um sistemático aumento da produtividade. Isso contribuiu para, em 2010, o município integrar com 2,47% do valor da produção da mesorregião. A componente de crescimento regional explicou 90,17%, sendo, dessa forma, a componente de maior peso do modelo, deduzindo que por natureza local esta cultura tem sido favorecida aumentando seu dinamismo.

A **cultura do coco-da-baía** apresentou um vultoso crescimento do valor da produção, 747,58%, visto que o aumento da área plantada foi de apenas 3,66% no período. Após esse crescimento, a sua participação no valor da produção da mesorregião foi de 2,22%, evidenciando uma considerável participação levando em conta que praticamente todos os municípios da mesorregião cultivam essa cultura. Observou um não dinamismo nos fatores locais e estruturais, tendo em vista que, as componentes de crescimento regional e estrutural, foram ambas negativas e explicaram, respectivamente, -72,46% e -30,74%, provocando o valor negativo da CCT.

A atividade econômica da fruticultura também é relevante no município, em especial a **cultura da manga**, que em 2010 representou 12,62% do valor da produção da mesorregião. Entre outros fatores, isso se deve ao fato desta cultura ter apresentado crescimento de 143,99% da área destinada ao seu plantio e 98,99% do valor da produção. Verifica-se que, além de ter havido uma mudança na estrutura setorial da região no sentido de especialização em setores mais dinâmicos, foi também favorecido pelas razões de natureza local, posto que

as componentes de crescimento, estrutural e regional, foram ambas positivas explicando, 2,73% e 62,70%, respectivamente.

Curaçá

O município de Curaçá está situado na Região Nordeste do Estado da Bahia. Embora situado na margem do maior rio do Nordeste, o grande volume de água do Rio São Francisco não influencia o seu interior, além de uma faixa estreita, verde o ano todo. O clima do município é semiárido, com chuvas normalmente só entre os meses de dezembro e março. Em 2010, o município aparecia com 32.168 habitantes numa área de 6.079,042 km² (IBGE, 2010).

Na análise agrupada das principais culturas da mesorregião, averiguou-se que houve um considerado aumento de 92,18% no valor da produção e um incremento também na área plantada de 146,82%, levando o município a representar 7,17% do valor da produção das principais culturas analisadas na mesorregião. Os resultados indicam que o crescimento nesse município, além de ter sido influenciado pela taxa de crescimento da mesorregião, foi também favorecido pelas condições regionais, pois a componente regional de crescimento explicou 88,56% da CCT.

A **cultura da uva** se mostrou com grande representatividade no valor da produção da mesorregião em 2010, participando com 6,45%. Entre o período estudado, conferiu-se que houve um crescimento de 113% da área destinada ao plantio e de 104,45% do valor da produção desta cultura neste município. Analisando as componentes de crescimento, notou-se que a componente de crescimento regional foi a de maior peso e explicou 58,51% do crescimento do valor da produção, ostentando que houve um dinamismo voltado para mudanças de caráter local favorecendo esta cultura.

Neste município, a atividade que mais participou do valor da produção da mesorregião, foi a **cultura da melancia**, que cresceu 125,56% da área de plantio e 207,39% do valor da produção, destacando que ocorreu uma melhoria na produtividade, elevando sua participação na mesorregião para 15,51%. Com exceção da componente de crescimento global, as demais apareceram com sinal negativo, expondo um não dinamismo de caráter local e estrutural desta cultura, determinando uma CCT negativa.

A segunda mais importante cultura da mesorregião em termos de valor da produção foi a da **banana**, que representou 13,22% do valor da produção da mesorregião. Nesta cultura foi também referenciado o crescimento de 180,70% da área plantada, mesmo ocorrendo uma

redução de 12,87% no valor da produção no período da análise. Na decomposição das taxas de crescimento conferiu-se uma grande influência de aspectos locais na determinação do crescimento do valor da produção, visto que a componente regional explicou 116,52% do crescimento total.

O **coco-da-baía** que apresentou em crescimento de grande dimensão da área plantada e do valor da produção, 84,21% e 1150%, respectivamente, participou com apenas 1,98% do valor da produção da mesorregião em 2010. Apesar disso, esta cultura apresentou um não dinamismo devido ao desempenho negativo das componentes de crescimento estrutural e regional, que explicaram respectivamente, -28,22% e -75,57%.

A grande produção de **manga** na mesorregião conta também com a contribuição do município de Curaçá, que em 2010 representou 3,89% do valor da produção desta região. Isso se deve, entre outros aspectos, ao crescimento de 146,50% da área plantada e de 49,43% do valor da produção no período analisado. A componente de crescimento regional explicou 53,66% do crescimento total, deduzindo que mudanças locais favoreceram esta atividade no município. A componente de crescimento estrutural também foi positiva, no entanto explicando com uma proporção menor, 5,78%.

4.1.6 Mesorregião 6 - Sul Baiano

Formada pela união de setenta municípios, a mesorregião Sul Baiano é caracterizada pela grande produção de cacau e pela economia bastante diversificada, incluindo a agricultura, os polos industriais e o turismo. Além do cacau, a região também se destaca na produção da fruticultura e silvicultura, e na pecuária na criação de gado bovino. A população desta mesorregião em 2007 era de 2.480.647 habitantes (IBGE, 2007) e sua extensão territorial é de 54.723 km² (IBGE, 2010).

É importante ressaltar que foram escolhidos os principais municípios que desenvolvem as principais culturas da mesorregião. Esses municípios com suas respectivas participações no valor da produção da mesorregião são: Prado, 7,15%; Ilhéus, 3,8%; Itamaraju, 6,14%; Presidente Tancredo Neves, 1,15%; Wenceslau Guimarães, 5,75%; e Eunápolis, 1,72%. Para efeito da análise do comportamento do crescimento das culturas pesquisada, será analisada a contribuição do crescimento de cada uma das componentes. É importante ressaltar que a componente global apresentou-se positiva em todos os casos analisados, ressaltando o quanto

cada cultura e município cresceriam caso acompanhasse a taxa de crescimento da mesorregião. Nesse contexto, a tabela 6 mostrará a participação do VP de cada produto na mesorregião, a taxa de crescimento do VP, a variação da área plantada e os resultados da decomposição da taxa de crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião Sul Baiano.

Quadro 6 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião Sul Baiano.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
PRADO	Banana	1,05	-48,38	-25,23	(-93,36)	(-47,41)	(240,77)	-1.512
	Cacau	0,77	33,98	4,35	138,62	-20,83	-17,79	687
	Café	37,39	179,46	64,44	81,67	-88,84	107,17	4.790
	Maracujá	24,26	400,07	445,45	10,63	26,48	62,90	2.571
	Mamão	10,03	-29,64	-66,67	2231,59	1101,77	-3233,36	1.117
	TOTAL	7,15	1,17	10,36	411,27	121,59	-432,85	7.652
ILHÉUS	Banana	1,74	885,08	207,69	2,79	-15,39	112,60	4.416
	Cacau	9,13	91,62	-18,36	33,34	1,75	64,91	23.728
	Café	0,55	288,69	150,00	18,05	14,08	67,87	229
	Maracujá	1,58	750,00	400,00	4,30	37,50	58,20	243
	Mamão	0,18	17,69	80,00	52,21	0,41	47,38	500
	TOTAL	3,80	102,83	-17,50	28,67	-0,48	71,81	29.116
ITAMARAJU	Banana	2,12	-54,85	-43,03	(-75,35)	(-41,41)	(216,76)	-4.351
	Cacau	3,86	-5,81	-17,54	(-117,53)	(34,10)	(183,44)	-5.794
	Café	30,38	226,92	94,84	32,26	-8,90	76,65	8.423
	Maracujá	3,37	41,34	7,14	(-20,98)	(81,55)	(39,43)	-640
	Mamão	5,94	229,54	27,57	9,72	-21,07	111,34	32.441
	TOTAL	6,14	70,00	0,21	53,51	-27,53	74,02	30.078
PRESIDENTE TANCREDO NEVES	Banana	3,66	75,87	99,71	26,05	-7,65	81,60	5.568
	Cacau	1,14	91,41	-5,07	33,43	1,73	64,84	2.971
	Café	0,32	7,73	40,78	(-17,98)	(72,36)	(45,61)	-479
	Maracujá	8,35	369,20	171,93	12,21	23,72	64,07	822
	Mamão	0,05	61,44	233,33	27,44	-12,11	84,67	206
	TOTAL	1,15	90,08	13,62	29,57	-6,07	76,50	9.086
WENCESLAU GUIMARÃES	Banana	26,19	8,35	-6,98	85,41	12,12	2,47	19.728
	Cacau	4,09	32,15	13,50	153,98	-24,12	-29,86	3.340
	Café	0,30	204,44	376,47	45,22	-29,87	84,65	65
	Maracujá	4,70	35,10	12,00	(-19,95)	(79,75)	(40,20)	-982
	Mamão	0,13	413,74	358,33	5,69	-23,10	117,41	771

	TOTAL	5,75	15,15	7,86	97,12	2,64	0,24	22.922
EUNÁPOLIS	Banana	0,26	-49,11	-62,07	(-90,91)	(-46,59)	(237,50)	-385
	Cacau	0,26	-50,16	-47,46	(-38,41)	(17,13)	(121,28)	-2.255
	Café	1,73	-33,53	27,78	(-13,90)	(65,77)	(48,13)	-5.479
	Maracujá	6,15	47,45	75,00	(-22,10)	(83,50)	(48,13)	-1.064
	Mamão	3,55	-25,49	-80,71	479,21	216,19	-595,40	1.740
	TOTAL	1,72	-27,26	-46,46	(-141,73)	(12,60)	(229,14)	-7.444
	TOTAL MESORREGIÃO	100,00	25,30	0,60	100,00	-	-	91.411

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os Percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT, quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Prado

Este município está localizado na costa da baía a 785 km de Salvador, e possui uma população de 27.627 habitantes em 2010 e uma área territorial de 1.740,304 km², segundo informações do IBGE. Em 2010, Prado foi o 2º maior produtor de café do estado da Bahia, sendo que suas principais atividades econômicas são a agricultura, a extração, a pecuária, a pesca e o turismo.

Analisando agregadamente as principais culturas desta mesorregião, o município de Prado apresentou crescimento da área plantada de 10,36% ao tempo em que o valor da produção cresceu apenas 1,17%. Com este crescimento, em 2010 a participação do município no valor da produção da mesorregião foi de 7,15%, número considerado importante diante da quantidade de municípios que existem nesta região. Mensurando os resultados exibidos na tabela acima, pode ser visto que a componente de crescimento estrutural foi positiva e explicou 121,59% do crescimento do valor da produção. No entanto a componente de crescimento total foi positiva graças à componente de crescimento global que cresceu 411,27%, visto que a componente regional apresentou-se negativa e teve peso maior que a componente estrutural.

Neste sentido, enfatiza-se a dependência do município em relação à taxa de crescimento da mesorregião, tendo em vista que esta foi de 25,30%.

Isoladamente falando, notou-se que a **cultura da banana** sofreu uma considerada redução da área plantada de 25,23% e também do valor da produção de 48,38% entre os anos analisados, levando o município a participar com apenas 1,05% do valor da produção desta cultura na

mesorregião. Referindo-se às componentes de crescimento do modelo aplicado, constatou-se que a componente de crescimento estrutural foi positiva explicando 47,41%, no entanto a componente de crescimento regional, que apresentou sinal negativo, teve maior peso, explicando -240,77%, mostrando que um não dinamismo entre os fatores locais influenciaram no crescimento negativo do valor da produção desta cultura.

A **cacaucultura**, uma das principais atividades agrícolas da mesorregião, diferente da cultura acima analisada, apresentou crescimento na área plantada de 4,35% e no valor da produção de 33,98% entre os anos estudados, mostrando, assim, que houve um ganho de produtividade, posto seu crescimento em ganho real maior que o crescimento da área plantada. Esta cultura apresentou no município de Prado um não dinamismo tanto em termos estruturais quanto em locais ostentando, assim, o crescimento negativo das componentes de crescimento estrutural e regional, que explicaram respectivamente, -20,83% e -17,79%, permitindo concluir que este município tem uma grande dependência da taxa de crescimento da mesorregião para desenvolver esta cultura.

A principal cultura do município é a **do café**, que demonstrou um crescimento de 64,44% da área destinada ao plantio e 179,46% do valor da produção entre os anos de 2001 e 2010. Com isso, Prado representou neste último ano 37,39% no valor da produção de café da mesorregião, sendo assim o município de maior representação entre os maiores produtores da mesorregião. Nesta cultura, houve um dinamismo explicado pelos elementos de natureza local, que determinaram uma explicação de 107,17% do crescimento do valor da produção. A componente de crescimento estrutural foi negativa, contudo, com peso de menor expressão que a regional.

As **culturas do maracujá e do mamão** apresentaram movimentos diferentes, posto que enquanto a primeira apresentou crescimento nas duas variáveis analisadas, a outra apresentou redução. A cultura do maracujá demonstrou aumento de 445,45% da área de plantio e o valor da produção cresceu 400,07%, levando assim o município a representar com 24,26% o valor da produção nesta mesorregião. Já a cultura do mamão exibiu retração de 66,67% da área plantada e 29,64% do valor da produção, fazendo com que sua participação no VP da mesorregião fosse de 10%. Analisando as componentes de crescimento do modelo, a cultura do maracujá apresentou dinamismo em todas as fontes de crescimento do seu valor da produção, sendo que a componente de maior representação foi a de crescimento regional, do

outro lado, na cultura do mamão, a componente de crescimento estrutural que foi positiva, explicando 1101,77%.

Ilhéus

O município de Ilhéus é um dos principais produtores de cacau da Bahia, chegando a ser denominada como a “capital do cacau”. Está inserido na zona fisiográfica denominada Região Cacaueira da Bahia e Região Economia Litoral Sul do Estado da Bahia, possui uma área de 1.760,111 km² e uma população de 184.236 habitantes (IBGE-2010). O IDH municipal é 0,703, a 22ª posição no estado, e o PIB per capita é R\$ 8.782,21 e 79% da população alfabetizada.

Os resultados das principais culturas pesquisadas na mesorregião mostram que em Ilhéus, analisando conjuntamente as culturas, houve um significativo aumento de 102,83% do valor da produção entre os anos da pesquisa, apesar da diminuição verificada na área plantada, - 17,50%, levando o município a participar com 3,80% do valor da produção da mesorregião. Observando as componentes de crescimento, notou-se que a de crescimento regional explicou 71,81%, sendo a de maior peso, o que permite ser deduzido que especificações de natureza local favoreceram o crescimento desta cultura no município. Além da influência da taxa de crescimento da mesorregião que também foi positiva.

A **cultura da banana** apresentou um grandioso crescimento de 207,59% na área de plantio e de 885,08% no valor da produção entre o período observado. Com esse crescimento, o município participou com 1,74% do valor da produção desta cultura na mesorregião em 2010. Nesta cultura, a componente de crescimento regional foi a de maior influência explicando 112,60% da CCT.

A **cacaucultura**, cultura de maior representação do município da mesorregião, participou em 2010 com 9,13% do valor total da produção desta cultura na região, evidenciando assim, a importância do município no desenvolvimento desta atividade econômica. O seu crescimento no período do estudo foi de 91,62% do valor da produção municipal em 2010, mesmo com a redução de 18,36% da área destinada ao seu plantio, podendo ser deduzido que ganho de produtividade ou valorização desta *commodity* impulsionaram o crescimento do VP. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento do valor da produção para o município de Ilhéus revelam que a componente de crescimento regional explicou 64,91% do crescimento

do valor da produção, sendo a componente de maior peso. A componente de crescimento estrutural foi positiva, porém com menor poder de explicação, com 1,75%.

Outra importante cultura desenvolvida na mesorregião Sul Baiano é a **cafeicultura** que, apesar de não ser uma cultura fortalecida em Ilhéus, contribui para o crescimento do setor agrícola do município. O período de 2001 a 2010 demonstrou um crescimento de 150% da área plantada e de 288,69% do valor da produção, tornando o município de Ilhéus com 0,55% do valor da produção do café na mesorregião. Assim como na cacauicultura, na cafeicultura também todas as componentes de crescimento foram positivas e a componente de crescimento regional foi a de maior poder explicativo do crescimento do valor da produção, 67,87%.

Duas outras culturas foram também analisadas neste município, **o maracujá e o mamão**, que representaram respectivamente 1,58% e 0,18% do valor da produção da mesorregião em 2010. Entre os anos analisados, a cultura do maracujá mostrou um crescimento de 400% da área plantada e de 750% do valor da produção, relatando o interesse por parte do município em desenvolver a cultura. Da mesma forma, a cultura do mamoeiro também apresentou crescimento dessas variáveis, posto que cresceu 80% de sua área plantada e 17,69% do valor da produção. Em ambas as culturas, as componentes de crescimento foram positivas, sendo a componente de crescimento regional a de maior peso, explicando 58,20% do crescimento do valor da produção do maracujá e 47,38% do valor da produção da cultura do mamão.

Itamaraju

Itamaraju se localiza no Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia. A área territorial do município é de 2.369,91 km², estando a 740 km da capital do estado. Segundo dados do IBGE (2010), a população de Itamaraju é de 63.069 habitantes. Com PIB per capita de R\$ 7.506,36, Itamaraju ocupa a 107ª posição do estado no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (0,650), e apresenta índice de alfabetismo de 72%. Entre suas principais culturas, destaca-se a produção de cacau e café, além da forte pecuária bovina que agrega valor ao município.

Analisando o conjunto das culturas analisadas, verificou-se que houve um crescimento de 70% do valor da produção, enquanto a área destinada ao seu plantio manteve-se praticamente estagnada, com um pequeno aumento de apenas 0,21%. A participação do município no VP da mesorregião foi de 6,14% em 2010, demonstrando assim a importância do município. Os resultados exibidos na tabela acima mostraram, para o agregado das

culturas, que as ocorrências decorridas de questões locais influenciaram decisivamente no crescimento do valor da produção, posto que a componente de crescimento regional explicou 74,02%.

A **cultura da banana** apresentou decréscimo nas duas variáveis que estão sendo analisadas aqui. A área plantada reduziu 43,03% e o valor da produção diminuiu 54,85%, levando esta cultura a participar com 2,12% do valor da produção da mesorregião em 2010. As componentes de crescimento, global e estrutural, foram positivas, contudo com o poder explicativo menor que a componente de crescimento regional que foi negativa e explicou -216,76% do crescimento do valor da produção conferindo, dessa forma, um não dinamismo desta cultura no contexto local.

Com uma participação de 3,86% no valor da produção da mesorregião, o município de Itamaraju tem a **cacaucultura** como uma atividade econômica importante, apesar da redução de 17,54% da área desta cultura e de 5,81% do valor da produção entre os anos examinados. Esta cultura sofreu um não dinamismo tanto nos aspectos locais quanto nos fatores estruturais, visto que a única componente positiva foi a de crescimento global.

A **cafeicultura** se mostrou a principal cultura do município, representando sozinho 30,38% do valor da produção na mesorregião em 2010. Dois fatores que contribuíram com esse número, foi o crescimento da área plantada, 94,84%, e do valor da produção desta cultura, 226,92%, no período analisado. Verificou-se nesta cultura uma pequena participação e/ou pouca incorporação de novas técnicas. Porém, de outro lado, observaram-se também mudanças locais que favoreceram o crescimento do valor da produção, uma vez que a componente de crescimento regional apresentou sinal positivo, explicando 76,65% do crescimento.

A **cultura do maracujá** também se mostrou ser crescente no município, dado que esta apresentou crescimento de 7,14% da área de plantio e também cresceu em 41,34% seu valor de produção no período destinado à análise. Com isso, o município representou 3,37% do valor da produção do maracujá da mesorregião no ano de 2010. Para esta atividade, as componentes de crescimento estrutural e regional apresentaram-se negativas, explicando respectivamente, -81,55% e -39,43%, deixando claro o não dinamismo dos fatores técnicos e locais na formação do valor da produção no município, o que afetou no valor negativo da CCT.

Outra cultura em expansão no município de Itamaraju é a **do mamoeiro**, que apresentou crescimento de 27,57% da área plantada, ao tempo em que o crescimento do valor da produção foi de 229,54% no mesmo período. Isso levou o município a representar 5,94% do VP do mamão na mesorregião, uma participação importante considerado que a mesorregião é composta por setenta municípios e a produção do mamão é vista em quase todos deles. Esta cultura demonstrou um não dinamismo nos aspectos estruturais, uma vez que a componente estrutural se apresentou negativa. A componente de crescimento regional por sua vez, explicou 111,34% do crescimento do valor da produção, deduzindo que a mudanças que mais afetaram positivamente esta cultura foram de caráter local.

Presidente Tancredo Neves

O município de Presidente Tancredo Neves está situado na região de Valença, no território de Identidade do Baixo Sul da Bahia. Segundo dados do IBGE-2010, e possui uma área de 417,2 km², e uma população de 23.846 habitantes, fazendo limites com Mutuípe, Valença e Teolândia.

A análise do conjunto das principais culturas da mesorregião afere que houve uma expansão tanto da área plantada, 13,62%, quanto do valor da produção destas culturas, 90,08%, entre os 10 anos verificados. Com isso o município de Presidente Tancredo Neves participou com 1,15% do valor da produção da mesorregião em 2010. Na decomposição das taxas de crescimento, observou-se que apenas a componente estrutural apresentou sinal negativo, porém com peso menor que as demais. A componente de crescimento regional foi a componente de maior peso e explicou 76,50% componente total neste município.

Ao explorar os resultados das culturas individualmente, comprovou-se na **cultura da banana** um expressivo aumento de 99,71% da área destinada ao seu plantio e um aumento também de 75,87% do VP desta cultura no município, levando este a participar com 3,66% do valor da produção desta cultura na mesorregião em 2010. Observando as componentes de crescimento, nota-se que a componente de crescimento regional explicou 81,60% da CCT, ou seja, mudanças de natureza local favoreceram esta cultura.

A **cacaucultura**, por sua vez, neste município, apresentou um crescimento de 91,41% do valor da produção, enquanto a área plantada reduziu 5,07%, fazendo com que o município participasse com 1,14% do valor da produção desta cultura no município em 2010. O dinamismo da cultura foi explicado pelas componentes estrutural e regional que acusaram

valores positivos de 1,73% e 64,84%, respectivamente. Verifica-se que, além de ter havido uma mudança na estrutura setorial do município no sentido de especialização em setores mais dinâmicos, foi também favorecido pelas razões de natureza local.

Outra importante cultura desenvolvida no município de Tancredo Neves é a **cafeicultura**, que apresentou crescimento de 40,78% da área de plantio e de 7,73% no valor da produção municipal entre o período analisado. Os resultados das componentes de crescimento mostraram um não dinamismo, tanto em termos locais quanto estruturais nesta cultura no município de Presidente Tancredo Neves, posto que as componentes de crescimento, estrutural e regional, foram ambas negativas, influenciando -72,36% e -45,61%, respectivamente. Apenas a componente de crescimento global foi positiva, porém de pequeno peso.

Entre as culturas analisadas, a **do maracujá** foi a que mais representou o município diante da mesorregião, uma vez que sua participação no valor da produção mesorregional foi de 8,35%. Entre os fatores que contribuíram para esse número, estão o aumento de 171,93% da área destinada ao plantio do maracujá e o também incremento de 369,20% do valor da produção do maracujá no município entre os anos pesquisados. Com isso, notou-se que todas as componentes do modelo *shift-share* que explicam o crescimento do valor da produção mostraram-se positivas, indicando que aperfeiçoamentos técnicos, mudanças de natureza local e o crescimento desta cultura na mesorregião contribuíram para o resultado positivo. A componente de crescimento regional foi a de maior peso, explicando 64,07%.

Por fim, foi analisada também a **cultura do mamão** em Presidente Tancredo Neves, onde se confirmou que houve crescimento de área de plantio e do valor da produção, no primeiro caso o crescimento foi de 233,33% e o valor da produção cresceu 61,44%, entre 2001 e 2010. A componente de crescimento regional mostrou que fatores de natureza local que são exógenos à cultura do mamão fortaleceram seu crescimento, pois esta componente explicou 84,67% do crescimento do valor da produção.

Wenceslau Guimarães

Wenceslau Guimarães é um município baiano que tem uma população de 22.189 habitantes em uma área de 674,029 km² (IBGE – 2010). O município de Wenceslau Guimarães, localizado no Território de Identidade Baixo Sul, localizado a 290 km de Salvador.

Analisando agregadamente as culturas pesquisadas no município, verificou-se que o aumento da área de plantio total foi de 7,86%, enquanto o valor da produção cresceu 15,15% entre o período da análise, levando o município a representar 5,75% do valor da produção da mesorregião em 2010. Nesta mesma análise, observou-se que todas as componentes de crescimento do modelo foram positivas, identificando assim que vários foram os fatores que contribuíram para o crescimento do valor da produção.

O estado da Bahia em 2010 foi o segundo maior produtor nacional de **bananas**, ficando atrás apenas do estado de São Paulo, respondendo por 16,17% da produção nacional. O município que obteve o maior valor de produção de bananas foi Wenceslau Guimarães (BA) com 111 mil toneladas de cachos, representando 11,76% do valor da produção do estado da Bahia. Na mesorregião, este município representou 26,19% do VP em 2010 e mostrou que, mesmo com a redução de 6,98% da área plantada entre os anos do estudo, houve um incremento de 8,35% do valor da produção. Além da componente de crescimento global, que se mostrou positiva em todas as culturas e para todos os municípios, as componentes de crescimento estrutural e regional, também foram positivas e explicaram 12,12% e 2,47%, respectivamente.

A **cacaucultura** também foi relevante no município, tendo em vista que sua participação no valor da produção da mesorregião, após o crescimento de 13,5% da área plantada e de 32,15% do valor da produção, foi de 4,09%, percentual considerado alto para a quantidade de municípios que estão inseridos nesta mesorregião. Neste caso, apesar do crescimento positivo, verificou-se que houve um não dinamismo dos aspectos de natureza técnicos e de natureza local, posto que a componente de crescimento estrutural explicou -24,12% e a componente regional explicou -29,86% o crescimento do VP do cacau em Wenceslau Guimarães.

Assim como na cultura do cacau, a **cafeicultura** também apresentou crescimento na área plantada e no valor da produção. No primeiro caso, o aumento foi estritamente significativo, 376,47% e na variável valor da produção também, 204,04%. Com isso, a componente de crescimento que mostrou ser a de maior peso, contribuindo para um resultado positivo, foi a de crescimento regional, que explicou 84,65% da componente total neste município.

A **cultura do maracujá** foi a segunda cultura mais representativa no município de Wenceslau Guimarães, posto que representou 4,70% do valor da produção na mesorregião. Isso aconteceu após um aumento de 12% da área destinada ao cultivo do maracujá,

umentando também o valor da produção desta cultura entre os anos estudados, 35,10%. Ao averiguar os resultados obtidos na tabela 6, nota-se que esta cultura foi pressionada por um não dinamismo, tanto do lado do desenvolvimento técnico quanto do lado das questões de natureza local, dado que, com exceção da componente global, as demais apresentaram sinal negativo.

A cultura do mamoeiro também mostrou que cresceu de forma bastante significativa, pois a área plantada apresentou crescimento de 358,33% e o valor da produção cresceu 41,374%, no período analisado. A componente de crescimento regional foi a de maior peso, 117,41%, evidenciando que houve um dinamismo de natureza local e exógena à cultura do mamão, que contribui positivamente para o seu desenvolvimento.

Eunápolis

Este município, que está localizado às margens da BR 101, tem uma população de 100.246 habitantes e uma extensão territorial de 1.179,126 km², (IBGE – 2010), sendo o 16^a município mais populoso do estado da Bahia. O Município de Eunápolis está estrategicamente localizado em uma das regiões com melhores condições de desenvolvimento socioeconômico do Estado, além de ser polo econômico do extremo sul da Bahia. Fica a 60 km de Porto Seguro - um dos maiores polos turístico do Brasil.

Apesar de ser uns dos grandes municípios da mesorregião, Eunápolis apresentou redução de 46,46% da área plantada e de 27,26% do valor da produção no período estudado, quando considerada a soma das cinco principais culturas. Com isso, no agregado, sua participação no valor da produção da mesorregião em 2010 foi de apenas, 1,72%. Tanto no agregado quanto em quase todas as culturas individualmente falando, a componente de crescimento global foi a única positiva.

As culturas da banana e do cacau tiveram comportamento bastante parecido no período estudado, visto que ambas representaram apenas 0,26% do valor da produção da mesorregião em 2010 e também apresentaram redução da área de plantio e do valor da produção. No caso da banana, a redução foi de 62,07% da área plantada e de 49,11% do valor da produção, já analisando a cacauicultura no município, notou-se uma redução de 47,46% da área plantada e 50,16% do VP da região. Na cultura da banana, a componente de crescimento estrutural foi positiva, porém com peso menor que a componente regional que explicou -237,50% a composição da componente de crescimento total em Eunápolis. Já na

cultura do cacau houve não dinamismo nos aspectos estruturais e locais, pois ambas as componentes forma negativas, atribuindo assim, um valor negativo da CCT.

A **cafeicultura** representou um pouco a mais neste município, 1,73% do valor da produção da mesorregião em 2010. O município mostrou que mesmo havendo um aumento de 27,78% da área destinada ao plantio dessa atividade, o valor da produção da mesma reduziu 33,53%. Apenas a componente de crescimento global foi positiva, porém de peso menor que as demais que influenciaram negativamente.

A **cultura do maracujá** mostrou ser a de maior representação do município de Eunápolis, posto que sua participação no VP da mesorregião foi de 6,15%, número que pode ter sido contribuído pelo aumento de 75% da área desta cultura e de 47,45% do valor da produção. Apesar disso, houve para esta cultura em Eunápolis um não dinamismo das questões de natureza técnica e de natureza local, pois as componentes de crescimento apresentaram sinal negativo.

Por último, observa-se que mesmo com uma redução de 80,71% da área plantada e de 25,49% do valor da produção, **a cultura do mamão** representou 3,55% do VP da mesorregião. O dinamismo na sua produtividade estrutural foi devido à componente de crescimento estrutural que explicou 216,19% do crescimento. Deduz-se que por razões de natureza técnicas esta cultura foi favorecida.

4.1.7 Mesorregião 7 - Metropolitana de Salvador

A última mesorregião analisada é a Metropolitana de Salvador, que é formada pela união de 38 municípios, agrupados em três microrregiões. A população nela em 2007 era de 4.332.393 (IBGE, 2007) e a extensão territorial é de 11.282,70 km² (IBGE, 2010).

Essa região possui o maior PIB per capita do estado, o dobro da média estadual. Para analisar a configuração da agricultura na Mesorregião de Salvador, foram escolhidos os principais produtos em termo de VP em 2010 e os principais municípios produtores destas culturas. Nesse contexto, observamos como as principais culturas: o fumo, a laranja, o feijão, a mandioca, e o limão. E os principais municípios cultivares dessas culturas com suas respectivas participações no valor da produção da mesorregião foram: Cruz das Almas, 19,33%; Cabaceiras do Paraguaçu, 7,18%; Sapeaçu, 16,27%; Governador Mangabeira,

10,47%; Muritiba, 8,07%; e Cachoeira, 2,92%; como serão vistos isoladamente abaixo. Na análise das tabelas, verificou-se que em todos os casos a CCG apresentou-se positiva, relatando o crescimento da cultura e/ou município impulsionado pelo crescimento da mesorregião.

Quadro 7 - Participação do VP de cada produto na mesorregião, taxa de crescimento do VP, Variação da Área Plantada e Resultados da Decomposição da Taxa de Crescimento do Valor da Produção (2001-2010), na Mesorregião Metropolitana de Salvador.

	CULTURAS AGRÍCOLAS ANALISADAS	Participação do VP do município no VP da Mesorregião em 2010 (%)	Taxa de crescimento do VP no período 2001/2010	Variação da área plantada entre 2001 e 2010 (%)	(%) DAS COMPONENTES			CCT
					CCG	CCEM	CCRR	
CRUZ DAS ALMAS	Fumo	27,75	42,01	-30,51	138,49	-5,72	-32,76	2.041
	Laranja	27,70	38,24	5,80	161,67	-9,03	-52,63	3.808
	Mandioca	6,47	17,55	-33,30	72,34	15,44	12,22	1.937
	Feijão	5,30	70,97	223,29	(-63,15)	(117,61)	(45,54)	-138
	Limão	15,15	435,31	133,33	(-4,92)	(110,98)	(6,06)	-1.622
	TOTAL	19,33	39,77	-11,84	175,08	-35,24	-39,84	6.027
CABACEIRAS DO PARAGUAÇU	Fumo	15,73	46,21	-18,27	124,25	-4,90	-19,35	1.252
	Laranja	3,17	61,67	-18,89	92,65	-3,96	11,31	650
	Mandioca	4,23	0,42	10,82	95,65	31,89	-27,54	1.123
	Feijão	29,96	254,89	52,72	49,17	-32,50	83,33	482
	Limão	10,82	9.586,62	809,09	0,63	53,64	45,73	503
	TOTAL	7,18	57,64	9,73	86,59	9,57	3,84	4.011
SAPEAÇU	Fumo	30,37	56,26	-23,81	99,76	-3,50	3,73	2.818
	Laranja	21,86	22,04	-6,59	333,25	-21,65	-211,61	1.651
	Mandioca	3,77	-34,05	-63,34	272,02	156,42	-328,44	536
	Feijão	4,22	79,13	165,18	(70,26)	127,12	43,14	-94
	Limão	8,01	465,90	146,67	(-5,07)	(112,53)	(-7,46)	-787
	TOTAL	16,27	25,68	-29,28	239,52	-15,11	-124,40	4.124
GOV. MANGABEIRA	Fumo	18,50	135,59	31,58	39,02	0,00	60,97	2.911
	Laranja	9,56	209,06	54,93	25,14	1,01	73,86	3.780
	Mandioca	7,18	7,63	16,67	84,22	23,82	-8,05	2.019
	Feijão	16,05	211,31	43,48	85,01	-80,39	95,38	170
	Limão	3,25	8.617,96	500,00	0,71	52,77	46,52	148
	TOTAL	10,47	103,05	33,65	43,56	5,10	51,34	9.028
MURITIBA	Fumo	4,99	5,23	-41,30	(-87,13)	(5,01)	(82,21)	-1
	Laranja	10,83	192,30	46,59	27,41	0,84	71,75	4.152
	Mandioca	3,35	-18,55	-5,41	148,71	69,36	-118,07	705
	Feijão	8,74	271,32	57,14	42,43	-23,49	81,06	156
	Limão	35,71	95.797,51	6.500,00	0,05	59,56	40,38	1.948
	TOTAL	8,07	109,33	26,98	42,25	23,10	34,65	6.960
CH OE IR	Fumo	0,02	-19,28	-50,00	(-206,94)	(14,16)	(292,78)	-2

Laranja	1,13	187,65	44,44	28,11	0,79	71,10	429
Mandioca	6,62	10,12	11,11	80,89	21,47	-2,35	1.892
Feijão	6,10	226,44	39,39	67,84	-57,45	89,61	77
Limão	0,65	481,20	-40,00	(-5,15)	(113,34)	(-8,20)	-61
TOTAL	2,92	30,11	16,33	73,19	12,65	14,15	2.336
TOTAL MESORREGIÃO	100,00	50,85	3,06	100,00	-	-	32.486

FONTE: Anexo I; IBGE, PAM 2001 e 2010.

Nota: Os percentuais positivos entre parênteses são componentes negativas divididas por um valor negativo da CCT: quanto maior o percentual menor o dinamismo da produção agrícola. Os percentuais negativos entre parênteses correspondem a componentes positivas divididas por um valor negativo da CCT. Quanto maior o percentual, maior o dinamismo da produção agrícola.

Cruz das Almas

Com uma população de 58,606 habitantes e uma área de 145,742 km² (IBGE – 2010), o município de Cruz das Almas fica localizado a 146 km de Salvador, inserindo-se na região do Recôncavo Baiano. O município é sede do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, e destaca-se na produção de fumo, laranja, limão e mandioca.

Para efeito de análise da atual situação das culturas do município, foi empregado, assim como nos demais municípios, o modelo *shift-share* para averiguar as formas de crescimento de cada cultura. Dessa forma, analisando agregadamente as principais culturas da mesorregião, que coincidentemente também são as principais culturas do município de Cruz das Almas, verificou-se um crescimento de 39,77% do VP agregado ao município entre os anos estudados, mesmo tendo ocorrido uma redução da área plantada. Com isso, Cruz das Almas representou 19,33% do valor da produção da mesorregião em 2010, uma participação considerada de grande importância. As componentes de crescimento, regional e estrutural, foram negativas, mostrando um não dinamismo nas mudanças técnicas e locais.

A **cultura do fumo** em Cruz das Almas perdeu 30,51% da área plantada entre os anos de 2001 e 2010, mesmo assim, o município apresentou um crescimento de 42,01% do valor da produção nesse mesmo período comprovando, assim, que houve um ganho de produtividade. Isso contribui para a participação do município em 27,75% do valor da produção da mesorregião em 2010. Observando as componentes de crescimento na tabela 7, conclui-se que houve um não dinamismo em técnicas de modernização e nos aspectos locais que influenciariam a cultura do fumo, visto que as componentes de crescimento estrutural e regional foram negativas explicando, respectivamente, -5,72% e -32,76%.

Outra atividade de grande potencial em Cruz das Almas é a **da cultura da laranja**, que apresentou crescimento de 5,80% da área de plantio e cresceu também 38,24% do VP entre os anos analisados, levando o município a representar 27,70% do valor da produção da laranja da Mesorregião em 2010. Assim como na cultura do fumo, na da laranja também houve não dinamismo dos fatores técnicos e locais, visto que a componente estrutural explicou -9,03% e a componente de crescimento regional explicou -52,63% da componente total da laranja em Cruz das Almas.

A **mandiocultura** é uma cultura de grande potencial na região, mostrando ser representativa em muitos municípios. Em Cruz das Almas, verificou-se que esta cultura apresentou um crescimento de 17,55% do valor da produção, mesmo com a redução de 33,30% da área plantada no período analisado. Importante destacar aqui que é neste município que se encontra a EMBRAPA Mandioca e Fruticultura (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Os resultados da aplicação do modelo mostraram que todas as componentes de crescimento foram positivas, deduzindo que questões de natureza estruturais, locais e regionais favoreceram o crescimento desta cultura.

A **cultura do feijão** também se apresentou com força no município, apesar de ser menos representativo que as demais. O seu crescimento foi de 223,29% da área de plantio e de 70,97% do valor da produção, evidenciando que houve uma perda de produtividade ou uma diminuição de valorização desta cultura, levando o município a representar 5,30% do VP do feijão na mesorregião. O peso negativo das componentes, estrutural e regional, foram superiores ao resultado positivo da componente global, deduzindo o não dinamismo nos aspectos locais e técnicos que formulam essas componentes.

A última cultura analisada no município foi a **do limão**, que representou 15,15% do VP da mesorregião em 2010. Entre outros fatores, o crescimento de 133,33% da área plantada e de 435,31% do valor da produção, contribuiu para esse resultado. As componentes de crescimento, estrutural e regional, mostraram-se negativas e explicaram -110,98% e -6,06%, respectivamente. Nessa cultura apenas a componente regional apresentou sinal positivo, explicando 4,92% do crescimento.

Cabaceiras do Paraguaçu

De acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o município de Cabaceiras do Paraguaçu situa-se na região econômica do Recôncavo Sul, uma

das regiões mais importantes do Estado da Bahia, sendo composta por 33 municípios, com uma área total de 226,015 km² e uma população de 17.327 habitantes (IBGE, 2010). Conforme a recente divisão territorial do estado, o município pertence ao Território de Identidade Recôncavo. Esta área é polarizada por Santo Antônio de Jesus-BA e por Santo Amaro da Purificação - BA, que detém os maiores contingentes populacionais.

Fazendo parte da região administrativa de Santo Antônio de Jesus e da região de planejamento do Paraguaçu, Cabaceiras do Paraguaçu encontra-se a 160 km da capital do Estado da Bahia, seu acesso é feito através das BR 116 pelo município de Santo Estêvão através da balsa no rio Paraguaçu e pela BR 101 pelo município de Governador Mangabeira por meio da BA 491.

Com uma participação de 7,18% no valor da produção da mesorregião, quando considerada a análise agregada das cinco principais culturas, o município de Cabaceiras do Paraguaçu apresentou crescimento de 9,73% da área destinada à plantação dessas culturas, crescendo 57,64% do valor da produção entre os anos analisados. Os resultados das componentes de crescimento para o agregado das culturas evidenciou que todas as componentes foram positivas, evidenciando que elementos de caráter estrutural e local foram impulsionadores do crescimento do valor da produção.

A cultura do fumo no município de Cabaceiras do Paraguaçu, apesar de estar em um processo de decadência, ainda é uma das principais atividades econômicas da população rural. Em 2010 sua representação no VP da mesorregião foi de 15,73%, após ter sofrido uma redução de 18,27% da área plantada e um aumento de 46,21% do seu valor da produção, entre 2001 a 2010. Os resultados obtidos revelam um não dinamismo nos aspectos de natureza estrutural e endógenos do município, uma vez que as correspondentes componentes de crescimento foram negativas.

A citricultura, como já vimos, é importante na mesorregião principalmente com **a laranja** que, no município de Cabaceiras do Paraguaçu, apresentou um significativo crescimento de 61,67% no período estudado, mesmo apresentando uma redução de 18,89% da área de plantio. A componente de crescimento regional positiva e explicou 11,31%, enquanto a componente estrutural teve peso negativo e explicou -3,96%.

A mandiocultura representou 4,23% do VP desta cultura na mesorregião em 2010, isso após um crescimento de 10,85% da área plantada e de 0,42% do valor da produção no período

analisado. O dinamismo dos aspectos estruturais foi devido à componente estrutural que explicou 31,89% do crescimento. Deduz-se que por razões de natureza técnicas esta cultura foi favorecida.

A cultura mais representativa do município foi o **feijão**, que em 2010 representou 29,96% do VP da mesorregião, um número bastante expressivo, quando considerado que praticamente todos os municípios da mesorregião desenvolvem esta cultura. A componente de crescimento regional foi a de maior peso explicando 83,33% do crescimento do valor da produção do feijão no município, revelando que aspectos de natureza local e exógeno a esta cultura favoreceram o seu crescimento.

Por fim, foi inserida também ao modelo **a cultura do limão**, que no município de Cabaceiras do Paraguaçu representou 10,82% do VP da mesorregião em 2010. Essa representação tão significativa ocorreu, entre outros fatores, devido ao grande crescimento apresentado na área destinada ao plantio da cultura e do valor da produção no período analisado. O crescimento da área foi de 809,09% e do valor da produção no município foi de 9586,62%, um crescimento de grande significância. Os resultados obtidos com o modelo *shift-share* revelaram que todas as componentes de crescimento foram positivas, com destaque para a componente estrutural que explicou 53,64% da componente total.

Sapeaçu

O município de Sapeaçu localiza-se na região do Recôncavo Sul, distante 155 km da capital do estado. Em 2010, dados do IBGE, sua população era de 16.585 habitantes em uma extensão territorial de 117,209 km².

Também mostrou sua importância na mesorregião, visto que quando foi feita a análise das culturas em um agregado, sua representação no VP da mesorregião foi de 16,27% em 2010. Diante dos resultados, isso pode ter sido influenciado pelo aumento de produtividade, posto que a área de plantio dessas culturas reduziu 29,28% enquanto o valor da produção no município incrementou 25,68% no período estudado. O resultado positivo se deu pela componente global que explicou positivamente 239,52% da componente total, enquanto as demais componentes foram negativas, no entanto com peso menor que a primeira.

Observando individualmente as principais culturas do município, verificou-se que **a cultura do fumo** em Sapeaçu representou 30,37% do VP da mesorregião em 2010. Nesse ano, este município foi o maior produtor deste segmento da agricultura no estado da Bahia. Houve na

verdade um aumento de produtividade uma vez que, mesmo com a redução de 23,81% da área plantada, ocorreu um incremento de 56,26% do valor da produção entre 2001 e 2010. A componente de crescimento regional foi positiva, porém com peso pequeno, 3,73%. A componente global que apresentou o maior peso, explicando 99,76% do crescimento do valor da produção.

A cultura da laranja, que também se mostrou uma grande potencialidade na mesorregião, foi a segunda mais importante do município, visto que representou 21,86% do VP da laranja na mesorregião em 2010. Entre os anos pesquisados ocorreu uma pequena redução da área de plantio de 6,59%, no entanto verificou-se um incremento de 22,04% do valor da produção neste mesmo período, revelando o aumento de produtividade desta cultura no município. Os resultados da decomposição da taxa de crescimento relataram a influência negativa das componentes, regional e estrutural, na mensuração do crescimento do valor da produção..

A mandiocultura apresentou-se em um processo decrescente entre os anos pesquisados, posto que foi averiguada um redução de 63,34% da área plantada, reduzindo também o valor da produção em 34,05%. Com isso, Sapeçu representou apenas 3,77% do VP da mandioca na mesorregião em 2010. A componente estrutural explicou 156,42% da composição do crescimento total da produção. De outro lado, a componente regional refletiu negativamente este crescimento.

Ao contrário da mandiocultura, **a cultura do feijão** apresentou crescimento no período analisado, onde localizou incremento de 165,18% da área destinada ao plantio e 79,13% do valor da produção, levando o município a representar 4,22% do VP do feijão na mesorregião em 2010. Nos resultados do shift-share, vimos que as componentes estrutural e regional foram negativas, evidenciando um não dinamismo nos aspectos que envolvem o impulso para o crescimento em termos estruturais e locais.

Outra cultura que se apresentou com potencialidade no município foi **a do limão** que, enquanto cresceu 146,67% da área de plantio, cresceu também em 465,90% o valor da produção municipal, fazendo com o município representasse 8,01% do VP do limão na mesorregião em 2010. Em relação às componentes de crescimento do modelo, notou-se o não dinamismo dos fatores estruturais, devido ao peso negativo da componente estrutural que explicou -112,53%. A componente regional foi positiva, porém com peso inferior, 7,46%.

Governador Mangabeira

O município de Governador Mangabeira localiza-se na mesorregião metropolitana de Salvador, microrregião Santo Antônio de Jesus, a 132 quilômetros da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. Ocupa área territorial de 106.317 km², com uma população total de 19.818 habitantes (IBGE – 2010).

Na análise agregada das culturas envolvidas neste estudo, notou-se que houve uma evolução nestas, dado que a área destinada ao plantio delas cresceu 33,65% entre os anos de 2001 e 2010, o que, conseqüentemente, contribuiu para o crescimento de 103,05% do valor da produção neste mesmo período, levando o município a representar 10,47% do VP da mesorregião. As componentes de crescimento do modelo apresentaram-se todas positivas, sendo a componente regional a de maior peso, explicando 51,34% da componente total das cinco culturas analisadas no município.

A cultura mais representante para o município foi a do fumo, que representou 18,50% do valor da produção da mesorregião em 2010. Esse número pode ser explicado pelo aumento de 31,58% da área plantada com fumo no município, o que acarretou um também crescimento de 135,59% do VP desta cultura no período estudado. A componente de crescimento estrutural se mostrou nula, enquanto as demais foram positivas, com destaque para a componente regional que explicou 60,97% da CCT.

A cultura da laranja também apresentou crescimento nas variáveis analisadas. o crescimento da área plantada foi de 54,93%, e o valor da produção cresceu 209,06% nos anos da pesquisa, elevando a participação do município para 9,56% do VP da laranja na mesorregião. Neste grupo se observa uma posição dinâmica apoiada em fatores de natureza local, dado que a sua componente regional contribuiu com 73,86%, de natureza global, visto que a componente global explicou 25,14%. A componente estrutural também foi positiva, no entanto com representação de pouco valor significativo.

A mandiocultura também apresentou crescimento entre os anos estudados, aumentando em 16,67% sua área plantada e em 7,63% o valor da sua produção, o que elevou a participação do município no VP da mandioca na mesorregião para 7,18%. O resultado da componente estrutural mostrou que as mudanças de caráter estruturais ocorridas favoreceram o crescimento desta cultura, visto que esta componente explicou 23,82% da componente total da mandioca em Governador Mangabeira. A componente regional foi negativa no período.

A cultura do feijão foi a segunda mais representativa na mesorregião, dado que representou 16,05% do VP do feijão na mesorregião em 2010. Isso ocorreu após um acréscimo de 43,48% da área plantada e de 211,31% do valor da produção entre os anos estudados. Os resultados da decomposição das taxas de crescimento mostraram que a componente regional explicou 95,38% do crescimento do valor da produção, revelando que mudanças de caráter local influenciaram positivamente o crescimento desta cultura. A componente estrutural apresentou sinal negativo, porém com peso menor que a componente regional.

A última cultura a ser analisada no município é a do limão, que apresentou um grande crescimento no período analisado. A área plantada cresceu 500% e o valor da produção obteve um crescimento de 8617,96%, o que levou o município a representar 3,25% do VP do limão da mesorregião em 2010. Como podem ser observados na tabela 7, os resultados da decomposição da taxa de crescimento mostraram que todas as componentes de crescimento foram positivas, revelando o dinamismo em todos os aspectos que envolvem o crescimento total. A componente estrutural explicou 52,77%, enquanto que a regional explicou 46,52% da componente total nesta cultura.

Muritiba

O município de Muritiba fica a 114 km de Salvador, possui uma população de 28.899 habitantes em 2010 em uma extensão territorial de 89,311 km². Tem como base econômica a agricultura, principalmente com a produção de mandioca, fumo, laranja e limão.

Analisando conjuntamente as principais culturas da mesorregião e do município de Muritiba, conclui-se que houve um crescimento de 26,98% da área destinada ao plantio e, conseqüentemente, o valor da produção cresceu 109,33%, tornando o município em um dos principais da mesorregião, quando o assunto é a agricultura, uma vez que sua participação no VP da mesorregião foi de 8,07%, quando analisadas as culturas agregadamente. Notou-se também que todas as componentes de crescimento apresentaram sinais positivos, o que significa que as mudanças de caráter estrutural e local favoreceram tal crescimento.

A cultura do fumo apresentou uma significativa redução da área plantada no período do estudo. Esta redução foi de 41,30%, porém, mesmo com essa redução, o valor da produção aumentou 5,23%, o que nos permite deduzir que um aumento de produtividade ou uma valorização desta cultura possa ter contribuído para isso. As componentes, regional e

estrutural foram negativas, o que deduz uma falta de dinamismo nos aspectos de natureza técnica e de natureza local.

A citricultura tem potencial fundamental no município de Muritiba, tanto com a laranja quanto com o limão. **Na cultura da laranja**, notou-se um crescimento relevante da área plantada, 46,59% e também do valor da produção, 192,30%, o que levou o município a representar 10,83% do VP da laranja na mesorregião em 2010. Da mesma forma, **a cultura do limão** apresentou um exorbitante crescimento de 6500% da área de plantio e de 95797,51% do valor da produção entre os anos estudados, levando o município sozinho a representar 30,71% do VP do limão na mesorregião em 2010. Destaca-se dessa forma, como o maior produtor da mesorregião. Em ambas as culturas todas as componentes de crescimento apresentaram-se positivas, sendo que na cultura da laranja destacou-se a componente regional que explicou 71,75%, já na cultura do limão o destaque foi para a componente estrutural que explicou 59,56%.

A mandiocultura se apresentou no município como uma cultura de decadência devido a sua redução de 5,41% da área plantada e de 18,55% do valor da produção, levando o município a representar 3,35% o VP da mesorregião. A componente estrutural explicou 69,36% do crescimento do valor da produção, e a componente regional foi negativa revelando, assim, dinamismo apenas nos fatores de natureza estrutural.

A última cultura analisada foi a **do feijão**, que em 2010 representou 8,74% do VP desta cultura na mesorregião. Entre outros fatores, destacam-se o crescimento de 57,14% da área plantada e de 271,32% do valor da produção entre os anos estudados, como influentes para a participação da cultura na mesorregião. A componente estrutural explicou 81,067% da componente total na cultura do feijão, indicando que este dinamismo foi favorecido principalmente por mudanças estruturais no período.

Cachoeira

O município de Cachoeira faz parte da microrregião de Santo Antônio de Jesus, ficando distante cerca de 120 km de Salvador. De acordo com o IBGE, no ano de 2010 sua população era estimada em 32.026 habitantes em uma área de 395,223 km². O apogeu da cidade foi durante os séculos XVIII e XIX, quando seu porto era utilizado para escoamento de grande parte da produção agrícola do Recôncavo Baiano, principalmente açúcar e fumo, produtos até hoje produzidos no município, em virtude do clima e solo propícios da região. No início do

século XX, porém, a economia da cidade entrou em declínio, somente se recuperando no final do século, quando novas empresas se instalaram na região.

O conjunto das culturas analisadas nos permite visualizar que o crescimento da área plantada agregada foi de 16,33% o que, conseqüentemente, contribuiu para o crescimento de 30,11% do valor da produção entre os anos estudados. Com isso, o município representou 2,92% do valor da produção agregado da mesorregião em 2010. As componentes de crescimento foram todas positivas, revelando a magnitude dos fatores de natureza local, estrutural e regional no crescimento do valor da produção destas culturas.

A cultura do fumo está passando por um momento de verdadeira decadência no município de Cachoeira, tendo em vista sua redução de 50% da área plantada e de 19,58% do valor da produção. O não dinamismo é verificado quando as componentes demonstram seus sinais negativos. A componente estrutural explicou -14,16% e a componente regional explicou -292,78%.

Apesar de ter apresentado um significativo aumento de 44,44% da área de plantio e de 187,65% do valor da produção entre os anos averiguados, o município participou com apenas 1,13% do valor da produção **da laranja** na mesorregião. Porém o dinamismo deste crescimento é verificado em todos os aspectos que contribuem para o crescimento, posto que todas as componentes de crescimento se mostraram positivas, com destaque para a componente regional que explicou 71,10% do crescimento do valor da produção da laranja.

A mandiocultura é a mais representativa do município frente à mesorregião, visto que sua representação no município 6,62% do valor da produção da mesorregião. A área de plantação cresceu 11,11% e o valor da produção da mandioca cresceu 10,12% entre os anos pesquisados. Nesta cultura, apenas a componente regional apresentou-se negativa, no entanto com peso quase zero. A componente estrutural por sua vez, explicou 21,47% do crescimento total.

A cultura do feijão foi a segunda que mais representou o município, visto que sua representação no valor da produção da mesorregião foi de 6,10% em 2010, após um crescimento 481,20% no valor da produção entre 2001 e 2010, mesmo com uma redução da área plantada no período. Nesta cultura, a componente de crescimento estrutural mostrou-se negativa e a componente regional explicou 89,61% da composição da componente total,

revelando que as mudanças de caráter local influenciaram positivamente o resultado positivo do crescimento desta cultura.

Por último, analisou-se **a cultura do limão** que, mesmo apresentando uma redução de 40% da área de plantio, foi notado que o valor da produção cresceu 481,20%. O poder negativo da componente estrutural foi maior que o peso positivo das demais componentes. Sendo assim, conclui-se que um não dinamismo de natureza estrutural impulsionou o não crescimento do valor da produção.

5 CONCLUSÕES

O propósito desta dissertação foi identificar as fontes de crescimento do valor da produção nas sete mesorregiões do estado da Bahia entre 2001 e 2010, tendo como análise as mais importantes culturas agrícolas de cada mesorregião com seus principais municípios que desenvolvem tais culturas. Para isso, o estudo teve como base a aplicação do modelo “*Shift and Share Analysis*” para cada uma dessas sete mesorregiões baianas, visando responder aos questionamentos que nortearam este trabalho. Neste contexto, utilizou-se a formulação do modelo apresentada por Stilwell (1969) quanto à mudança no cálculo do efeito proporcional, dado que, além de aplicar a variável base no início do período, também a emprega no final, ou seja, no ano corrente.

Os diagnósticos dos perfis de cada mesorregião permitiu identificar a composição da sua base agrícola, principalmente através do crescimento em termos de área plantada e quantidade produzida, possibilitando, assim, uma avaliação do atual formato da agricultura em cada uma dessas mesorregiões. Além disso, as componentes de crescimento do modelo *shift-share* deram indicativos de mudanças na sustentação da agricultura baiana sob a ótica das sete mesorregiões, evidenciando as alterações estruturais nos setores e municípios pesquisados e as influências de externalidades para o crescimento do valor da produção.

Como apresentado na introdução desta dissertação, três questões foram levantadas, as quais tiveram apoio do modelo *shift-share* aplicado às sete mesorregiões da Bahia para chegar às suas respectivas respostas. Neste sentido, os resultados da aplicação do modelo *shift-share* mostraram que algumas culturas e alguns municípios, além de serem influenciados pela taxa de crescimento da mesorregião, foram favorecidos por mudanças estruturais e/ou por questões endógenas ao município.

Em relação à primeira questão, que se trata da relevância da taxa de crescimento da mesorregião nos seus correspondentes municípios, enfatiza-se que essa representação foi positiva em todos os municípios e em todas as culturas. Isso revela que se a taxa de crescimento da mesorregião é positiva, há um favorecimento ao crescimento do valor da produção em todos os municípios que a compõem, sendo que com maior relevância em alguns que em outros. Neste sentido, mencionam-se casos em que os municípios foram fortemente influenciados pelo crescimento da mesorregião, mostrando uma relevância da taxa de crescimento destas na componente global dos municípios.

No Extremo Oeste Baiano, o município que sofreu o maior peso causado pelo dinamismo da mesorregião foi Luís Eduardo Magalhães com 486,31%, destacando-se as culturas do milho, com 353,08%, e da soja, com 315,95%. Da mesma forma, no Centro Sul Baiano, o município de Barra do Choça foi o que apresentou a maior correlação com a mesorregião, visto que sua componente de crescimento global representou 86,44% da componente total. Nesse município, a influência maior da taxa de crescimento foi sobre a cafeicultura, 186,82%.

O município de Rio Real foi o mais influenciado pelo crescimento da mesorregião Nordeste Baiano, sendo que sua componente global foi a maior, 133,94%, entre os municípios estudados. No Centro Norte Baiano, por sua vez, o município de Mirangaba foi o que apresentou maior dependência do crescimento da mesorregião, principalmente em relação à cultura do milho.

Visto que o crescimento total das culturas estudadas foi positivo em Juazeiro, constatou-se que o município sofreu um forte impulso, 130,06%, causado pelo crescimento da mesorregião Vale do São Francisco Baiano, sendo que a cultura da uva apontou a maior dependência, com 277,02%.

Por fim, analisa-se o grau de dependência dos municípios das mesorregiões Sul Baiano e Metropolitana de Salvador. Na primeira, verifica-se que o município com maior grau de dinamismo causado pelo crescimento da mesorregião foi Prado, com uma componente global representando 411,27% da componente total, por conta, principalmente, do crescimento da cultura do mamão. Já na mesorregião Metropolitana de Salvador, Cruz das Almas foi o município que sofreu o maior impacto positivo com a taxa de crescimento dessa amplitude espacial em 175,08%, particularmente devido à representação da cultura da laranja.

As outras duas questões tratam dos fatores estruturais de inovações técnicas e das influências endógenas do município nas culturas analisadas. Elas também foram respondidas através da interpretação dos resultados obtidos com a aplicação do *shift-share*.

Em se tratando da predominância dos fatores estruturais em cada município, enfatiza-se que na mesorregião do Extremo Oeste, o município de Luís Eduardo Magalhães foi o que obteve maior influência das mudanças estruturais para o crescimento do valor da produção agrícola, com 55,23%, tendo destaque para as culturas da soja e do milho.

Na mesorregião do Centro Sul Baiano, notou-se que em poucos casos houve a influência de aspectos de composição estrutural, não havendo assim grande predominância desses aspectos

do crescimento das culturas agrícolas, determinando o crescimento de um município como um todo.

No Nordeste Baiano, os resultados mostraram que os municípios de Rio Real e Jandaíra foram influenciados por mudanças nas estruturas de suas culturas agrícolas, posto que ambos apresentaram alta participação da componente estrutural na componente total. Em Rio Real, essa participação foi de 47,53%, e em Jandaíra, de 61,90%, com destaque para a cultura do coco-da-baía nos dois municípios.

Analisando os resultados para a mesorregião Centro Norte Baiano, é possível observar determinado grau de especialização no município de Morro do Chapéu, que apresentou componente estrutural positiva, 50,88%, o que comprovou a existência de elementos que determinaram uma mudança estrutural na composição das culturas agrícolas nesse município, com destaque para a cultura do milho.

Neste mesmo segmento, notou-se, na mesorregião Vale do São Francisco da Bahia, que o município de Juazeiro foi o único que obteve componente estrutural positiva no agregado das culturas analisadas, ressaltando que houve mudança na estrutura da composição das culturas agrícolas no período estudado.

Na mesorregião Sul Baiano observou-se uma predominância dos aspectos da componente de crescimento estrutural no município de Prado, sendo que esta representou 121,59% da CCT. Isto indica que grande parte das culturas agrícolas do município passou por um processo de mudança estrutural no período do estudo, contribuindo este para o crescimento do valor da produção agrícola.

Por fim, o modelo *shift-share* foi também aplicado à mesorregião Metropolitana de Salvador, onde foram verificadas mudanças estruturais em quase todos os municípios, sendo que Muritiba foi o que obteve maior participação da CCEM na CCT, 23,10%.

A última questão tratou dos fatores de natureza local como determinantes para o dinamismo dos municípios pesquisados. Neste contexto, verificou-se na mesorregião do Extremo Oeste que o município de Formosa do Rio Preto apresentou o maior impulso ocasionado por fatores de natureza endógena ao município, 74,27%, favorecendo com maior intensidade as culturas de feijão, milho e soja.

Na mesorregião do Centro Sul Baiano, tanto em Mucugê quanto em Amargosa houve um impulso muito forte no crescimento das culturas agrícolas, causado pelas questões locais endógenas aos municípios, mas que são exógenas às culturas, visto que as componentes regionais de crescimento nesses municípios foram 94,90% e 138,38%, respectivamente.

Por outro lado, na mesorregião Nordeste Baiano, notou-se também que iniciativas e características locais e regionais influenciaram alguns municípios, sendo que Euclides da Cunha foi o mais beneficiado por esses elementos, uma vez que a componente regional representou 125,57% da componente de crescimento total.

Na mesorregião Centro Norte Baiano, notou-se o caráter determinante dos elementos de natureza endógena ao município de Ourolândia e, ao mesmo tempo, exógenos às culturas como fonte de crescimento, com destaque para este município que apresentou componente regional positiva, 198,15%.

Os municípios de Sobradinho e Casa Nova tiveram um crescimento do valor da produção fortemente influenciado por elementos locais inerentes às culturas, na mesorregião do Vale do São Francisco da Bahia, dado que a componente regional representou 86,04% e 63,65%, respectivamente, da componente de crescimento total.

Na mesorregião Sul Baiano, os municípios de Itamaraju e Presidente Tancredo Neves sofreram grande contribuição de características endógenas para o crescimento do valor da produção das culturas agrícolas, posto que, no primeiro município, a componente regional participou com 74,02% da componente total, enquanto que em Presidente Tancredo Neves esta mesma participação foi de 76,50%, evidenciando o caráter determinante no crescimento das culturas agrícolas desses municípios.

Da mesma maneira, na mesorregião Metropolitana de Salvador, alguns municípios apresentaram crescimento impulsionado por aspectos endógenos a eles, sendo importante ressaltar os municípios de Governador Mangabeira e Muritiba, que mostraram dinamismo local, tendo a componente regional representado 51,34% e 34,65%, respectivamente, da componente de crescimento local.

A partir desses resultados, identificam-se os fatores determinantes para o crescimento das culturas e municípios das sete mesorregiões aqui estudadas entre os anos de 2001 e 2010. Neste contexto, salienta-se que diversos municípios e mesorregiões contam com investimentos de capital e de tecnologias no campo da agricultura, uma vez que apresentaram

mudanças na estrutura da composição de muitos dos setores analisados, sendo isso visível através dos valores positivos da componente de crescimento estrutural, o que deduz um aspecto determinante em muitos municípios aqui analisados. Ademais, constatou-se também a presença da componente de crescimento regional residual como fator de influência para o crescimento do valor da produção em alguns municípios, enfatizando-se a relevância dos aspectos endógenos da região e ratificando a capacidade competitiva desses municípios. Ressaltando que em muitos deles, houve uma predominância dos elementos de natureza local como fonte de crescimento das culturas agrícolas.

Tendo em vista as limitações do modelo *shift-share*, principalmente por este não se tratar de um modelo explicativo, e sim indicativo, um estudo com o intuito de reconhecer os pormenores dos fatores que compõem as componentes de crescimento em cada cultura e/ou município de cada mesorregião pode complementar este trabalho no sentido de explicitar as reais fontes de crescimentos das culturas agrícolas pesquisadas. Com isso, será importante seguir esses dados no futuro com o objetivo de aprimorar a capacidade explicativa e entender melhor os fatores que geram o crescimento agrícola.

Esta dissertação teve o intuito de realizar um estudo de diagnóstico da agricultura baiana de maneira a contribuir com as discussões sobre as configurações das atividades desenvolvidas em cada mesorregião através das fontes de crescimento do valor da produção dessas culturas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edinalva Padre et alii. **Política: O Poder em Disputa**. Vitória da Conquista e Região. Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 1999 (Série Memória Conquistense).

ALMEIDA, J. ; NAVARRO, Z. **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

ALVES, A.F. **Contribuição da agricultura ao crescimento econômico: o excedente financeiro de 1980 a 1998**. Tese de doutorado – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2000. 127p.

ALVES, E. R. A. ; PATORE, A. C., A Política Agrícola no Brasil e a hipótese da inovação induzida. In ALVES, E. R. A. et alii. **Coletânea de trabalhos sobre a EMBRAPA**. Brasília: EMBRAPA-DID, 1980.

ARAÚJO, P. F. C.; SCHUH, G. E. Desenvolvimento Econômico e Agricultura. In: BARROS, G. S. C. **Fundamentos da Economia Agrícola**. Piracicaba: ESALQ, Departamento de Economia, Administração e Sociologia Rural, 1991. cap.4, p. 227-259.

ARAÚJO, P. F. C.; ALMEIDA, A. de. Financiamento da agricultura no Brasil: da crise ao crédito barato à perspectiva de um novo modelo. In: TEIXEIRA, Erly C.; VIEIRA, Wilson da C. (edit.). **Reforma da política agrícola e econômica**. Viçosa: UFV, 1996. p. 161-81.

ARCELUS, Francisco J. An extension of Shift-Share Analysis. **Growth and Change**. USA, v.1 n.15, p 3-8, 1984.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária – SEAGRI. **Bahia, terra das oportunidades**. Salvador, 2011.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária – SEAGRI. **Estimativa da população 2006 e IDH dos Municípios por Território de Identidade**. Salvador, 2006.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária – SEAGRI. **PIB do Agronegócio Baiano 2000 a 2005**. Salvador, 2006. (Série estudos agrícolas).

BAIARDI, A. Desenvolvimento rural e consolidação da moderna agricultura familiar: de colonos a neo-farmers. **Bahia análise & dados**, Salvador, v. 13, n. 4, p. 951-968, 2004.

BAIXAR MAPAS. **Mapa da Bahia: Mesorregiões**. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-bahia-mesorregioes/>>. Acesso em: 03 nov. 2012

BALSAN, Rozane. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. Porto Alegre. **Campo-território: revista de geografia agrária**, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

BARROS, A.L.M. **Capital, produtividade e crescimento da agricultura**: o Brasil de 1970 a 1985. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 1999. 220p.

BROWN, H. J. Shift and share projection of regional economic growth: an empirical test. **Journal of Regional Science**, v.9, n.1, p.1-8, 1969.

BROWN, H. J. The stability of the regional share component: reply. **Journal of Regional Science**, v 11, n.1. p.107-112, 1971.

CASTRO, A. B. de. Agricultura e desenvolvimento no Brasil. In: CASTRO, A. B. **Sete ensaios sobre a economia brasileira**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972. v.1, p. 77-146.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA). **PIB do agronegócio**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em 06 de Março de 2012.

COUTO FILHO, V. **A Agropecuária baiana**; Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: Um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro – Brasília: MDA; Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COUTO FILHO, V. A Agropecuária baiana; transformações e impactos. **Bahia Análise & Dados**, Salvador (BA), v. 13, n. 4, p. 819-831, mar. 2004.

COUTO FILHO, V. A. (coord). **Novos mundos rurais baianos**. Salvador: SEI, 1999. (Séries Estudos e Pesquisas)

CREAMER, D. Shift in manufacturing industries. In: NATIONAL RESOURCES PLANNING BOARD. **Industrial location and natural resources**. USA, dez., 1942.

DELGADO, N. G. A Relação entre a Macroeconomia e a política agrícola: provocações para um debate interrompido. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 14, Out. 1999.

DUNN, Edgar S.Jr. A Statistical and Analitical Technique for Regional Analysis. **Papers and Proceedings of the Regional Science Association**. USA, v. 6, p. 97 – 112, 1960.

DUNN, Edgar S. Jr. Une Technique et Analitique d’ Analyse Régionale: Description et Projection. **Economie Appliquée**. Paris, v. 12, n. 4, p. 521 – 530, 1959.

EHLERS, E. **Agricultura sustentável**: origens e perspectivas de um novo paradigma. 2ª ed. Guaíba: Agropecuária. 1999.

ESTEBAN-MAQUILLAS J. M. Shift and Share Análisis Revisited. **Regional and Urban Economics**. North-Holland, v 2, n. 3:, p.249-261, Oct. 1972

FIGUEIREDO, Margarida Garcia de. **Agricultura e estrutura produtiva do estado do Mato Grosso**: uma análise insumo-produto. Dissertação de Mestrado – Piracicaba, 2003. 188p

FISCHER, Fernando. História do Baixo Sul. In: FISCHER, Fernando (org.). **Baixo Sul da Bahia: uma proposta de desenvolvimento territorial** – Salvador: CIAGS/UFBA, 2007. 224p – (Coleção Gestão Social - Série Editorial CIAGS)

GALEANO, E. V. *et al.* Produtividade do trabalho e intensidade tecnológica industrial nas regiões do Brasil e nos setores do nordeste. **Revista Desenbahia**, n.17. set. 2012.

GERARDI, L. H. de O. Algumas reflexões sobre modernização da agricultura. **Geografia**, Rio Claro, v. 5, n. 9/10, p. 19-34, 1980.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo, HUCITEC. 1981. p 30.

GUILHOTO, J. J. M., ICHIHARA, S. M. PIB do agronegócio baiano, 2004. **Bahia Agrícola**, Salvador, v. 7, n.2, abr., 2006

HADDAD, P. R *et al.* **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB – ETENE, 1989.

HAYAMI, Y ; RUTTAN, V. W. **Agricultural development: an international perspective**. Baltimore: J. Hopkins, 1971.

HERNÁNDEZ, J.R; PANIAGUA, M. A. M. **Componentes espaciales en El modelo Shift-Share: una aplicación a caso de las regiones peninsulares españolas**. Espanha: Departamento de Economía. Universidad de Extremadura. Universidad de Extremadura, 2008.

HERZOG, H.W; OLSEN, R.J. Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure, a reply. **Journal of Regional Science**, v.19, n.3, p.393-395, 1979.

IBGE. **Censo Agropecuário 1950**. Brasil, 1950. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: set. 2012

IBGE. **Censo Agropecuário 1960**. Brasil, 1970. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: set. 2012

IBGE. **Censo Agropecuário 1980**. Brasil, 1980. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: nov. 2012

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Bahia, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: nov. 2012

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Bahia, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: out. 2012

IBGE. **Contagem da População 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: out. 2012

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2012

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2012

IGREJA, A. C. M. *et al.* **Análise quantitativa do desempenho da agricultura paulista, 1966-77**. São Paulo: IEA, 1982. 35 p. (Relatório de Pesquisa, 7/82).

IGREJA, A. C. M.; YOKOYAMA, L. P. Principais lavouras da região Centro-Oeste: variações no período 1975-1987. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 27, n. 5, maio 1992.

JOHNSTON, B.F.; MELLOR, J.W. The role of agriculture in economic development. **American Economic Review**, New York, v. 51, n.4, p. 566-93, 1961.

KUZNETS, Simon. "Economic Growth and the Contribution of Agriculture: Notes on Measurement." **International Journal of Agrarian Affairs**, v.3, p.56-75, april, 1961.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEWIS, W. A. Economic Development with Unlimited Supplies of Labor. **The Manchester School**. v. 22. p. 3-42. 1954.

LIMA, Larissa Ane de Souza, et al. **Caracterização Geomorfológica do município de Riachão das Neves, oeste baiano, escala 1: 100.000**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2010.

LITTLE, I. M. D. **Economic development: theory, policy, and international relations**. New York: Basic Books, 1982. 452p.

LODDER, C. Crescimento da ocupação regional e seus componentes. In: HADDAD, P.R (org.) **Planejamento regional: método e aplicação ao caso brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1972 (Série Monográfica, 8).

LODDER, Celsius Antônio. Crescimento da ocupação regional e seus componentes. In: HADDAD, P.R (org.) **Planejamento regional: métodos e aplicação ao caso brasileiro**. IPEA/INPES: Rio de Janeiro, 1974. Série monográfica.

LUCENA, R. Batista de. ; SOUZA, Nali de Jesus de. O papel da agricultura no desenvolvimento econômico brasileiro, 1980/1998. **Análise Econômica**. Porto Alegre, v. 19, n. 35, mar, 2001.

LUCENA, Romina Batista de. **O Papel da agricultura no desenvolvimento econômico brasileiro, 1980/1998**. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2000.

MARTINE, G. Fases e faces da modernização agrícola brasileira. **Planejamento e Políticas Públicas**, v.1, n.3, p.3-44, jun. 1990.

MELO, Fernando B. H de. O crescimento agrícola brasileiro nos anos 80 e as perspectivas para os anos 80. **Revista de Economia Política**, v 10, n. 3 (39), set. 1990.

MENDONÇA, Jackson Ornelas. O potencial de crescimento da produção de grãos no Oeste da Bahia. **Revista Bahia Agrícola**. Salvador, v. 7, n. 2, 2006.

MENDONÇA, Jackson Ornelas. Agricultura baiana: de onde viemos e para onde vamos. In: BAHIA, Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária. **Bahia, cenários de uma agricultura**, Salvador: SPA/SEAGRI, 2001.

MOURA, J. G. et.al. Eficiência alocativa e crescimento econômico: o papel do setor agrícola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41. Foz do Iguaçu, 1999. **Anais...** Brasília, SOBER, 1999

NEVES, E. F. **Caminhos do Sertão: Ocupação territorial, Sistema Viário e Intercâmbios Coloniais dos Sertões da Bahia**. Salvador: Arcádia, 2007.

NICHOLLS, W. H. A agricultura e o desenvolvimento econômico do Brasil. **Revista Brasileira de Economia**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 169-206. out/dez 1972.

NICHOLLS, W. H. The place of agriculture in economic development. In: EICHER, C; WITT, L. (Ed.). **Agriculture in economic development**. New York: McGraw-Hill. 1964. Cap1, p. 11-44.

OLIVEIRA, E. S.; CASIMIRO, Ana P. B. S. Educação tradicional e educação Moderna na região centro sul da Bahia, nas décadas de 40 a 60. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DE PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9, 2012. **Anais.....** João Pessoa, 2012

PEDREIRA, M. S. Complexo florestal, desenvolvimento e reconfiguração do espaço rural: o caso da região Extremo Sul Baiano. **Bahia, Análise & Dados – Agrobaiano**. Salvador, v. 3, n. 4, 2004.

PEREIRA, André da S. ; CAMPANILE, Nicole. O método estrutural-diferencial modificado: Uma aplicação para o Estado do rio de Janeiro entre 1986 e 1995. **Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo, v.7, n.13, p.121-140, nov. 1999.

PEREIRA, André da S. A economia do estado do Rio de Janeiro: ontem e hoje. **Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo, n.5, p.177-206, maio 1995.

PEREIRA, André da S. O método estrutural-diferencial e suas reformulações. **Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo, n.9, p.91-104, maio 1997.

PESSOTI, Bruno Casseb ; PESSOTI, Gustavo Casseb. A economia baiana e o desenvolvimento industrial: uma análise do período 1978-2010. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**. v. 13, n. 22, dez. 2010.

RAMPASSO, S. E. A questão ambiental no contexto do desenvolvimento econômico. In: BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997. p. 157-188.

RUTTAN, Vernon. La teoría de la innovación inducida del cambio técnico en el agro de los países desarrollados. In: PIÑEIRO, Martín ; TRIGO, Eduardo. **Cambio técnico en el agro latinoamericano**. San José, Costa Rica, Piñeiro y Trigo, IICA, 1985.

SANTOS, Robério Ferreira dos. Análise crítica da interpretação neoclássica do processo de modernização da agricultura brasileira. In: SANTOS, R.F. dos. **Presença de vieses de mudança técnica da agricultura brasileira**. São Paulo: USP/IPE, 1986, p.39-78.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. Os cerrados da Bahia e a lógica do capital. **Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 1, p. 76-108, jan.-jun. 2008.

SCHUH, G. E. ; ALVES, E. R. A. **O desenvolvimento da agricultura no Brasil**. Rio de Janeiro, APEC, 1971. 369p.

SCHULTZ, T. W. **A Transformação da Agricultura Tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, 206 p.

SILVA, G. L. S. P. Reflexões sobre o papel da agricultura no Brasil. **Agricultura em São Paulo**, v. 29, n. 2, p. 1-120, 1982.

SIMÕES, Rodrigo. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG. 2005. (Texto para Discussão, n. 259)

SPÍNOLA, Noélio Dantaslé. A implantação de distritos industriais como política de fomento ao desenvolvimento regional: o caso da Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 3, n. 4, p. 27-47, jul. 2001.

STILWELL, F.J.B. Regional Growth and Structural Adaption. **Urban Studies**. Glasgow, v. 8, n. 6, p. 162-78, nov, 1969.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS DO ESTADO DA BAHIA – SEI. **PIB Estadual. 2002-2010**. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=130&Itemid=212>. Acesso em Novembro de 2012.

VIANA, João Aurélio Soares. Agronegócio baiano: história recente de uma revolução silenciosa. **Bahia Análise & Dados – Agrobaiano**, Salvador (BA): SEI, v.13, n.4, 2004.

VIANA, João Aurélio Soares. Protocolos: Uma nova abordagem de política agrícola para dinamizar o agronegócio baiano. In: BAHIA, Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Reforma Agrária. **Bahia, cenários de uma agricultura**. Salvador: SPA/SEAGRI, 2001.

VIEIRA, V. da S. **O governo local e a promoção econômica a partir do marketing territorial no município de Luís Eduardo Magalhães/Bahia**. 2007.138f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Santos Antonio de Jesus, 2007.

WANDERLEY, Lívio A. **Integração inter-regional da indústria e emprego no Nordeste**, 1994. 335p. (Tese de Doutorado). Escola de Administração de Empresa de São Paulo / Fundação Getúlio Vargas, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO EXTREMO OESTE BAIANO

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO EXTREMO OESTE - 2001

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	94.860	69.718	43.656	50.778	124.681	34.105	10.710	428.508
Algodão	11.273	18.708	8.621	15.844	46.955	9.554	1.981	112.936
Milho	31.907	23.133	19.083	8.528	51.618	5.589	6.916	146.774
Feijão	6.435	5.648	6.283	392	10.849	407	628	30.642
TOTAL	144.475	117.207	77.643	75.542	234.103	49.655	20.235	718.860

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO EXTREMO OESTE – 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	195.858	143.947	90.137	104.842	257.429	70.417	22.113	884.742
Algodão	23.275	38.626	17.800	32.713	96.948	19.726	4.090	233.179
Milho	65.879	47.763	39.401	17.608	106.576	11.540	14.279	303.045
Feijão	13.286	11.661	12.973	809	22.400	840	1.297	63.267
TOTAL	298.298	241.998	160.310	155.972	483.353	102.523	41.779	1.484.233

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO EXTREMO OESTE – 2010

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	212.294	186.669	163.802	471.678	391.665	104.110	81.090	1.611.308
Algodão	35.881	124.484	116.775	93.240	449.665	84.389	16.043	920.477
Milho	39.824	63.672	35.947	67.941	131.474	20.652	57.998	417.508

Feijão	24.293	35.764	4.087	7.572	45.994	7.394	10.904	136.008
TOTAL	312.292	410.589	320.611	640.431	1.018.798	216.545	166.035	3.085.301

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	0,084	0,297	0,817	3,499	0,521	0,478	2,667	0,821
Algodão	0,542	2,223	5,560	1,850	3,638	3,278	2,922	2,948
Milho	(0,395)	0,333	(0,088)	2,859	0,234	0,790	3,062	0,378
Feijão	0,828	2,067	(0,685)	8,355	1,053	7,799	7,409	1,150
TOTAL	0,047	0,697	1,000	3,106	1,108	1,112	2,974	1,079

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	(0,077)	(0,229)	(0,450)	(0,778)	(0,343)	(0,324)	(0,727)	(0,451)
Algodão	(0,351)	(0,690)	(0,848)	(0,649)	(0,784)	(0,766)	(0,745)	(0,747)
Milho	0,654	(0,250)	0,096	(0,741)	(0,189)	(0,441)	(0,754)	(0,274)
Feijão	(0,453)	(0,674)	2,174	(0,893)	(0,513)	(0,886)	(0,881)	(0,535)
TOTAL	(0,045)	(0,411)	(0,500)	(0,756)	(0,526)	(0,527)	(0,748)	(0,519)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	211.275	155.278	97.232	113.094	277.693	75.960	23.854	954.386
Algodão	25.108	41.667	19.201	35.288	104.580	21.279	4.412	251.535

Milho	71.064	51.523	42.502	18.994	114.965	12.448	15.404	326.900
Feijão	14.332	12.579	13.994	873	24.163	906	1.399	68.247
TOTAL	321.779	261.047	172.929	168.250	521.402	110.593	45.068	1.601.068

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	35.994	24.370	12.069	(5.086)	39.648	11.051	179	118.224
Algodão	(35.325)	(43.835)	(6.670)	(39.899)	(78.768)	(17.645)	(3.990)	(226.132)
Milho	36.433	17.897	18.821	(4.287)	42.529	3.034	(4.187)	110.241
Feijão	(558)	(260)	(857)	63	(860)	58	81	(2.332)
TOTAL	36.544	(1.828)	23.364	(49.209)	2.548	(3.502)	(7.917)	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	(180.399)	(99.859)	(12.425)	285.824	(116.818)	(35.185)	40.639	337.418
Algodão	(20.674)	15.840	53.180	4.004	145.730	24.165	3.887	(645.394)
Milho	(87.371)	(20.028)	(37.157)	47.970	(57.885)	1.719	42.512	314.633
Feijão	(3.712)	10.955	(22.944)	5.769	(1.300)	5.530	8.035	(6.657)
TOTAL	(292.156)	(93.093)	(19.347)	343.567	(30.274)	(3.771)	95.073	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL - $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Luís Eduardo Magalhães	Barreiras	Correntina	Formosa do Rio Preto	São Desidério	Riachão das Neves	Jaborandi	EXTREMO OESTE
Soja	66.869	79.788	96.875	393.833	200.524	51.826	64.671	1.410.028

Algodão	(30.891)	13.673	65.711	(607)	171.541	27.799	4.309	(619.991)
Milho	20.127	49.391	24.166	62.676	99.609	17.202	53.729	751.773
Feijão	10.063	23.274	(9.807)	6.705	22.003	6.494	9.515	59.258
TOTAL	66.168	166.126	176.946	462.607	493.676	103.320	132.224	1.601.068

APÊNDICE B – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO CENTRO SUL BAIANO

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO SUL BAIANO - 2001

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	1.608	30.240	864	6.420	16.704	55.836
Milho	236	108	3	8	32	387
Mandioca	173	47	1.535	180	468	2.403
Feijão	1.797	87	7	113	810	2.814
Cana-de-açúcar	1.425	190	224	1.481	360	3.680
TOTAL	5.239	30.672	2.633	8.202	18.374	65.120

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO CENTRO SUL BAIANO - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	3.320	62.437	1.784	13.255	34.489	115.285
Milho	487	223	6	17	66	799
Mandioca	357	97	3.169	372	966	4.961
Feijão	3.710	180	14	233	1.672	5.810
Cana-de-açúcar	2.942	392	462	3.058	743	7.598
TOTAL	10.817	63.329	5.436	16.935	37.937	134.454

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO CENTRO SUL BAIANO - 2010

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	27.378	56.700	2.743	10.500	23.760	121.081
Milho	8.415	189	5	120	114	8.843

Mandioca	356	189	5.040	1.526	560	7.671
Feijão	3.832	828	50	477	1.391	6.578
Cana-de-açúcar	1.440	182	756	256	96	2.730
TOTAL	41.421	58.088	8.594	12.879	25.921	146.903

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	7,246	(0,092)	0,538	(0,208)	(0,311)	0,050
Milho	16,270	(0,152)	(0,193)	6,265	0,725	10,067
Mandioca	(0,003)	0,948	0,590	3,106	(0,420)	0,546
Feijão	0,033	3,609	2,460	1,044	(0,168)	0,132
Cana-de-açúcar	(0,511)	(0,536)	0,635	(0,916)	(0,871)	(0,641)
TOTAL	2,829	(0,083)	0,581	(0,239)	(0,317)	0,093

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	(0,879)	0,101	(0,350)	0,262	0,452	(0,048)
Milho	(0,942)	0,180	0,239	(0,862)	(0,420)	(0,910)
Mandioca	0,003	(0,487)	(0,371)	(0,756)	0,726	(0,353)
Feijão	(0,032)	(0,783)	(0,711)	(0,511)	0,202	(0,117)
Cana-de-açúcar	1,043	1,155	(0,388)	10,945	6,743	1,783
TOTAL	(0,739)	0,090	(0,367)	0,315	0,464	(0,085)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	307	5.781	165	1.227	3.193	10.675
Milho	45	21	1	2	6	74
Mandioca	33	9	293	34	89	459
Feijão	344	17	1	22	155	538
Cana-de-açúcar	272	36	43	283	69	704
TOTAL	1.002	5.864	503	1.568	3.513	12.449

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	(869)	551	(26)	174	583	413
Milho	2.081	(2.068)	(58)	(66)	(565)	(675)
Mandioca	(66)	7	(84)	241	(288)	(191)
Feijão	(24)	19	1	6	(22)	(19)
Cana-de-açúcar	(532)	(52)	(1.073)	1.764	366	472
TOTAL	589	(1.543)	(1.240)	2.119	74	0

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	24.760	(9.427)	895	(3.596)	(13.046)	(413)
Milho	941	(211)	(6)	3	(52)	675
Mandioca	(130)	32	224	710	(646)	191
Feijão	(344)	605	33	207	(481)	19
Cana-de-açúcar	915	93	1.663	(2.607)	(537)	(472)

TOTAL	29.602	(11.104)	2.654	(5.624)	(15.529)	-
--------------	--------	----------	-------	---------	----------	---

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL – $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Mucugê	Barra do Choça	Amargosa	Encruzilhada	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
Café	24.198	(3.095)	1.035	(2.194)	(9.269)	10.675
Milho	3.067	(2.258)	(63)	(61)	(611)	74
Mandioca	(163)	48	433	986	(845)	459
Feijão	(25)	641	35	234	(348)	538
Cana-de-açúcar	655	77	633	(560)	(102)	704
TOTAL	31.193	(6.784)	1.918	(1.936)	(11.941)	12.449

APÊNDICE C – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO CENTRO SUL BAIANO

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO NORTE BAIANO - 2001

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	4.838	287	5.600	2.087	240	13.052
Sisal	15.077	2.728	2.748	1.960	1.485	23.998
Feijão	1.164	180	376	277	235	2.232
Banana	3.216	29	525	396	2.250	6.416
Milho	81	284	266	212	82	925
TOTAL	24.376	3.508	9.515	4.932	4.292	46.623

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO NORTE BAIANO - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	9.989	593	11.562	4.309	496	26.949
Sisal	31.130	5.633	5.674	4.047	3.066	49.549
Feijão	2.403	372	776	572	485	4.608
Banana	6.640	60	1.084	818	4.646	13.247
Milho	167	586	549	438	169	1.910
TOTAL	50.329	7.243	19.646	10.183	8.862	96.263

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO CENTRO NORTE BAIANO - 2010

CULTURAS	Campo	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE
----------	-------	------------	----------	-----------	-----------------	--------------

	Formoso					BAIANO
Mandioca	2.280	720	3.240	960	288	7.488
Sisal	73.800	6.480	7.695	4.050	9.720	101.745
Feijão	2.913	3.077	2.027	1.406	208	9.631
Banana	1.632	100	1622	1.694	1.080	6.128
Milho	564	44	396	157	87	1.248
TOTAL	81.189	10.421	14.980	8.267	11.383	126.240

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	(0,772)	0,215	(0,720)	(0,777)	(0,419)	(0,722)
Sisal	1,371	0,150	0,356	0,001	2,170	1,053
Feijão	0,212	7,279	1,611	1,458	(0,571)	1,090
Banana	(0,754)	0,670	0,496	1,072	(0,768)	(0,537)
Milho	2,372	(0,925)	(0,279)	(0,641)	(0,486)	(0,347)
TOTAL	0,613	0,439	(0,237)	(0,188)	0,285	0,311

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	3,381	(0,177)	2,569	3,489	0,721	2,599
Sisal	(0,578)	(0,131)	(0,263)	(0,001)	(0,685)	(0,513)
Feijão	(0,175)	(0,879)	(0,617)	(0,593)	1,333	(0,522)
Banana	3,069	(0,401)	(0,332)	(0,517)	3,301	1,162

Milho	(0,703)	12,327	0,387	1,788	0,946	0,530
TOTAL	(0,380)	(0,305)	0,311	0,232	(0,221)	(0,237)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	3.111	185	3.601	1.342	154	8.392
Sisal	9.694	1.754	1.767	1.260	955	15.430
Feijão	748	116	242	178	151	1.435
Banana	2.068	19	338	255	1.447	4.125
Milho	52	183	171	136	53	595
TOTAL	15.673	2.256	6.118	3.171	2.760	29.977

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	3.857	(1.430)	2.760	1.731	(305)	6.614
Sisal	(2.763)	(2.394)	(2.090)	(1.887)	403	(8.731)
Feijão	(1.043)	585	(29)	(46)	(319)	(852)
Banana	3.353	(89)	(1.349)	(1.676)	2.432	2.670
Milho	(323)	352	57	167	45	298
TOTAL	3.080	(2.976)	(650)	(1.711)	2.257	(0)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	(4.353)	1.985	(2.733)	(1.968)	455	(6.614)
Sisal	12.641	(2.692)	(1.866)	(2.373)	3.021	8.731
Feijão	(1.066)	1.716	433	257	(487)	852
Banana	(4.792)	161	2.470	2.992	(3.501)	(2.670)
Milho	778	(691)	(20)	(296)	(68)	(298)
TOTAL	3.207	479	(1.716)	(1.389)	(581)	0

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL – $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Campo Formoso	Ourolândia	Jacobina	Mirangaba	Morro do Chapéu	CENTRO NORTE BAIANO
Mandioca	2.615	740	3.628	1.105	305	8.392
Sisal	19.572	(3.332)	(2.189)	(3.000)	4.379	15.430
Feijão	(1.361)	2.416	646	389	(655)	1.435
Banana	628	91	1.458	1.570	378	4.125
Milho	507	(157)	208	7	29	595
TOTAL	21.961	(242)	3.752	71	4.435	29.977

APÊNDICE D – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO NORDESTE BAIANO

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO NORDESTE BAIANO - 2001

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	412	23	3	20	270	728
Feijão	2.592	86	10	36	725	3.449
Laranja	2	41.400	450	1.440	399	43.691
Mandioca	3.920	715	72	501	3.920	9.128
Coco-da-Baía	3	5.940	9.945	13.440	85	29.413
TOTAL	6.929	48.164	10.480	15.437	5.399	86.409

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO NORDESTE BAIANO - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	851	47	6	41	557	1.503
Feijão	5.352	178	21	74	1.497	7.121
Laranja	4	85.479	929	2.973	824	90.209
Mandioca	8.094	1.476	149	1.034	8.094	18.847
Coco-da-Baía	6	12.264	20.533	27.750	175	60.729
TOTAL	14.306	99.444	21.638	31.873	11.147	178.409

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO NORDESTE BAIANO - 2010

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	27.000	119	140	55	2.955	30.269
Feijão	106.159	585	485	156	1.659	109.044
Laranja	8	108.000	3.780	14.580	1.277	127.645

Mandioca	4.752	1.782	535	1.188	20.460	28.717
Coco-da-Baía	5	2.268	25.200	12.600	137	40.210
TOTAL	137.924	112.754	30.140	28.579	26.488	335.885

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	30,740	1,506	21,602	0,332	4,301	19,138
Feijão	18,836	2,295	22,490	1,099	0,108	14,313
Laranja	0,937	0,263	3,068	3,904	0,550	0,415
Mandioca	(0,413)	0,207	2,599	0,148	1,528	0,524
Coco-da-Baía	(0,193)	(0,815)	0,227	(0,546)	(0,219)	(0,338)
TOTAL	8,641	0,134	0,393	(0,103)	1,376	0,883

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	(0,968)	(0,601)	(0,956)	(0,249)	(0,811)	(0,950)
Feijão	(0,950)	(0,696)	(0,957)	(0,524)	(0,098)	(0,935)
Laranja	(0,484)	(0,209)	(0,754)	(0,796)	(0,355)	(0,293)
Mandioca	0,703	(0,172)	(0,722)	(0,129)	(0,604)	(0,344)
Coco-da-Baía	0,239	4,408	(0,185)	1,202	0,281	0,510
TOTAL	(0,896)	(0,118)	(0,282)	0,115	(0,579)	(0,469)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	751	42	5	36	492	1.327

Feijão	4.724	157	18	66	1.321	6.286
Laranja	4	75.449	820	2.624	727	79.625
Mandioca	7.144	1.303	131	913	7.144	16.635
Coco-da-Baía	5	10.825	18.124	24.494	155	53.604
TOTAL	12.628	87.776	19.099	28.133	9.839	157.476

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	(2.528)	(810)	(46)	(727)	(8.754)	(12.865)
Feijão	(22.419)	(2.112)	(51)	(926)	(19.331)	(44.838)
Laranja	1	21.016	(229)	(1.169)	161	19.780
Mandioca	2.311	307	(14)	223	345	3.172
Coco-da-Baía	3	12.749	388	21.533	80	34.752
TOTAL	(22.633)	31.150	48	18.933	(27.498)	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	12.398	(28)	61	(49)	483	12.865
Feijão	46.629	(22)	220	(57)	(1.932)	44.838
Laranja	2	(33.968)	2.694	11.542	(50)	(19.780)
Mandioca	(9.891)	(774)	322	(611)	7.782	(3.172)
Coco-da-Baía	(2)	(18.601)	11.217	(27.306)	(59)	(34.752)
TOTAL	49.135	(53.393)	14.514	(16.481)	6.224	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL – $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Euclides da Cunha	Rio Real	Acajutiba	Jandaíra	Crisópolis	NORDESTE BAIANO
Milho	10.621	(795)	21	(740)	(7.779)	1.327
Feijão	28.934	(1.977)	187	(917)	(19.941)	6.286
Laranja	6	62.498	3.285	12.997	838	79.625
Mandioca	(436)	836	440	525	15.272	16.635
Coco-da-Baía	6	4.973	29.729	18.720	176	53.604
TOTAL	39.130	65.533	33.662	30.586	(11.435)	157.476

APÊNDICE E – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO VALE DO SÃO FRANCISCO DA BAHIA

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO - 2001

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	38.434	89	2.952	6.387	1.842	49.704
Melancia	1.406	75	297	1.073	648	3.499
Banana	8.836	67	559	448	1.154	11.064
Coco-da-Baía	1.418	23	48	127	52	1.668
Manga	31.609	87	1.850	3.124	1.152	37.822
TOTAL	81.703	341	5.706	11.159	4.848	103.757

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	79.355	184	6.095	13.187	3.803	102.624
Melancia	2.903	155	613	2.215	1.338	7.224
Banana	18.244	138	1.154	925	2.383	22.844
Coco-da-Baía	2.928	47	99	262	107	3.444
Manga	65.263	180	3.820	6.450	2.379	78.091
TOTAL	168.693	704	11.781	23.040	10.010	214.228

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO - 2010

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	134.970	1.782	1.889	57.622	13.547	209.810
Melancia	9.821	1.360	2.185	4.375	4.466	22.207
Banana	2.431	528	2.700	2.244	12.000	19.903

Coco-da-Baía	39.923	990	238	1.020	910	43.081
Manga	92.156	840	3.588	15.374	4.733	116.691
TOTAL	279.301	5.500	10.600	80.635	35.656	411.692

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	0,701	8,698	(0,690)	3,370	2,562	1,044
Melancia	2,383	7,783	2,563	0,975	2,338	2,074
Banana	(0,867)	2,817	1,339	1,426	4,036	(0,129)
Coco-da-Baía	12,636	19,847	1,401	2,890	7,476	11,509
Manga	0,412	3,676	(0,061)	1,384	0,990	0,494
TOTAL	0,656	6,812	(0,100)	2,500	2,562	0,922

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	(0,412)	(0,897)	2,227	(0,771)	(0,719)	(0,511)
Melancia	(0,704)	(0,886)	(0,719)	(0,494)	(0,700)	(0,675)
Banana	6,505	(0,738)	(0,573)	(0,588)	(0,801)	0,148
Coco-da-Baía	(0,927)	(0,952)	(0,584)	(0,743)	(0,882)	(0,920)
Manga	(0,292)	(0,786)	0,065	(0,580)	(0,497)	(0,331)
TOTAL	(0,396)	(0,872)	0,111	(0,714)	(0,719)	(0,480)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	73.145	169	5.618	12.155	3.506	94.594

Melancia	2.676	143	565	2.042	1.233	6.659
Banana	16.816	128	1.064	853	2.196	21.056
Coco-da-Baía	2.699	44	91	242	99	3.174
Manga	60.156	166	3.521	5.945	2.192	71.981
TOTAL	155.493	649	10.859	21.237	9.226	197.464

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	(5.522)	33	(689)	181	(44)	(6.040)
Melancia	(1.429)	87	(280)	(1.699)	(670)	(3.992)
Banana	17.640	(186)	(482)	(436)	(5.026)	11.510
Coco-da-Baía	(13.415)	(67)	(944)	(2.327)	(736)	(17.489)
Manga	14.180	(48)	1.099	469	312	16.011
TOTAL	11.453	(181)	(1.297)	(3.812)	(6.164)	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	(41.219)	1.328	(11.379)	27.244	4.882	(19.144)
Melancia	(4.363)	440	(833)	(5.841)	(2.059)	(12.655)
Banana	7.226	884	4.601	3.818	19.956	36.484
Coco-da-Baía	(45.281)	(543)	(2.156)	(5.486)	(1.971)	(55.436)
Manga	36.249	773	47	10.781	2.900	50.751
TOTAL	(47.388)	2.883	(9.719)	30.516	23.708	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL – $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Juazeiro	Sobradinho	Sento Sé	Casa Nova	Curaçá	VALE DO SÃO FRANCISCO
Uva	26.404	1.531	(6.450)	39.580	8.344	69.410
Melancia	(3.116)	670	(548)	(5.498)	(1.496)	(9.988)
Banana	41.682	826	5.183	4.234	17.126	69.051
Coco-da-Baía	(55.998)	(566)	(3.009)	(7.571)	(2.608)	(69.751)
Manga	110.585	891	4.667	17.195	5.405	138.743
TOTAL	119.558	3.351	(157)	47.941	26.771	197.464

APÊNDICE F – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO DO SUL BAIANO

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO SUL BAIANO - 2001

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	2.702	236	6.276	2.776	32.250	670	44.910
Cacau	1.822	15.141	13.035	1.901	9.845	1.658	43.402
Café	7.487	79	5.200	165	56	1.458	14.445
Maracujá	523	20	257	192	375	450	1.817
Mamão	47.702	500	6.036	108	84	15.957	70.387
TOTAL	60.236	15.976	30.804	5.142	42.610	20.193	174.961

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO SUL BAIANO - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	5.579	487	12.958	5.732	66.587	1.383	92.726
Cacau	3.762	31.262	26.913	3.925	20.327	3.423	89.612
Café	15.458	163	10.736	341	116	3.010	29.825
Maracujá	1.080	41	531	396	774	929	3.752
Mamão	98.491	1.032	12.463	223	173	32.946	145.328
TOTAL	124.370	32.986	63.601	10.617	87.977	41.693	361.243

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DO SUL BAIANO - 2010

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	2.880	4.800	5.850	10.080	72.150	704	96.464

Cacau	5.040	59.904	25.350	7.513	26.863	1.706	126.376
Café	43.200	634	35.100	367	352	2.001	81.654
Maracujá	5.400	351	750	1.860	1.046	1.370	10.777
Mamão	69.300	1.215	41.069	360	891	24.548	137.383
TOTAL	125.820	66.904	108.119	20.180	101.302	30.329	452.654

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 ($\eta = V^1 / V^0$) - 1

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	(0,484)	8,851	(0,549)	0,759	0,084	(0,491)	0,040
Cacau	0,340	0,916	(0,058)	0,914	0,322	(0,502)	0,410
Café	1,795	2,887	2,269	0,077	2,044	(0,335)	1,738
Maracujá	4,001	7,500	0,413	3,692	0,351	0,475	1,873
Mamão	(0,296)	0,177	2,295	0,614	4,137	(0,255)	(0,055)
TOTAL	0,012	1,028	0,700	0,901	0,151	(0,273)	0,253

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 ($\lambda = V^0 / V^1$) - 1

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	0,937	(0,898)	1,215	(0,431)	(0,077)	0,965	(0,039)
Cacau	(0,254)	(0,478)	0,062	(0,478)	(0,243)	1,007	(0,291)
Café	(0,642)	(0,743)	(0,694)	(0,072)	(0,672)	0,504	(0,635)
Maracujá	(0,800)	(0,882)	(0,292)	(0,787)	(0,260)	(0,322)	(0,652)
Mamão	0,421	(0,150)	(0,697)	(0,381)	(0,805)	0,342	0,058
TOTAL	(0,012)	(0,507)	(0,412)	(0,474)	(0,132)	0,375	(0,202)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Prado	Ihéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	1.412	123	3.279	1.450	16.850	350	23.464
Cacau	952	7.911	6.810	993	5.144	866	22.676
Café	3.912	41	2.717	86	29	762	7.547
Maracujá	273	10	134	100	196	235	949
Mamão	24.923	261	3.154	56	44	8.337	36.775
TOTAL	31.471	8.347	16.094	2.687	22.262	10.550	91.411

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Prado	Ihéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	717	(680)	1.802	(426)	2.391	179	3.984
Cacau	(143)	415	(1.976)	51	(806)	(386)	(2.845)
Café	(4.255)	32	(750)	(347)	(19)	(3.604)	(8.943)
Maracujá	681	91	(522)	195	(783)	(888)	(1.227)
Mamão	12.305	2	(6.834)	(25)	(178)	3.761	9.031
TOTAL	9.304	(140)	(8.279)	(551)	604	(938)	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Prado	Ihéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	(3.641)	4.973	(9.432)	4.543	488	(915)	(3.984)
Cacau	(122)	15.402	(10.629)	1.926	(997)	(2.735)	2.845
Café	5.133	155	6.455	(219)	55	(2.637)	8.943

Maracujá	1.617	141	(252)	526	(395)	(411)	1.227
Mamão	(36.111)	237	36.122	174	905	(10.358)	(9.031)
TOTAL	(33.123)	20.909	22.263	6.951	56	(17.056)	-

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL – $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Prado	Ilhéus	Itamaraju	Presidente Tancredo Neves	Wenceslau Guimarães	Eunápolis	SUL BAIANO
Banana	(1.512)	4.416	(4.351)	5.568	19.728	(385)	23.464
Cacau	687	23.728	(5.794)	2.971	3.340	(2.255)	22.676
Café	4.790	229	8.423	(479)	65	(5.479)	7.547
Maracujá	2.571	243	(640)	822	(982)	(1.064)	949
Mamão	1.117	500	32.441	206	771	1.740	36.775
TOTAL	7.652	29.116	30.078	9.086	22.922	(7.444)	91.411

APÊNDICE G – APLICAÇÃO DO MODELO *SHIFT-SHARE* NA MESORREGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DA METROPOLITANA DE SALVADOR - 2001

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçú	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	2.693	1.482	2.678	1.082	654	3	8.592
Laranja	5.864	574	5.242	905	1.084	115	13.784
Mandioca	1.335	1.023	1.388	1.620	999	1.458	7.823
Feijão	83	226	63	138	63	50	623
Limão	76	3	38	1	1	3	122
TOTAL	10.051	3.308	9.409	3.746	2.801	1.629	30.944

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DA METROPOLITANA DE SALVADOR - 2001 (A Preços Constantes de 2010)

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçú	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	5.560	3.060	5.529	2.234	1.350	6	17.740
Laranja	12.107	1.185	10.823	1.869	2.238	237	28.460
Mandioca	2.756	2.112	2.866	3.345	2.063	3.010	16.152
Feijão	171	467	130	285	130	103	1.286
Limão	157	6	78	2	2	6	252
TOTAL	20.752	6.830	19.427	7.734	5.783	3.363	63.890

MATRIZ DE INFORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS CULTURAS DA METROPOLITANA DE SALVADOR - 2010

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçu	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	7.896	4.474	8.640	5.263	1.421	5	27.699
Laranja	16.737	1.916	13.209	5.775	6.542	683	44.862
Mandioca	3.240	2.121	1.890	3.600	1.680	3.315	15.846
Feijão	293	1.656	233	887	483	337	3.889
Limão	840	600	444	180	1.980	36	4.080
TOTAL	29.006	10.767	24.416	15.705	12.106	4.376	96.376

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO: Ano Base 2001 $\eta = (V^1 / V^0) - 1$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçu	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	0,420	0,462	0,563	1,356	0,052	(0,193)	0,561
Laranja	0,382	0,617	0,220	2,091	1,923	1,877	0,576
Mandioca	0,175	0,004	(0,341)	0,076	(0,186)	0,101	(0,019)
Feijão	0,710	2,549	0,791	2,113	2,713	2,264	2,023
Limão	4,353	95,866	4,659	86,180	957,975	4,812	15,197
TOTAL	0,398	0,576	0,257	1,031	1,093	0,301	0,508

MATRIZ TAXA DE CRESCIMENTO INVERTIDA: Ano Base 2010 $\lambda = (V^0 / V^1) - 1$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçu	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	(0,296)	(0,316)	(0,360)	(0,576)	(0,050)	0,239	(0,360)
Laranja	(0,277)	(0,381)	(0,181)	(0,676)	(0,658)	(0,652)	(0,366)

Mandioca	(0,149)	(0,004)	0,516	(0,071)	0,228	(0,092)	0,019
Feijão	(0,415)	(0,718)	(0,442)	(0,679)	(0,731)	(0,694)	(0,669)
Limão	(0,813)	(0,990)	(0,823)	(0,989)	(0,999)	(0,828)	(0,938)
TOTAL	(0,285)	(0,366)	(0,204)	(0,508)	(0,522)	(0,231)	(0,337)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO GLOBAL - $CCG = V_{ij}^0 \eta_{tt}$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçú	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	2.827	1.556	2.811	1.136	687	3	9.020
Laranja	6.156	603	5.503	950	1.138	121	14.471
Mandioca	1.402	1.074	1.457	1.701	1.049	1.531	8.213
Feijão	87	237	66	145	66	52	654
Limão	80	3	40	1	1	3	128
TOTAL	10.552	3.473	9.878	3.933	2.941	1.710	32.486

COMPONENTE DE CRESCIMENTO ESTRUTURAL MODIFICADA - $CCEM = V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) - V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçú	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	(117)	(61)	(98)	0	(40)	(0)	(316)
Laranja	(344)	(26)	(358)	38	35	3	(651)
Mandioca	299	358	838	481	489	406	2.872
Feijão	-162	-157	-120	-137	-37	-44	(657)
Limão	-1800	270	-886	78	1160	-69	(1.247)
TOTAL	(2.124)	384	(623)	460	1.608	296	(0)

COMPONENTE DE CRESCIMENTO REGIONAL RESIDUAL - $CCRR = V_{ij}^0(\eta_{ij} - \eta_{it}) - V_{ij}^1(\lambda_{tt} - \lambda_{it}) + V_{ij}^0(\eta_{it} - \eta_{tt})$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçu	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	(669)	(242)	105	1.775	(648)	(4)	316
Laranja	(2.004)	74	(3.494)	2.792	2.979	305	651
Mandioca	237	(309)	(1.759)	(163)	(833)	(45)	(2.872)
Feijão	(63)	402	(41)	163	126	69	657
Limão	98	230	59	69	787	5	1.247
TOTAL	(2.401)	154	(5.130)	4.635	2.412	331	0

COMPONENTE DE CRESCIMENTO TOTAL - $CCT = CCG + CCEM + CCRR$

CULTURAS	Cruz das Almas	Cabaceiras do Paraguaçu	Sapeaçu	Gov. Magabeira	Muritiba	Cachoeira	Metropolitana de Salvador
Fumo	2.041	1.252	2.818	2.911	(1)	(2)	9.020
Laranja	3.808	650	1.651	3.780	4.152	429	14.471
Mandioca	1.937	1.123	536	2.019	705	1.892	8.213
Feijão	-138	482	-94	170	156	77	654
Limão	-1622	503	-787	148	1948	-61	128
TOTAL	6.027	4.011	4.124	9.028	6.960	2.336	32.486